



Kathy Kacer

Escondendo Edith

uma história real


MELHORAMENTOS





Kathy Kacer

Escondendo
Edith
Uma história real



Para baixar mais livros como esse, acesse: e-Livros.xyz



Tradução /
Adaptação – Jovem

SUMÁRIO

Introdução

1. Maio, 1938 – Viena
2. Bélgica
3. Beaumont-De-Lomagne, França
4. A decisão
5. Deixando Mutti
6. Conhecendo Sarah
7. A casa em Moissac
8. Sempre alerta
9. Gaston
10. Ajude o próximo
11. Um dia especial
12. Os nazistas estão chegando
13. Camp Volant
14. Os escoteiros de Moissac
15. Estamos fechando a casa
16. Lembre-se de quem você é
17. Deixando Moissac
18. Uma nova casa
19. Ste-Foy-La-Grande
20. Orações para Deus
21. A tristeza de Sarah
22. Bombardeio
23. Outra mudança
24. O quarto de Marianne
25. Junho de 1944
26. O reencontro

Epílogo

Nota da Autora

Agradecimentos

Créditos

*Para Edith Schwallt Gelland,
uma mulher corajosa e admirável.*

*Para Gabi e Jake,
com o amor de sempre.*

INTRODUÇÃO

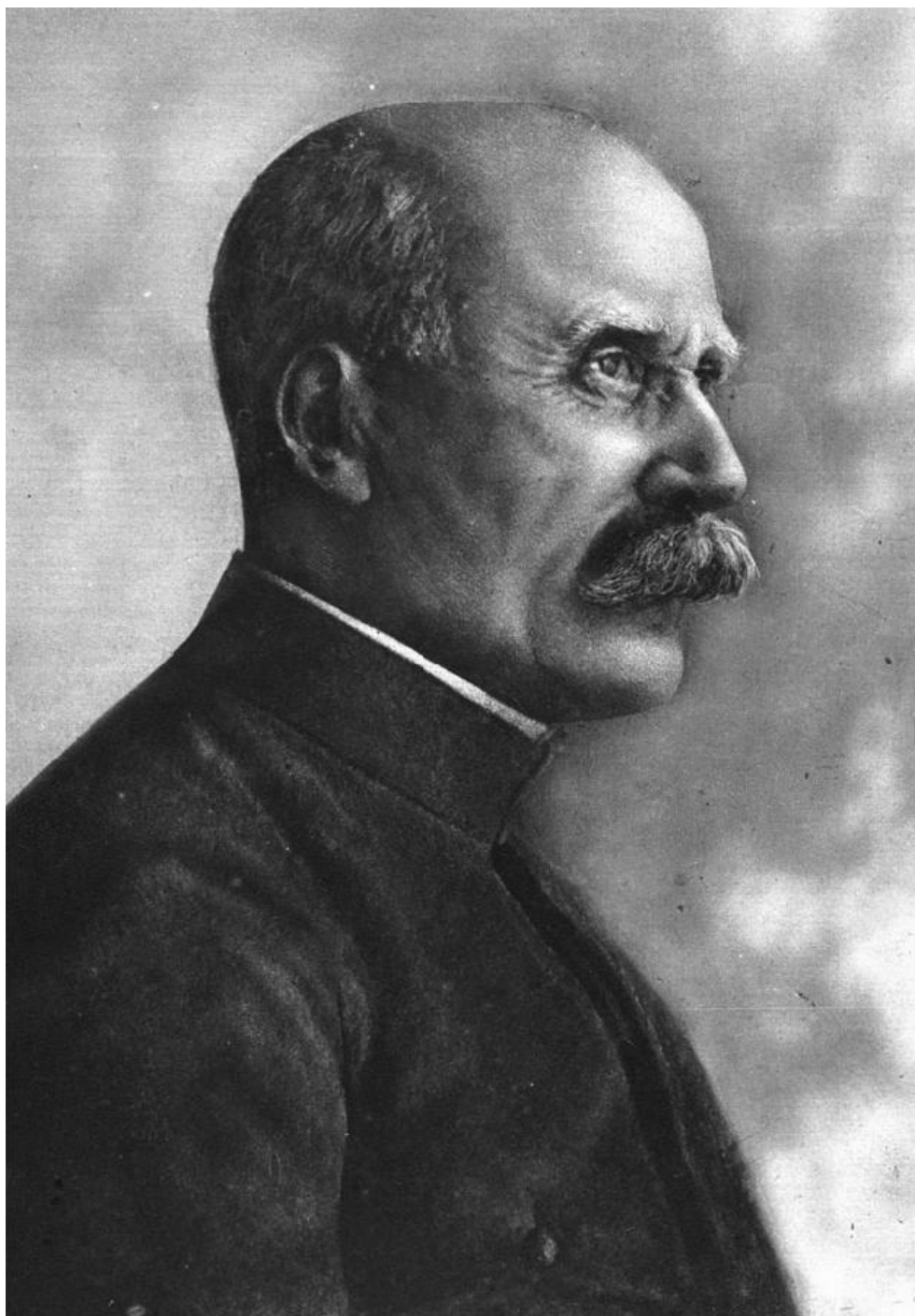
EM 1933, o Partido Nazista, liderado por Adolf Hitler, subiu ao poder na Alemanha. Hitler era um ditador brutal, que acreditava que o povo alemão pertencia a uma raça superior. Seu objetivo, portanto, era eliminar aqueles que considerava “inferiores”, especialmente os judeus. Ele também perseguiu o povo romani (na época chamado de “cigano”), os deficientes e todos os que discordavam de sua política. Seu objetivo era conquistar a Europa e, a partir daí, o mundo inteiro.

Ele começou a colocar seu plano em ação ao invadir Viena, a capital da Áustria, no dia 12 de março de 1939. Em setembro do mesmo ano, a Alemanha invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. Antes da guerra, havia grandes e prósperas comunidades judaicas na Europa. Existiam muitas escolas judaicas, bibliotecas, sinagogas e museus. Os judeus participavam ativamente da vida cultural de todos os países europeus, onde eram compositores, escritores, atletas e cientistas reconhecidos. Mas a guerra trouxe outras regras e, com elas, restrições para os judeus. Suas terras foram confiscadas, não lhes era mais permitido frequentar universidades e faculdades e exercer algumas profissões. Eles também foram forçados a usar uma estrela de Davi amarela afixada na roupa. Foram atacados, presos e tiveram seus negócios fechados. Mais tarde, muitos foram enviados a prisões e campos de concentração para trabalho escravo; ali, passaram fome, foram torturados e mortos. Estima-se que mais de 6 milhões de judeus morreram nas mãos de Adolf Hitler e seu exército nazista durante a Segunda Guerra Mundial, que acabou em 1945.



Estrela de Davi inscrita com a palavra francesa equivalente a judeu (Juif).

Com a guerra fechando o cerco sobre os judeus na Europa, alguns fugiram desesperados de um país para outro, tentando escapar da perseguição de Adolf Hitler e encontrar um lugar onde poderiam estar a salvo. Quando a Alemanha invadiu o norte da França, alguns judeus encontraram refúgio na parte sul do país, que era conhecida como “zona livre”. A cidade de Vichy, no sul da França, estava localizada na zona livre do governo, sob a liderança do marechal Henri Phillipe Pétain.



Henri Phillippe Pétain

O governo de Vichy almejava um bom relacionamento com Adolf Hitler e colaborava intensamente com a Alemanha nazista, esperando receber alguns favores em troca. O regime político de Vichy perseguia vigorosamente os judeus. Os que haviam fugido para o sul da França em busca de segurança foram presos e enviados aos nazistas para serem colocados em campos de concentração. Mais de 75 mil judeus que viviam no sul da França foram enviados aos campos de concentração. Destes, apenas 2.500 sobreviveram.

À medida que as forças de Hitler invadiam um país após o outro, aterrorizando a população e caçando judeus, os lugares considerados seguros foram ficando cada vez mais escassos. Judeus se desesperavam, temendo pela segurança de suas crianças e famílias. Muitos pais foram forçados a tomar uma decisão terrível: escolher alguém para esconder suas crianças.

Crianças judias foram escondidas em conventos, fazendas em lugares remotos, internatos e orfanatos. Muitas famílias cristãs tiveram a coragem de esconder crianças judias dentro de suas próprias casas, correndo o risco de perderem a vida.

Esta era apenas uma maneira de se esconder. Muitas vezes, crianças judias viviam normalmente, ocultando sua identidade com novos nomes e histórias inventadas: onde nasceram, quantos irmãos tinham e até mesmo qual era sua língua materna. Tinham de ficar atentas o tempo todo, tomando cuidado ao fazer amigos e responder até a mais inocente das perguntas. Muitas crianças iam à igreja, escondendo sua fé judaica, aprendendo os costumes e rituais católicos. Sempre com medo, sempre com as malas prontas caso o perigo se aproximasse, continuariam vivas apenas se conseguissem manter o disfarce.

Milhares de crianças judias sobreviveram se escondendo desse modo. Uma delas foi Edith Schwalb. Em razão do temor, ela se mudou de casa muitas vezes, ocultando sua identidade e sua fé. Esta é a sua história espetacular.



Edith Schwalb

ESCONDENDO EDITH

1

MAIO, 1938 – VIENA, ÁUSTRIA

– **DEPRESSA, EDITH** – pediu Papa. – Sua mãe está esperando por nós com o almoço quentinho. Não queremos chegar atrasados, não é?

Edith agarrou a mão de seu pai com força. Mas Papa dava passos largos e ela estava quase correndo para conseguir acompanhá-lo. Mudando a mochila da escola de ombro, tentava não esbarrar nas pessoas ao seu redor. Homens e mulheres corriam em todas as direções, zunindo como abelhas gigantes. Carros buzonavam impacientemente, enquanto pedestres disparavam por entre eles. A luz do Sol iluminava os cabelos de Edith e, por alguns segundos, ela desejou parar ali e aproveitar aquele calor em sua pequena face.

Viena, em maio, vibrava com flores e passarinhos, cheiros e sons. Os cafés abriam as portas, convidando os clientes a entrar e sentar. Vendedores ambulantes exibiam suas mercadorias: uns ofereciam sorvetes cremosos e chocolates de dar água na boca; outros, jornais e revistas. As vitrines das lojas estavam repletas da moda colorida de verão. A cidade tinha acordado, como um urso depois da hibernação. Edith absorvia tudo. Ao mesmo tempo, mantinha o passo, sem parar, acompanhando Papa.

Aquele dia estava tão bonito, e a cidade, tão cheia de energia, que Edith nem se lembrou de como a vida estava se tornando perigosa. Mesmo sendo muito jovem, era impossível viver na Viena de 1938 sem perceber o perigo. Dois meses antes, a Alemanha havia invadido a cidade, e soldados nazistas marcharam sobre as ruas de Viena. Cidadãos austríacos saíram às ruas para aplaudir, abanando bandeiras com a suástica, o emblema do exército nazista. As famílias judias, como a de Edith, não aplaudiram, mas sussurraram o nome de Adolf Hitler com medo. Hitler era o líder do exército alemão e odiava o povo judeu. Ele afirmava que os judeus eram imundos, gananciosos e perigosos. Dizia também que eram inimigos da Alemanha e precisavam ser detidos. Ele prometeu que o povo da Áustria viveria melhor depois que todos os judeus fossem exterminados. Agora que seus apoiadores estavam no poder na Áustria, começariam a perseguir os judeus. Estes tinham sido proibidos de fazer o que normalmente faziam, como ir a jardins e parques, e até mesmo entrar em algumas lojas. Empreendimentos que pertenciam a judeus foram obrigados a fechar ou passaram às mãos de colaboradores nazistas.

Desde que os problemas haviam começado, Papa buscava Edith na escola todos os dias, pois se preocupava com sua segurança. Edith sacudiu a cabeça. Não queria pensar nisso agora. Além do mais, estava com fome. Estava sempre com fome na saída da escola. Seu estômago roncava enquanto ela sonhava com a comida.

– Olá, Herr Schwalb – gritou um homem, acenando para o pai de Edith, interrompendo os

pensamentos dela. — Belo jogo ontem à noite. Seu último gol foi impressionante.

Papa sorriu e acenou de volta, sem desacelerar o seu passo. Edith estava acostumada a ver estranhos cumprimentarem seu pai, querendo um aperto de mão ou mesmo um abraço. Habilidoso jogador de futebol, sua fama corria por toda a cidade: Viena adorava esportes e seus jogadores vitoriosos. Papa não ligava muito para toda essa atenção, mas Edith adorava.

— Ali está o bonde! — gritou Papa. — Venha, Edith! Vamos correr para pegá-lo!



Símbolo nazista na janela de um restaurante informa à população que judeus não são bem-vindos.

Ele apertou a mão da filha com mais força ainda e, juntos, correram a toda pelo cruzamento movimentado e saltaram para dentro do bonde aberto. Papa mal tinha conseguido se equilibrar quando o veículo deu um solavanco para a frente. Edith se aninhou nos braços fortes do pai. Ela gostava de ficar em pé, exatamente desse jeito, no bonde. No abraço de Papa ela se sentia a salvo

e segura, mesmo quando o bonde pulava e balançava. O vento desmanchava seus cabelos curtos e castanhos, e ela levantava as mãos para arrumar o laço branco que sua mãe, Mutti, havia colocado com capricho de manhã.



Bonde adornado com suásticas, o emblema do exército nazista, e uma grande faixa anunciando uma reunião para apoiar a tomada da Áustria.

– Engerthstrasse! – gritou o condutor. – Cuidado com o degrau.

Papa desceu com facilidade e virou-se para ajudar a filha. Edith sorriu ao pegar a mão do pai, descendo as escadas a saltitar na ponta dos pés. Andando pela calçada, pensava: “Apenas mais um quarteirão e já vou almoçar”.

Foi seu último pensamento antes que os soldados os cercassem.

– Gestapo! Documentos, por favor.

Um homem alto e sinistro deu um passo em direção a Edith e seu pai, esticando o braço. Edith ficou paralisada. Ela sabia o que era a Gestapo: uma força policial especial, a comando de Hitler, conhecida por sua crueldade com os judeus. Havia apenas uma semana, um oficial da Gestapo tinha espancado um amigo de seu pai que voltava do trabalho para casa.

– Meu pai estava apenas andando, sem mexer com ninguém – disse sua amiga, Marta. –

Quando pediram os documentos e viram que ele era judeu, lhe deram um soco no estômago e o deixaram deitado na rua.

Edith pensou no pai de Marta enquanto Papa retirava calmamente os documentos do bolso do paletó e os entregava.

O oficial agarrou os documentos, fulminando com o olhar o J impresso na primeira página. Mal olhava para Edith e seu pai.

— *Juden! Judeus!* — murmurou.

— Algum problema, senhor? — perguntou Papa, tirando seu chapéu educadamente ao se dirigir ao oficial da Gestapo.



Judeus são forçados a esfregar a calçada na Áustria, enquanto soldados nazistas os observam.

Pela primeira vez, o homem olhou para Papa. Seu rosto mostrava tanta repulsa! Edith nunca tinha visto tanto ódio antes, e isso a deixou aterrorizada. O homem continuava a olhar para o seu pai, mas sua expressão foi se modificando. De nojo a surpresa e, depois, para reconhecimento.

— *Herr Schwalb!* — gritou ele. — Eu não reconheci você. Sou eu, Ernst. Nós jogamos futebol juntos. Sou um grande fã seu! — Agora, o homem estava sorrindo.

Papa continuava impassível.

– O que está acontecendo aqui, Ernst? Algum problema?



Cartaz na porta de uma loja de judeus, em Viena, onde se lê: “Nem um centavo para os judeus”.

Ernst apontou para o outro lado da rua. Um homem velho, de longas barbas, e sua mulher amontoavam-se entre outras pessoas, todas cercadas por soldados com armas.

– Estamos patrulhando – disse o oficial. – Estamos prendendo judeus para serem questionados. Vamos dar uma lição neles antes de os mandarmos para casa.

No meio da aglomeração, havia uma menina da idade de Edith. Por alguns segundos, seus olhares se cruzaram. A garota parecia aterrorizada. Edith virou o rosto rapidamente. Ernst ainda olhava os papéis. Ele ficou em posição de sentido e olhou em volta. Ao perceber que ninguém estava reparando, curvou-se um pouco e falou baixo:



Cartaz no poste telefônico avisa: “Judeus não são bem-vindos aqui”.

— Saia de Viena, Herr Schwalb.

— Eu não enten... — Papa começou a falar.

— Saia agora!

Com isso, o oficial arremessou os documentos nas mãos de Papa.

— Gestapo! Documentos, por favor! — berrou para os próximos da fila. Edith e seu pai saíram rapidamente dali.

— Papa, o que aquele homem disse? — perguntou Edith, assim que ela e seu pai se afastaram.

— Quieta! — respondeu seu pai, com uma rispidez que a assustou. Ele baixou os olhos e colocou a mão sobre o ombro da filha, sorrindo com tristeza. — Desculpe-me, minha querida. Conversaremos quando chegarmos em casa.

– Não há tempo a perder! – disse Papa, depois de contar à mãe de Edith o que tinha acontecido na rua. – Devemos arrumar as malas e partir. Agora mesmo!

– Mas como podemos deixar tudo para trás? – gritou Mutti. – Nossa casa? Seu trabalho? É impossível!

– É necessário! – insistiu Papa. – Famílias de judeus estão sendo expulsas de suas casas. E quem sabe o que terá acontecido com elas! – Papa chegou mais perto de sua esposa. – Podíamos ter sido presos hoje, Magdalena. Edith e eu estamos aqui porque Ernst me reconheceu. De que me serve meu trabalho se eu estiver preso? O que vale nossa casa se nossa família não estiver unida? Precisamos sair daqui.

Edith estava no corredor junto com a irmã, Therese, ouvindo a conversa dos pais.

– Estamos indo embora mesmo, Therese? – sussurrou Edith.

Therese colocou o braço em torno da irmã, como se quisesse protegê-la.

– Não se preocupe, Edith – respondeu, tentando parecer confiante. – Tudo dará certo. – Mesmo sendo três anos mais velha que Edith, Therese era pequena e frágil.

Mutti surgiu da sala de estar.

– Venham, garotas – chamou. – Vocês ouviram seu pai. Temos que embarcar numa aventura. Há muito o que fazer e temos pouco tempo.

Em duas horas, Mutti colocou roupas e comida em pequenas bolsas. Grandes malas chamariam muito a atenção na rua. Edith e Therese ajudaram, escolhendo saias, blusas e casacos para Mutti colocar nas malas. Movimentavam-se rapidamente, quase sem se falar. Até o almoço foi esquecido. As pontadas de fome tinham desaparecido e dado lugar à incerteza e à tristeza.

Finalmente, estavam prontos.

– Escolha uma coisa do seu quarto para levar com você, Edith – disse Mutti.

“Uma coisa”, pensou Edith, enquanto olhava para o seu quarto pela última vez. “Uma única coisa de todos os meus lindos brinquedos, livros e vestidos.” Ela acabou escolhendo uma pequena boneca que ganhou quando nasceu, um presente de seu tio preferido, David. O nome da boneca era Sophie. Suas roupas eram velhas e estavam com buraquinhos em alguns lugares e, com o passar dos anos, tinha perdido quase todo o cabelo. Mas ainda era o bem mais precioso de Edith.

Aquele lindo dia de primavera tinha se tornado horrível. O coração de Edith estava frio e vazio. Ela agarrou Sophie com força, assim que a família se afastou de casa, sem saber se um dia voltariam.



Edith e sua família.

2

BÉLGICA,

Maio, 1940

A BATIDA NA PORTA tirou Edith de seu sono profundo. Ela puxou o cobertor até o queixo e se aconchegou a Therese, no sofá velho que compartilhavam. Talvez a batida na porta tivesse sido um sonho. Segundos depois, entretanto, bateram novamente.

– Abram a porta! – berrou uma voz agressiva.

Isso não era um sonho. Papa já estava perto da porta, amarrando o robe sobre o pijama e passando a mão nervosamente nos cabelos despenteados.

Mutti estava bem atrás dele.

– Não atenda – sussurrou.

Mas Papa respirou fundo e abriu a porta.

Três policiais belgas entraram no apartamento. Dois deles estavam armados. O terceiro chegou bem perto de Papa.

– Chaim Schwalb? – perguntou.

– Sim – respondeu Papa, calmamente. Mesmo em face de tanto perigo, Papa não demonstrava medo.

Edith sentou-se, esfregou os olhos e viu o policial e seu pai frente a frente.

– Pois não, senhor? – perguntou Papa, educadamente.

– Você está preso! – berrou o policial. – Estamos recolhendo todos os homens judeus para interrogatório. – Ele disse a palavra *judeus* cuspiendo como se fosse um veneno. – Cinco minutos para se vestir.



Os pais de Edith: Magdalena e Chaim Schwalb.

Papa concordou com a cabeça. Era como se ele já esperasse por isso. Ele guiou Mutti até o pequeno quarto nos fundos do apartamento. Edith e Therese foram atrás e fecharam a porta.

– Não se preocupem – disse Papa. – Tenho certeza de que não é nada. Logo estarei de volta.

Embora dissesse isso, colocava um casaco sobre o outro, como se soubesse que ficaria um longo tempo longe de casa e precisasse se manter aquecido.

– Deveríamos ter ido embora – sussurrou Mutti. – Quando Hitler invadiu a Bélgica, deveríamos ter percebido que seria apenas uma questão de tempo para os soldados começarem a procurar os judeus. Assim como aconteceu na Áustria.

Edith apertou os ouvidos com as mãos: não queria ouvir isso. Não queria passar tanto medo de novo. A última vez que ela sentira tanto medo foi quando sua família fugiu de Viena.

Levaram mais de uma semana até chegarem à fronteira da Bélgica, uma jornada extenuante de carro, de caminhão e de caminhadas sem-fim, principalmente à noite. Viajavam pela floresta, aventurando-se por algumas estradas na esperança de conseguir uma carona com algum fazendeiro, apenas quando Papa percebia ser seguro. Ele estava sempre atento. Estavam sendo seguidos? Alguém suspeitava de que constituíam uma família judia?

“Como Papa sabia aonde ir e em quem confiar?” Edith nunca perguntou, apenas observava, em silêncio, Papa dando dinheiro a homens estranhos, que apontavam vagamente numa direção. Ele concordava com a cabeça e a família o seguia. O casaco de Edith tilintava a cada passo. Antes de deixar Viena, Mutti havia costurado uma pequena bolsa dentro do forro do casaco. Ali dentro, tinha posto todo o dinheiro, além do colar de pérolas, do anel de rubi, do broche de marfim e de algumas colheres de prata.

– Precisamos do dinheiro para viver, então tome conta do casaco, Edith – avisou Mutti.

A família costumava dormir em casas de fazenda abandonadas durante o dia, saindo depois que escurecia para continuar sua jornada. Num dos dias, porém, Papa não conseguiu encontrar nenhum lugar seguro para dormirem. O Sol já estava alto e não tiveram outra escolha a não ser pedir abrigo. Edith e o restante da família espiavam entre as árvores da floresta enquanto Papa batia na porta de um pequeno chalé, tirava seu chapéu e falava com o fazendeiro. Então, ele olhou para Mutti. Sem dizer uma palavra, ela enfiou a mão dentro do forro do casaco de Edith e tirou o colar de pérolas. Papa entregou o colar ao fazendeiro, que apontou para o celeiro e fechou a porta do chalé. Carregando os pertences da família com tanta responsabilidade, Edith sentia-se orgulhosa e amedrontada.

Mesmo com medo, Edith confiava que Papa manteria a família a salvo. E ele manteve. Até aquele momento. Enquanto observava seu pai juntando alguns pertences para levar à prisão, ela sentiu um temor arrebatador todo seu pensamento. Olhou para Therese, que segurava Gaston, seu irmãozinho caçula, nascido um pouco antes de a família chegar a Bruxelas. Até mesmo ele parecia entender a gravidade da situação: seus olhos eram duas luas cheias, suas pequenas mãos em punhos cerrados.

– Aprese-se, judeu! – gritou o soldado.

Mutti correu até a cozinha, pegou pão e salame e colocou-os nas mãos de Papa.

– Leve isso. Você precisa manter suas forças – disse ela. – Vou tirar você da prisão. Eu prometo.

Os soldados riram e empurraram Papa para fora antes de sair.

Dentro do apartamento, ninguém se mexeu. Edith lutava para recuperar o fôlego. O que estava acontecendo? Bruxelas estava repleta de famílias de judeus, tais como a sua. A cidade parecia um lugar seguro. Deveriam ter levado uma vida normal ali. E tudo parecia mesmo normal. Edith e Therese tinham ido à escola. Papa tinha arranjado emprego como fotógrafo, fazendo retratos de famílias em ocasiões especiais. Não ganhava muito, apenas o suficiente para a comida e o aluguel do pequeno apartamento. Mutti, Papa e Gaston dormiam no pequeno quarto. Edith dividia o sofá no quarto da frente com Therese. Todos estavam dormindo tranquilos... até que os nazistas invadiram a Bélgica também. A partir desse momento, nenhum judeu dormiria tranquilo, e até Edith sabia que sua família estava novamente em perigo.

Mutti corria pelo apartamento, vestindo-se e recolhendo mais roupas para Papa. Finalmente, ela procurou debaixo do colchão até encontrar um pequeno maço de dinheiro. Quando a família se mudara para esse apartamento, o pequeno saco de pertences valiosos havia sido retirado do forro do casaco de Edith.

– Agora, você não precisa mais carregá-lo, Edith – havia dito Papa, com uma risadinha. – Agora, você vai dormir em cima dele!

Mutti enfiou o dinheiro dentro da bolsa.

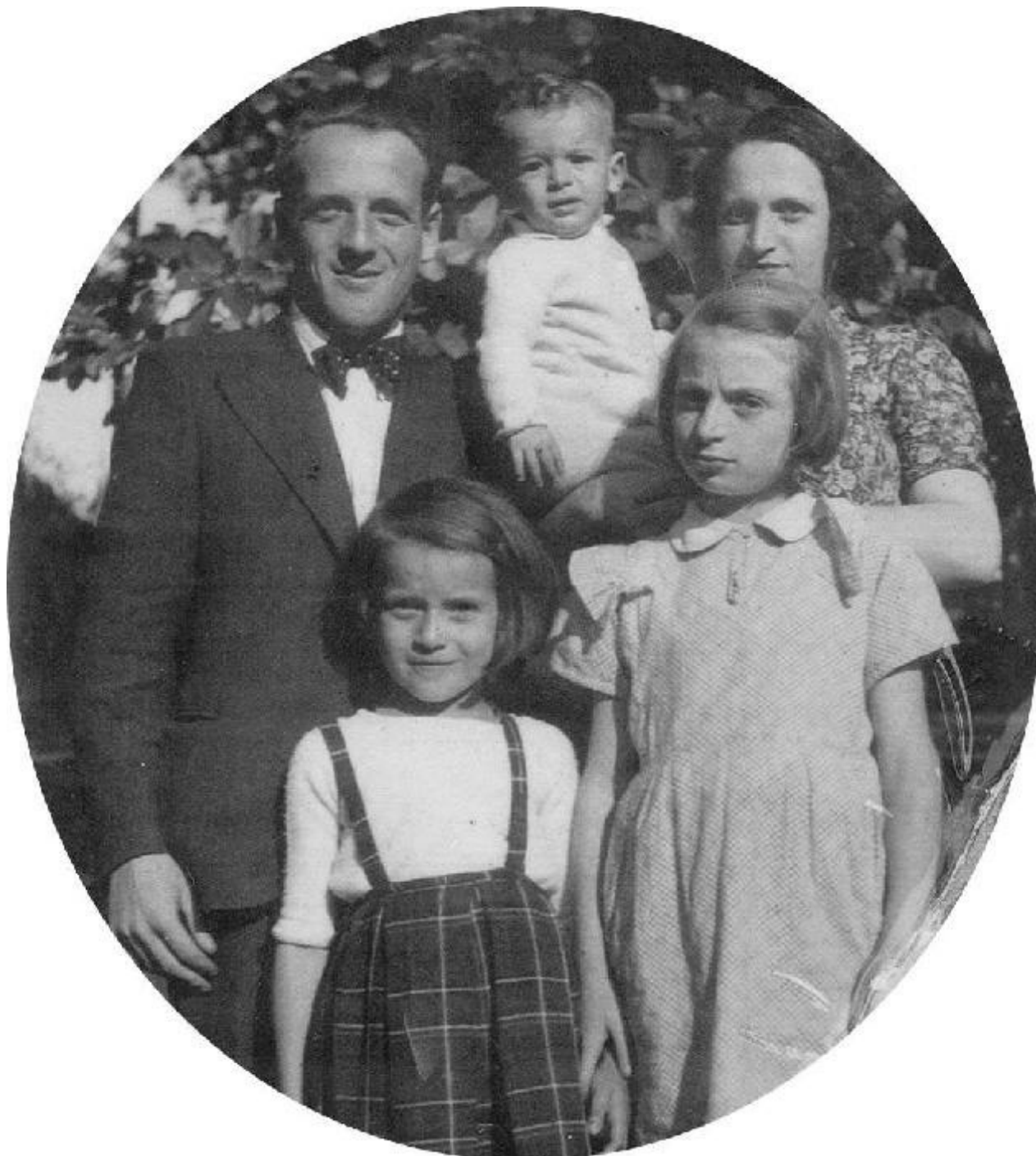
– Voltarei o mais rápido possível.

– O que você vai fazer? – perguntou Therese.

Mutti balançou a cabeça.

– Eu não sei, mas o dinheiro compra tudo. Vou comprar a liberdade de Papa. – Em seu rosto havia uma expressão determinada. Ela beijou a testa das crianças. O toque de sua mão queimou as bochechas de Edith. – Fiquem juntos e aqui dentro. Therese, você está no comando. – Dizendo isso, Mutti abriu a porta e deixou o apartamento.

– O que está acontecendo, Therese? – perguntou Edith.



Edith com seus pais, Therese e Gaston, na Bélgica, em 1940.

– Vai ficar tudo bem. Mutti é muito esperta. Ela vai conseguir fazer alguma coisa.

Therese estava com onze anos, quase adulta, então deveria entender das coisas, pensou Edith. Mas Therese tornara-se tão quieta nos últimos dois anos, tão séria e retraída, que Edith não tinha certeza se Mutti seria capaz de ajudar Papa.

Edith ficou plantada perto da porta, esperando ouvir passos familiares subindo a escada.

– Venha, Edith – pediu Therese. – Farei um chá e leremos alguma coisa juntas.

Mas Edith se negava. Quando ela finalmente ouviu o som da porta da frente, abriu a porta do apartamento e correu até o saguão de entrada. Era Mutti... e ela estava sozinha.

– Vou tentar de novo amanhã – anunciou Mutti. – Não vamos mais falar disso.

Edith virou-se e agitou-se na cama por horas naquela noite. Quando ela finalmente caiu no

sono, sonhou que sua família estava andando pela floresta novamente.

– Vamos logo, Edith! – Papa gritava no meio da noite escura.

Aquelas caminhadas pareciam não acabar mais. Arrastando-se pela floresta, ela tentava manter o ritmo. O casaco de Edith balançava e batia em suas pernas no ritmo das passadas.

– Papa, estou tão cansada. Minhas pernas estão doendo – choramingava.

Finalmente, quando ela não conseguia dar mais nenhum passo, Papa a colocou nos ombros. Ela segurou com as mãos em seu queixo e apoiou o rosto em sua cabeça.

De repente, o sonho mudou. Ela ainda estava na floresta, mas agora os soldados nazistas estavam chegando perto de sua família.

– Corra, Edith!

A voz de Papa era áspera e seu tom, urgente. Suas pernas pequenas tremiam e seus pulmões pareciam explodir. Papa ficou para trás, entre sua família e os soldados, empurrando todos para a frente. Edith olhou para trás, mas não viu mais seu pai.

– Papa! Papa!

Edith ergueu-se num pulo e sentou-se na cama. O suor lhe escorria pela testa e seu coração estava disparado. Será que ela tinha gritado? Não podia ter gritado, afinal Therese ainda estava dormindo. Mas o sonho parecia tão real! Papa tinha desaparecido e Edith estava sozinha. Ela respirou fundo. O sonho tinha sido só um sonho. Papa voltaria para casa. Precisavam apenas esperar mais um pouco. Ela tinha de acreditar nisso.

A família acordou cedo naquela manhã. Vestiram-se e tomaram o café da manhã em silêncio. Logo depois, Mutti deixou o apartamento. Therese ficou cuidando de Edith e Gaston. Edith leu com sua irmã e brincou silenciosamente com Gaston, olhando com ansiedade para a porta, rezando para que, quando Mutti voltasse para casa, Papa estivesse junto.

No terceiro dia, suas preces foram atendidas.

– Papa! – gritou Edith, arremessando-se nos braços do pai. Ele se abaixou e abraçou as crianças. Estava pálido e cansado.

– O que aconteceu com você, Papa? – quis saber Edith. – Os soldados machucaram você? Mutti, como você conseguiu tirar Papa da prisão?

Seu pai apenas balançou a cabeça.

– Eu falei que o dinheiro compra tudo – disse Mutti. – Ainda bem que você cuidou bem do nosso, Edith.

Edith ficou orgulhosa. Mas sua alegria não durou muito. Papa aceitou com gratidão o chá oferecido por Therese e anunciou:

– Temos que deixar a Bélgica. Iremos amanhã.

Edith não se surpreendeu. Ela sabia que seu pai tinha tido sorte por ter sido libertado. A família deveria sumir rapidamente, antes que viessem procurá-lo de novo.

– Para onde iremos? – perguntou Therese. – Há lugares seguros para os judeus?

Um país depois do outro tinha caído sob o domínio nazista, não apenas a Bélgica, mas também a Polônia, a Hungria, a Dinamarca, a Espanha e a Itália. Para onde poderiam ir?

– França – disse Papa. – Alguns homens na prisão me contaram que a Cruz Vermelha de Bruxelas está ajudando os judeus a cruzar a fronteira para lá.

– Os nazistas já dominaram Paris e o norte, mas ao sul há uma zona livre. É seguro ali... Pelo menos foi o que disseram – afirmou Mutti, baixando os olhos, tentando esconder sua incerteza.

– Ficaremos bem – disse Papa. – Não estamos bem até agora, graças a nossa Mutti tão esperta?

Edith desviou o olhar; não se sentia bem. Seus pais ofereciam apenas promessas vagas de segurança. Estava cansada de fugir. Além disso, se a Bélgica tinha se tornado perigosa, isso não poderia acontecer também no sul da França?

– Vamos lá, todos vocês – disse Papa. – Precisamos arrumar as malas e dormir um pouco. Amanhã será um longo dia.

Ele se abaixou e beijou as duas bochechas de Edith. Fez o mesmo com Therese e Gaston.

A última coisa que Mutti fez naquela noite foi retirar do colchão o resto dos pertences valiosos da família. Eles seriam novamente costurados no casaco de Edith.

Tarde da noite, Edith foi se deitar. Sua mente estava agitada. “A França talvez seja um lugar seguro. Talvez possamos parar de correr. Talvez a guerra acabe logo”, pensou. Ela bocejou e se aconchegou a Therese. “Talvez Therese volte a sorrir.”

BEAUMONT-DE-LOMAGNE, FRANÇA

Fevereiro de 1943

– **VAMOS LOGO, EDITH!** – chamou Therese, impacientemente. – Corra! Vamos chegar atrasadas à escola!

“A vida toda eu tive que correr!”, pensou Edith, fingindo não ouvir a irmã. Estava cansada de correr: primeiro em Viena, depois na Bélgica. Quando chegaram ao sul da França, havia dois anos, Mutti chamou aquele lugar de “zona livre”. Mas não era tão livre assim. O chefe de governo Pétain pensou que conseguiria garantir que seu povo fosse bem tratado se colaborasse com a polícia nazista e caçasse os judeus. As propriedades e empreendimentos dos judeus foram entregues aos nazistas. Judeus perderam seus empregos e não podiam mais entrar em algumas lojas e andar pelas ruas à noite. Mesmo assim, a família de Edith tinha conseguido segurança na pequena cidade de Beaumont-de-Lomagne. Mas, no final de 1942, Hitler conseguiu estender seu domínio, ocupando o sul da França, e homens judeus começaram a ser presos.

Edith imaginou, mais uma vez, o que poderia ter acontecido com Papa. Tudo que ela sabia é que ele tinha sido levado. Soldados bateram à porta no meio da noite, assim como acontecera na Bélgica. Mutti implorou aos soldados que não levassem Papa; Therese e Edith tremiam atrás da mãe, segurando Gaston e soluçando. Mas os soldados ignoraram os apelos de Mutti, e Papa conseguiu apenas lhe dar um abraço antes de ser empurrado para fora de casa.

– Esta é minha última joia – disse Mutti, olhando para o anel em seu dedo. Edith já estava grande demais para usar seu casaco, mas, dentro do forro, ainda estava costurado o que restava dos bens da família. – O campo de prisioneiros fica perto daqui. Eu vou tentar libertar Papa.

Edith sentava-se perto da porta dia após dia, esperando que seu pai viesse a passos largos ao seu encontro, chamando por ela. Mas isso nunca aconteceu. Mutti voltava todos os dias de mãos vazias e sozinha. Edith balançava a cabeça, tentando se livrar daquela última imagem de seu pai. “Eu sei que Papa vai voltar”, rezava, “e ficaremos todos juntos.”

– Edith, se você não for depressa, eu vou embora sozinha! – gritou Therese.

– Você não pode me deixar sozinha! – gritou Edith também. – Vou contar para Mutti!

– Se eu não chegar na hora na escola, irei perder o teste para passar de ano. Por favor, Edith! Eu arrumo sua cama por uma semana! Apenas vá mais rápido!

Às vezes, Edith ficava um pouco enciumada por Therese ser tão boa aluna. Mesmo tendo se mudado tantas vezes e perdido tanto tempo de escola, ainda passava de ano com a maior facilidade. Edith se esforçava tanto para aprender e acompanhar a turma que nem se importava mais em chegar no horário.

– O que você quer ser quando crescer, Therese? Você é inteligente. Poderia ser advogada ou

engenhaira. Ou ser uma professora e tentar fazer lições mais fáceis para alunas como eu.

As duas irmãs foram andando com dificuldade pelas encostas e ruas estreitas de Beaumont-de-Lomagne.

Therese tinha prendido os cabelos crespos e ruivos, herdados de Mutti, assim como a pele clara e macia. A aparência de Therese deixava Edith com inveja.

– Por que você quer pensar no futuro? – retrucou Therese. – Temos sorte de ainda conseguirmos ir para a escola.

Isso era verdade. Edith sabia que crianças judias, em outros lugares, eram proibidas de ir para a escola.

– Você é tão pessimista, Therese. Eu sempre penso no que vou fazer quando a guerra acabar – suspirou Edith.

– Você deve estar brincando, Edith. A guerra nunca vai acabar.

– Por que você diz isso?

– Porque é verdade – respondeu Therese, rispidamente. – Porque nunca nos aconteceu nada de bom e nunca acontecerá.

– Não vou escutar o que você está falando! – disse Edith. – A guerra vai acabar e Papa voltará para casa.

– Pare! Pare de falar besteiras! – ordenou Therese. – Você sabe muito bem que os judeus que foram presos estão sendo enviados para campos de concentração. Mutti nos contou.

Edith virou o rosto. Ela sabia dos campos de concentração: lugares horríveis onde prisioneiros eram torturados e mortos.

– Encare os fatos, Edith. Papa pode estar num desses campos agora mesmo – continuou Therese. – Então, esqueça o futuro. Estou cansada de ouvir essas suas fantasias bobas.

O vento frio soprou, atravessando o casaco de Edith e levantando a ponta de seu cachecol. Como Therese conseguia pensar que Papa poderia nunca mais voltar para casa? Além disso, Edith não era uma sonhadora. Ela simplesmente não desistia de ter esperança. Therese correu para alcançar Ida, sua amiga que estava um pouco mais adiante. As duas falavam em voz baixa, mesmo não havendo ninguém próximo a elas. Edith chegou mais perto para escutar o que segredavam.

– Você ouviu? – perguntou Ida. – Mais judeus foram presos.

– Mas eles já levaram todos os homens! – sussurrou Therese. – Você acha que poderemos ser presas também?

– Eu não sei, mas minha mãe não quer correr o risco. – Ida falou ainda mais baixo. – Estou indo embora.

– Indo embora? Para onde? – gritou Edith.

– Sshh!! – repreenderam Therese e Ida.

– Para onde você vai? – perguntou Edith, agora sussurrando.

– Minha mãe conhece um lugar. Fica em uma cidade ao norte daqui, chamada Moissac. Lá existe uma casa mantida pelos Escoteiros Judeus da França. É um lugar aparentemente seguro.

– Mas se as coisas estão ficando perigosas aqui, não podem ficar perigosas lá também? – indagou Therese.

Ida balançou a cabeça.

– Não. Eles estão recolhendo crianças judias há anos e sabem como nos proteger.

– Quem são eles? – perguntou Edith.

– Shatta Simon e o marido dela, Bouli. São eles que dirigem o lugar. Escute, Therese – continuou Ida –, sua mãe precisa conversar com Shatta e descobrir mais coisas. Mas confie em mim: precisamos fazer algo ou estaremos no próximo carregamento.



Escoteiros judeus da Éclaireurs Israélites de France (Escoteiros Judeus da França), sentados numa colina. Essa organização doava dinheiro para a casa em Moissac.

Edith sentia a cabeça girar; não queria fugir de novo. Queria ficar em um só lugar e estabelecer-se com sua família. Era uma loucura ter de fugir o tempo todo só porque eram judeus.

Outro golpe de vento gelado soprou o rosto de Edith e ela recolocou o cachecol sobre a cabeça. Therese pegou a mão de Edith e a apertou com firmeza.

– Não vamos fugir de novo, vamos, Therese? – perguntou Edith.

Therese respirou fundo.

– Não pense nisso, Edith – respondeu. – Falaremos com Mutti depois da aula.

4

A DECISÃO

DEPOIS DO JANTAR, Mutti anunciou sua decisão. Para surpresa das garotas, ela já sabia da casa em Moissac.

– Estou pensando nisso há algum tempo e tentando encontrar uma maneira de lhes falar – explicou Mutti. – Talvez tenha sido melhor vocês terem descoberto isso tudo sozinhas. Desde que as prisões começaram, sabia que teríamos que sair daqui para um lugar mais seguro.

Edith prendeu a respiração, não querendo acreditar no que estava ouvindo.

– Além do mais, nosso dinheiro acabou – continuou Mutti. – Eu não conseguirei cuidar de todos nós. As famílias na cidade vizinha concordaram em ficar comigo e com Therese. Você e Gaston partirão para Moissac.

– Mas eu não quero ir! – gritou Edith. Mutti não poderia estar pensando em mandá-la embora. – Eu não vou, Mutti. Por favor, diga que poderei ficar com você! – Edith olhou em volta, desesperada, mas Therese baixou os olhos. Gaston, sem ouvir nada e em silêncio, estava sentado num canto, distraído, desenhando num pedaço de papel.

– Tentei pensar em algum outro jeito, Edith. Mas essa é a melhor solução. – Mutti estava firme em sua decisão.

– Se todos nós formos embora, como Papa vai nos achar quando ele voltar? Precisamos ficar aqui e esperar por ele! – Edith sabia que estava se apegando a quase nada, mas estava disposta a tudo para conseguir ficar.

Mutti não respondeu.

– Mas por que não podemos ir a outro lugar juntos? – Edith não queria desistir. – Ou por que Therese não pode ir para Moissac?

Mutti acariciou a bochecha de Edith. Os anos de fuga tinham fatigado Mutti. Seu lindo rosto estava abatido e cansado. O brilho que sempre iluminou seu rosto tinha desaparecido.

– Eu tentei encontrar um lugar para todos nós, Edith. Acredite, eu tentei. Mas quem quer recolher uma mãe e três crianças? Ninguém! Se as pessoas forem pegas ajudando judeus, irão para a prisão conosco! Tive sorte de encontrar um lar para Therese. Ela já tem idade para trabalhar e pagar suas despesas.

– Eu posso trabalhar, Mutti! – gritou Edith. – Sou forte e ágil. O que Therese fizer, eu também posso fazer!

Mutti tentou abraçar a filha, mas Edith a empurrou.

– Você não me ama! – berrou Edith. – Você ama Therese mais do que a mim. Por isso ela vai ficar com você. Por isso você está me mandando embora. Papa não me mandaria embora!

Edith soluçava e debatia-se. Mutti agarrou os braços da filha e, pouco a pouco, envolveu-a num abraço carinhoso. Os soluços de Edith foram cedendo até um choro sentido, que aos poucos silenciou no embalo do colo da mãe.

– Estou fazendo isso porque a amo muito – Mutti sussurrou enquanto acariciava os cabelos de Edith. – Também queria que seu pai estivesse aqui. Queria que tudo fosse diferente. Mas, acredite em mim, estou tentando fazer o melhor para todos nós. Irei com você e Gaston para Moissac assim que tudo estiver resolvido.

DEIXANDO MUTTI

Março de 1943

– **TODOS AQUI EM MOISSAC** sabem que somos judeus. A cidade inteira guarda nosso segredo!

Edith não acreditava no que ouvia. Até mesmo Gaston, sentado ao lado dela, agarrando sua pequena trouxa de roupas, pareceu entender que algo espantoso tinha sido dito.

– Por favor, Madame Simon – disse Mutti. – Explique-me novamente como vocês protegem nossas crianças.

– Pode me chamar de Shatta. Todo mundo me chama assim. Somos uma família aqui – respondeu a diretora afetosamente. – Protegemos crianças judias nesta casa, e em outras pela França, desde 1939. Nossas crianças vêm de vários países: França, Bélgica e até mesmo da Alemanha. Todas foram separadas de seus pais. Então, veja, Edith, minha querida: você não está sozinha.

Edith não gostou de ser chamada de “querida” por essa mulher estranha, sentada atrás de uma mesa de madeira. Shatta Simon era uma mulher jovem, de trinta e poucos anos. Tinha cabelos pretos ondulados e olhos escuros. Era grande e um pouco autoritária, mas seu sorriso bondoso era acolhedor.

– As crianças chegam até nós depois que seus pais são levados embora para a prisão ou para um campo de concentração. Na maioria dos casos, não sabemos o que aconteceu com seus pais. Também há casos como o seu, Senhora Schwalb, de pais e mães que temem ser presos e, por isso, trazem suas crianças para ficarem aqui protegidas.

Edith virou o rosto. Já era ruim o suficiente Papa ter sido preso. Ela nem conseguia imaginar Mutti também indo para a cadeia. Além disso, Mutti viria buscá-la. Tinha que vir.

– Recebemos dinheiro dos Escoteiros Judeus da França – continuou Shatta. – E seguimos os lemas dos escoteiros: sempre alerta e ajude o próximo.

Edith não conhecia muito bem os escoteiros. Havia escoteiros na Áustria, mas eles eram mais velhos que Therese. Nunca tinha ouvido falar de escoteiros judeus.

– Apesar do que os nazistas estão fazendo, os Escoteiros Judeus são uma organização forte – continuou Shatta. – Sem a ajuda deles, não conseguiríamos fazer o que estamos fazendo. O mais importante, porém, é manter relações amigáveis com a população de Moissac. – Shatta inclinou-se para a frente e sorriu para Edith. – O prefeito é nosso amigo. Ele nos protege, e a população da cidade também.

Seria possível? Será que todos os habitantes de Moissac, até mesmo o prefeito, arriscariam suas vidas pelos judeus? Isso era espantoso! A maioria das pessoas tinha medo de ajudar. Será que

Edith podia se sentir aliviada agora ou preocupada por Shatta não estar dizendo a verdade?

– Terão que confiar em mim – continuou Shatta, como se tivesse lido a mente de Edith.

Mas Edith não sabia em quem confiar: Mutti estava indo embora, o que parecia a maior traição de todas. E Shatta era uma desconhecida, que havia contado o segredo das crianças para todos os habitantes dessa cidade. Seriam confiáveis? Será que até as crianças de Moissac não contariam o segredo? Nada parecia fazer sentido.

– Venham, Edith, Gaston – chamou Shatta. – É hora de se despedir. Nosso pessoal vai levá-los até os seus quartos.

Gaston estava pendurado no pescoço de Mutti, tentando não chorar enquanto ela sussurrava em seu ouvido e acariciava sua cabeça. Depois, Mutti beijou as bochechas de Edith.

– Virei visitar vocês quando puder – disse, tentando manter a voz firme. – Seja uma boa menina.

Edith não conseguia dizer uma única palavra: não havia nada a ser dito. Ela se desmanchou em lágrimas nos braços da mãe. Sua mente entendia por que Mutti deveria ir embora, mas seu coração estava em pedaços. Por fim, Mutti delicadamente se afastou e olhou bem dentro dos olhos de Edith.

– Lembre-se de quem você é – disse ela.

E foi embora.



A biblioteca em Moissac.

Edith limpou as lágrimas com o dorso das mãos: não queria que Shatta a visse chorando. Tinha de ser forte. Mas Shatta já tinha visto mais cenas de despedida do que conseguia se

lembrar. Sabia como era doloroso, tanto para as crianças quanto para seus pais. Ela deu um lenquinho para Edith, dizendo:

– Vai levar um tempo até você se acostumar com nosso modo de vida, Edith. Não vou iludi-la dizendo que será fácil. Mas cuidamos de nossas crianças para que sejam escoteiros e bandeirantes fortes e saudáveis. Você estará segura aqui e vai se adaptar. Espero que você aproveite ao máximo essa experiência.

Dito isso, Shatta conduziu Edith para fora da sala.



Bouli e Shatta Simon

CONHECENDO SARAH

EDITH carregava sua pequena mala enquanto seguia Shatta subindo as escadas, passando por um grande salão e para dentro de um quarto largo e iluminado, com dez camas de frente umas para as outras, em duas fileiras bem organizadas.

– Aquela é a sua cama – disse Shatta, apontando para uma cama próxima à janela. – Desfaça sua mala e coloque suas coisas nesta prateleira. As garotas estão ocupadas com suas tarefas noturnas e estarão de volta logo, logo. O banheiro e o chuveiro ficam no final do corredor. Se precisar de alguma coisa, estarei em meu escritório. Se não, durma bem, Edith. Até amanhã de manhã.

Edith mergulhou em sua cama. Mordia o lábio trêmulo, mas não chorava. Tinha chorado tanto nos últimos dias que sentia que suas lágrimas tinham secado.

Colocou a mala sobre a cama e a abriu. Era uma das ocasiões em que adoraria abraçar Sophie, mas sua querida boneca tinha se perdido numa das muitas mudanças da família. Mutti se ofereceu para comprar outra boneca, mas não seria a mesma coisa. Só Sophie conseguia consolar Edith.

– Você é a única que sabe como eu realmente me sinto – disse Edith, baixinho, enquanto imaginava a pequena boneca em seus braços. – Estou com medo, Sophie. Não há ninguém aqui para conversar nem para lembrar os bons tempos comigo.

Fechou os olhos, tentando se lembrar de Viena e de Papa esperando por ela na saída da escola. Lutou para reconstituir o rosto de seu pai e seu sorriso especial, que ele guardava só para ela. Queria voltar para Bruxelas, ou mesmo Beaumont-de-Lomagne, para ler histórias com Therese ou ouvir a música da vitrola de Mutti. Ela tentava formar imagens com as lembranças: Papa vestido com o uniforme do time... O vestido que Mutti usava para ir à ópera... Os nomes de suas bonecas... Mas as imagens eram tão tênues que desapareciam como névoa.

Edith tinha acabado de colocar sua blusa sobre a prateleira quando ouviu vozes e passos se aproximando do quarto. Um grupo de garotas entrou correndo no quarto, dando risadinhas e empurrando umas às outras de brincadeira. Elas pararam ao ver Edith.

– Olá! – disse uma garota ao se aproximar de Edith e estender a mão, que Edith apertou formalmente. – Sou Sarah Kupfer. Você deve ser Edith Schwalb. Shatta nos disse que você ia chegar hoje. Sua cama fica ao lado da minha.

Sarah tinha lindos olhos azuis e longas tranças loiras. Também tinha um sorriso terno e afetuoso. Edith ficou aliviada ao ver que as meninas sabiam quem ela era. Uma por uma, todas se apresentaram. Pareciam amigáveis, o que era um alívio. Pareciam até mesmo felizes. Não fazia

sentido: todas essas garotas tinham sido separadas de suas famílias e mesmo assim estavam tão alegres!

– Eu não sei onde está minha mãe – disse Sarah, enquanto ajudava Edith a empurrar a mala para debaixo da cama. – Ela foi para um esconderijo com meu irmão, em algum lugar a leste daqui. Meu pai foi levado embora. Não sabemos para onde.

– É quase igual à minha família! – exclamou Edith. – Mas é minha irmã que está com a minha mãe. Meu irmãozinho está aqui.

Sarah concordou em silêncio.

– A história de todos aqui é igual... ou quase igual. É por isso que somos uma família.

– Foi o que Shatta disse.

– Shatta é maravilhosa! – disse Sarah, entusiasmada. – Ela é muito rígida, como se fosse um general tentando nos manter na linha. Mas também é muito bondosa e muito esperta. Ela dirige esta casa e cuida de todas as atividades. Espere até conhecer o marido dela, Bouli. Ele é o pai de todos. Mas tenha cuidado: ele vai querer pingar umas gotas no seu nariz para espantar os germes! – Sarah enrugou o nariz e riu. – E quando você estiver comendo, se ele vir seus cotovelos sobre a mesa, dará um murro na mesa para chamar sua atenção e lhe ensinar boas maneiras. Mas não se preocupe – acrescentou rapidamente, percebendo o medo nos olhos de Edith –, ele é muito bonzinho.

Algumas garotas começaram a cantar do outro lado do quarto, um canto afinado e suave.

– Temos um coral – explicou Sarah. – Você vai conhecer Henri, o regente. Ele vai convidá-la a se juntar ao grupo. E você também conhecerá Germaine, nossa tutora.

– Todos parecem tão... felizes – disse Edith, fazendo uma pausa e olhando em volta. – Como isso é possível?

– Ninguém chegou aqui dando risada – respondeu Sarah. – Eu chorei uma semana inteira. Mas pense no que está acontecendo lá fora! Este é o melhor lugar para nós!

Edith concordou. Lá fora, pessoas estavam sendo presas, havia restrições e todos odiavam os judeus. Mas será que aqui seria mesmo diferente? Será que a guerra não havia chegado a Moissac?

– Shatta contou para você que as pessoas de Moissac sabem que somos judeus? – perguntou Sarah. – Todos: crianças, adultos e até os policiais. Dá pra acreditar? Se os nazistas nos descobrirem aqui, a cidade toda estará em perigo, e não apenas nós. Por isso ninguém fala nada! As pessoas de Moissac são maravilhosas. Estamos todos guardando o mesmo segredo!

O rosto de Sarah iluminava-se ao falar dessa admirável conspiração. Tudo o que Edith pôde fazer foi compartilhar o entusiasmo da colega.



Grupo de garotas judias bandeirantes que viviam na casa em Moissac.

Quando as garotas já estavam prontas para dormir, Germaine, a tutora, chegou.

– Eu vim apagar as luzes e conhecer o novo membro de nossa família: seja bem-vinda, Edith – disse com carinho. – Tenho certeza de que Sarah já contou como as coisas funcionam por aqui. – Sarah abriu um largo sorriso. – Sou a tutora deste quarto. Eu a ajudarei a se acomodar e providenciarei tudo de que você precisar.

Mas tudo o que Edith queria era sua família! E essa jovem, um pouco mais velha que Therese, não podia lhe dar isso.

Edith apenas abaixou a cabeça, concordando. Estava exausta demais até para falar. Aninhou-se sob o cobertor e ajeitou o travesseiro, agarrando-se a uma pequena esperança: “Todos aqui estão na mesma situação. Será que eles podem ser minha nova família?”, pensou. Era cedo demais para saber. Estranhamente, mesmo estando num lugar desconhecido e escuro, Edith sentia-se segura. Esperava e orava para que a sensação de segurança não passasse e que ela não tivesse de correr para outro lugar. Pensou em Mutti e Papa, esperando que eles também estivessem em segurança. Foi seu último pensamento antes de dormir.

A CASA EM MOISSAC

O TOQUE de despertar soou quando o primeiro raio de sol entrou pelas grandes janelas. Edith abriu os olhos, se espreguiçou e se sentou. Foi a melhor noite de sono que tivera em muito tempo! Seus pensamentos a levaram até Mutti, mas ela rapidamente voltou àquele lugar e ao presente.

Sarah já estava arrumando a cama, dobrando o cobertor caprichosamente por cima dos lençóis e afofando o travesseiro.

– Bom dia! – disse ela, saudando Edith. – Arrume a cama e depois venha comigo para ver onde é o banheiro.

Uma fileira de pias ocupava uma parede inteira do banheiro. Havia uma pequena toalha acima de cada uma, ao lado de um pequeno armário. Edith colocou sua escova de dentes e seu pente em um armário vazio. Lavou o rosto com água morna, removendo a sujeira com uma esponja macia e um pedaço de sabonete. Ao seu redor, garotas conversavam enquanto lavavam o rosto. No corredor, voltando para o quarto, Sarah cumprimentou vários garotos e garotas de outros dormitórios e os apresentou a Edith.

– Olá, Suzanne – cumprimentou. – Bom dia, Eric. Olá, Eve. Esta é Edith Schwalb. Ela é nova.

Até Ida, a primeira a falar deste lugar para Edith, estava lá para cumprimentá-la.

– Estou feliz por você estar aqui – disse ela.

Todos os garotos e garotas paravam para dizer oi e dar as boas-vindas a Edith. Todos eram amigáveis. Todos sorriam e se apresentavam. Era um começo promissor para seu primeiro dia.

De volta ao quarto, as garotas se vestiam rapidamente e começavam suas atividades. Todas tinham alguma coisa para fazer: uma varria o chão com uma grande vassoura que ficava encostada atrás da porta; Sarah pegou um pano e começou a tirar o pó das janelas e das guardas das camas; outra arrumava as camas para que ficassem alinhadas.

Germaine entrou no quarto e perguntou:

– Você dormiu bem, Edith?

– Melhor do que eu imaginava – respondeu Edith, encolhendo os ombros.

– Que bom – respondeu Germaine. – Agora, pegue um pano. Quanto mais rápido terminarmos as tarefas, mais cedo tomaremos o café da manhã!

Comida! De repente, Edith se lembrou de que estava com fome. Antes de saírem de casa, o estômago de Edith roncava, insatisfeito com as últimas colheradas da sopa de Mutti. Agora, era o ronco de fome que a encorajava a pegar um pano e ajudar Sarah a tirar o pó.

Finalmente, as tarefas foram cumpridas. Todas as garotas ficaram em fila para descer as

escadas em direção ao refeitório.

Cerca de cem garotos e garotas, com seus tutores, estavam reunidos em volta de suas mesas quando Edith, Sarah e as outras meninas entraram. Edith olhou em volta, procurando por Gaston. Ele estava numa pequena casa vizinha, feita exclusivamente para crianças mais novas. Ela iria vê-lo assim que pudesse.

– Esta é a mesa do nosso dormitório – explicou Sarah. – Mas, antes, quero que você conheça Bouli.

Sarah conduziu Edith até um homem alto e magro, que estava num dos cantos da sala cumprimentando algumas crianças.

– Bouli – chamou Sarah, puxando de leve seu paletó. – Esta é Edith Schwalb.

Bouli Simon observou Edith cuidadosamente através de seus óculos de aros escuros. Instintivamente, Edith cobriu o nariz. “Você não vai pingar nada em mim”, pensou. Mas Bouli sorriu, pegou a mão de Edith e cumprimentou-a de modo carinhoso.

– Ah, Edith – disse ele. – Bienvenue! Bem-vinda! Estamos muito felizes por você estar aqui em nossa casa. Sarah é a guia perfeita. Ela explicará toda a nossa rotina. Mas, se precisar de alguma outra coisa, Shatta e eu estamos aqui para ajudar.

Seu olhar paternal deu um nó na garganta de Edith, mas ela ainda conseguiu dizer um rápido “obrigada” antes de voltar à mesa com Sarah. O café da manhã foi maravilhoso: mingau de aveia com creme, generosas torradas com geleia e café bem quente com leite batido e açúcar. Enquanto as crianças comiam, Bouli patrulhava os corredores do refeitório e, assim como Sarah tinha avisado, quando via alguém comendo com os cotovelos sobre a mesa, batia em seco sobre a mesa. As crianças assumiam uma postura elegante assim que Bouli se aproximava, mas não ficavam com medo. Apenas sorriam e continuavam comendo.

Depois do café da manhã, Edith juntou-se às outras crianças da mesma idade para ir à escola. Sarah tinha dito que as meninas e os meninos mais velhos estudavam na casa, nas salas de aula ou nas oficinas, onde aprendiam fotografia, encadernação e carpintaria.

Uma vez do lado de fora, Edith reparou, pela primeira vez, no prédio acinzentado, de três andares. A casa ficava no meio de uma rua chamada Port à Moissac. O número 18, feito de metal, brilhava no sol matinal. Edith olhou para as janelas: cada uma era adornada por um balcão de ferro trabalhado e persianas de madeira que formavam um xis. Árvores conduziam para a entrada da casa. Do outro lado da rua, havia uma grande ponte sobre o Rio Tarn, de onde vinha uma brisa fresca. Estava muito contente por estar do lado de fora, mesmo que fosse somente para ir à escola.

As crianças ficaram em fila aos pares, atrás de uma das tutoras. Sarah pegou Edith pela mão e a colocou no lugar certo da fila. Quando a fila já estava formada, a tutora levantou a mão e as crianças saíram.

Edith soltou um gemido assim que entrou na pequena escola. “Outra mudança no meio do ano!”, pensou. “Mais trabalhos escolares que eu não conseguirei entender!” Todas as mudanças que teve de fazer com sua família atrapalharam seus estudos.

– Com licença, senhora – disse Edith, timidamente. – Sou nova aqui.

Madame Beaufort olhou para Edith por um longo tempo, enrugando a testa e parecendo

afobada. Então, sua face se acalmou.

– Oh, sim! A nova garota. Seu nome?

– Edith Schwalb. Disseram que eu tinha que falar com a senhora.

– Claro! Shatta me disse que você viria hoje. Venha! Vou mostrar onde se sentará e apresentá-la a outras garotas. Não precisa ficar com tanto medo, Edith. Ninguém vai morder você!

A professora a conduziu até uma mesa na frente da classe.

– Sente-se perto de mim. Assim, posso lhe dar uma atenção especial, caso precise. Eu sei que você perdeu muita matéria escolar nesses últimos anos. Mas não se preocupe. Você vai dar conta.

Edith estava espantada. A maioria dos professores tinha ficado indiferente às suas dificuldades de aprendizado. Madame Beaufort, ao contrário, deu-lhe atenção. Mesmo assim, continuava difícil acompanhar toda a matéria. Edith descobriu isso assim que Madame Beaufort passou seu primeiro exercício de matemática. Os números dançavam na folha de papel.



Crianças da casa em Moissac a caminho da escola.

– Está tendo dificuldades com essas contas? – quis saber uma garota que olhava por cima de seus ombros.

– Não! – respondeu Edith depressa. – Eu consigo – disse, afundando-se na cadeira.

Era perigoso chamar a atenção. Mutti tinha dito isso milhares de vezes: não fale nada, seja

invisível. Mas essa menina não ia embora!

– Eu ajudo você! – insistiu a garota, sentando-se ao lado de Edith e empurrando-a suavemente para o lado. – Sou Renée! Veja, é assim que se faz.

Rapidamente, ela explicou os cálculos e ajudou Edith até ela entender tudo. O tempo passou rápido e logo o trabalho estava pronto.

– Obrigada! – sussurrou Edith.

– De nada! Eu adoro ensinar! – respondeu Renée. – Você é da casa dos judeus, não é?

Edith ficou paralisada.

– Tudo bem, sabemos sobre vocês – Renée continuou, consciente do que falava. – Somos todos iguais, católicos e judeus. É o que a minha mãe diz e é o que eu penso também.

Edith ficou pasma. Nada fazia sentido aqui em Moissac. Professores eram gentis, crianças eram boazinhas e ser judeu não era um problema. Até ir para a escola parecia divertido.

O sinal tocou para a próxima aula.

– Sophie, eu estou bem – sussurrou Edith.

SEMPRE ALERTA

DEPOIS DA ESCOLA, as garotas voltaram para casa para fazer seus deveres. Edith dedicou-se ao seu com uma confiança que não sentia havia muito tempo. Quando acabou sua última questão, sentou-se recostada na cama e sorriu, orgulhosa. “Se Therese pudesse me ver agora!”, pensou.

– Terminei também – disse Sarah, fechando o livro. – Quero levar você para o ensaio do coral, mas antes precisamos fazer nossas tarefas. Shatta sempre diz: “Trabalho vem antes da diversão”. Nosso trabalho é descascar batatas. E... – Sarah sussurrou – se tivermos sorte, a cozinheira pode nos dar um docinho. Vamos!

A cozinheira era uma mulher redonda, quase tão redonda quanto baixinha. Quando Sarah e Edith entraram na cozinha, ela estava suando ao lado de uma grande panela que estava no fogo. Tinha de ficar na ponta dos pés para mexer a sopa. Seu rosto estava vermelho e sua voz, cantando baixinho um hino religioso, tinha um som sibilante.

– Sarah, *ma petite*, minha querida – gritou a cozinheira. – Você é minha hóspede favorita e minha melhor ajudante!

Sarah sorriu e, abaixando-se, sussurrou para Edith:

– Ela diz isso para todas nós.

Então, virou-se novamente para a cozinheira e apresentou a amiga.

– Esta é Edith. Ela é nova aqui.

– Ela não é uma graça? – exclamou a cozinheira, envolvendo a menina num abraço que quase a sufocou. – Veja estes olhos, grandes e lindos! Parecem os olhos da minha caçula. Eu tenho seis em casa. Cada um é um presente do Senhor – disse, fazendo o sinal da cruz e murmurando uma pequena bênção.

Edith conteve o riso. Fazia muito tempo que ninguém a elogiava. A simpática mulher provavelmente oferecia elogios a todas as crianças, mas elas não davam importância. Edith gostou dela imediatamente.

– Levaria todos vocês para casa comigo se eu pudesse. Mas coitado do meu marido! Já é difícil para ele alimentar seis! Como ele faria para alimentar cem? – A cozinheira deu uma risada tão alta que todo o seu corpo balançou, e Sarah e Edith também riram junto.

– Peguem um avental, garotas, e uma faca afiada cada uma – disse a cozinheira, enxugando as lágrimas provocadas pela risada.

Em pouco tempo, havia uma pilha de cascas de batata enchendo a pia. Trabalhar em grupo, ou em dupla, era bem mais divertido. Quando Edith e Sarah já estavam indo embora, a

cozinheira sorriu e perguntou:

– Vocês pensam que eu me esqueci? Aqui está: uma trufa de chocolate para cada uma.

As garotas agradeceram e correram para fora da cozinha, saboreando o doce.

– Olá, Sarah!

Sarah e Edith se viraram e viram um garoto mais velho.

– Oi, Eric! Edith, você se lembra dele? Vocês foram apresentados ontem.

Edith apenas sorriu. Tinha sido apresentada a tantas pessoas no dia anterior que não conseguiria diferenciar uma da outra. Lembrava-se vagamente deste jovem, apresentado a ela no corredor no dia em que chegou. Eric tinha por volta de 16 anos, um rosto sério, cabelos despenteados e os olhos mais negros que Edith já tinha visto. Ele a encarou tanto que ela teve que desviar o olhar.

– Eric sabe mais das coisas do que qualquer outra pessoa que eu conheci. E pode fazer muitas coisas também – Sarah deu uma risadinha. – Ele é fotógrafo, sabe encadernar livros e também trabalha de carpinteiro. – Sarah foi contando as qualidades de Eric nos dedos, uma por uma.

– Um pouco de cada coisa – disse Eric, acanhado com o elogio. – Qualquer coisa pode ser útil.

– Você precisa de ajuda? – perguntou Sarah.

Eric estava carregando uma grande barraca, dobrada e pendurada em suas costas. Muitas painéis estavam penduradas em seu cinto. Sarah e Edith pegaram os potes e todos levaram o equipamento até o refeitório, onde as crianças enrolavam sacos de dormir e dobravam barracas. Shatta, no fundo do refeitório, olhou para cima por um momento e acenou, antes de falar alto:

– Líderes de equipe, chequem as barracas cuidadosamente! Certifiquem-se de que não haja furos. Sua equipe tem que trazer a barraca aqui assim que acabar a inspeção.

– As crianças estão indo acampar? – quis saber Edith.

Eric deu uma risada.

– Estamos preparados para sair imediatamente. Esse é um dos nossos lemas aqui.

Edith não entendeu.

– Sair para onde? E por que imediatamente?

– Você é nova aqui – respondeu Eric –, então nunca passou por uma patrulha. Mas você vai passar e entenderá – disse, abrindo sua barraca e abaixando-se para inspecioná-la.

Sarah olhou para Edith, confirmando.

– Estamos muito seguros aqui. Mas os nazistas vêm de vez em quando procurando por judeus.

Uma patrulha! Edith sentiu o medo invadindo sua alma.



Eric Goldfarb

– Meu pai foi levado num patrulhamento – balbuciou.

– Por isso estamos preparados – respondeu Eric. – Olhe em volta: temos barracas, sacos de dormir, lanternas, potes e panelas, cordas, facas, compassos, andadores, mochilas, mapas e comida, tudo pronto para partir. – Eric recitava a lista de equipamentos, checando uma lista. – Antes que uma patrulha chegue aqui, estaremos longe.

– Mas como sabemos quando haverá uma patrulha? – Edith estava começando a ficar em pânico. – E para onde vão todos?

– Somos avisados quando os nazistas estão a caminho – disse Sarah, calmamente. – O prefeito de Moissac avisa Shatta, e todos nós saímos por uns dias, para acampar nas montanhas. Quando estiver tudo em segurança, voltamos.

O que Shatta tinha dito? Edith fazia força para se lembrar. Shatta tinha falado do prefeito de Moissac no dia em que ela chegou. Dissera que o prefeito era amigo e iria proteger as crianças judias. Será que era essa a proteção da qual Shatta falara?

– Não se preocupe. Tudo fará sentido – disse Eric, sossegado, antes de ir ajudar as outras crianças. – Você verá, em breve.

Sarah gentilmente guiou Edith para fora do refeitório. Edith sentia-se estranha. Como podia ficar tranquila? Não queria ter de aprender o que acontece durante uma patrulha. Não queria correr de novo. De repente, sentiu que não queria nem mesmo estar ali.



Coral em Moissac: Henri Milstein, o regente, está no centro da foto. Edith está na segunda fila, de baixo para cima, do lado direito do braço de Henri.

Quando Sarah finalmente apresentou Edith a Henri, o regente do coral, ela ficou muda e com a cabeça baixa. Sarah cochichou alguma coisa para ele, que concordou.

– Por que você não se senta e apenas ouve hoje, Edith? Você pode se juntar ao grupo no próximo ensaio.

Edith afundou-se numa cadeira. Henri se posicionou em frente ao grupo de garotos e garotas e ergueu uma pequena baqueta. O som harmonioso das vozes encheu a sala. Edith queria prestar atenção à música, à beleza simples da melodia, mas estava agitada demais. De manhã, tinha acordado sentindo-se segura. A cozinheira a fizera sentir-se amada e amparada. Agora, ela sentia que tinha sido atirada para um abismo e estava prestes a tocar o chão.

Havia mais de cem crianças na casa em Moissac. Como poderiam todas sair a tempo? Quando os nazistas vieram buscar Papa no meio da noite, não houve tempo para escapar. Ninguém sabia que a patrulha estava a caminho. Mesmo se o prefeito conseguisse avisá-los, será que não ficariam presos, sem ter para onde correr?

Não havia lugares seguros no mundo, apenas lugares onde evitar o perigo por um pouco mais de tempo. Moissac era uma ilusão. Mutti tinha errado ao trazê-la até ali. Edith fechou os olhos e respirou fundo. Ela já se sentia encurralada. E não havia mais nenhum lugar para ir. Tudo o que podia fazer era esperar para ver o que aconteceria.

9

GASTON

VÁRIOS DIAS se passaram até que Edith finalmente conseguisse ver Gaston, na casa ao lado. Ela queria ter ido antes, mas tinha tantas ocupações durante o dia que não sobrava tempo livre. Talvez Shatta tivesse planejado desse modo, para que as crianças em cada quarto estabelecessem laços umas com as outras.

Edith abriu a pesada porta de madeira da casa e subiu as escadas até o quarto de Gaston, no segundo andar. Andou sem fazer barulho, até encontrar o irmãozinho deitado na cama, olhando para o teto.

– Gaston! – sussurrou Edith.

Ele virou a cabeça lentamente, então deu um pulo e abraçou a irmã.

– Edith! – gritou ele, apertando-a com toda a força, com medo de que, se não a apertasse, ela fosse desaparecer. – Onde você esteve?

Edith abraçou Gaston com força. Prometeu a si mesma que, daquele dia em diante, o visitaria com mais frequência.

– Estou aqui agora, Gaston. Vamos, me fale como você está! – disse, afastando-o gentilmente de seu pescoço e colocando-o de novo na cama.

Ela deu um pulo e também subiu na cama, olhando dentro dos olhos redondos do irmão. Gaston sempre foi muito especial: todos o mimavam e eram loucos por ele. Desde que ele nasceu, Edith ficou muito feliz por ter um irmãozinho caçula, alguém para brincar com ela e alguém que também tinha de obedecê-la! Mas ela devia admitir que também ficou um pouco enciumada. Afinal, ela tinha sido a menininha do papai e o bebê da família. Agora, era substituída por esse lindo menino loiro. E ele queria a atenção de todos. Estava sempre ocupado, cheio de vida e de energia. Mutti tinha de vigiá-lo o tempo todo, senão ele podia pular de uma mesa, andar por aí e se envolver em encrencas. Era difícil acreditar que aquele menino tão cheio de vida era o mesmo garotinho triste sentado na frente dela.

Gaston encarava a irmã. Era como se tivessem apagado a luz dos seus olhos. Edith esticou o braço e tirou um cachinho de cabelo que cobria sua testa.

– Você está bem? – perguntou ela.

Gaston hesitou por alguns segundos, depois balançou a cabeça afirmativamente.

– Você quer alguma coisa? – insistiu ela.

Ele olhou no fundo dos olhos da irmã.

– Eu quero Mutti!

O silêncio do quarto deu lugar a dolorosos soluços.

Lembranças de Mutti vagavam pela mente de Edith, indo e voltando, como as ondas suaves do rio que ela via pela janela de seu dormitório. “Onde estava Mutti? Será que ela está segura? Será que ela tem o que comer? Uma cama para dormir? Será que ela estava com medo?”, pensava Edith.

Edith suspirou e abraçou Gaston.

– Também sinto falta dela, Gaston... E de Papa e de Therese.

As duas crianças conversaram baixinho ao entardecer e logo já era hora de Edith partir.

– Quando você vai voltar, Edith?

– Amanhã – prometeu ela. – Eu volto amanhã.

– Você não vai voltar amanhã! – gritou Gaston, com raiva. – Você é como Mutti e Papa. Você vai embora e nunca mais vai voltar!

– Gaston, escute. Não estou indo embora. Se olhar pela janela, você verá meu quarto. Voltarei amanhã.

Dito isso, Edith se virou e saiu do quarto.

“Coitadinho do Gaston”, pensou Edith. Seu irmão tinha vivido toda a vida entre incertezas e insegurança. Gaston não sabia o que era brincar num parque, tomar sorvete na calçada de uma lanchonete ou assistir a um dos jogos de futebol de Papa, com toda a torcida gritando. Talvez fosse melhor não saber o que se está perdendo.

Quando Edith saiu da casa de Gaston, o tempo estava carregado e chuvoso, como se os céus estivessem chorando por ela. Aqui em Moissac havia pessoas bondosas, que tomavam conta dela, lhe davam comida e se certificavam de que suas roupas estavam limpas e seu dever de casa, pronto. Shatta e Bouli tratavam todas as crianças como se fossem filhos. Mas Edith ainda se sentia sozinha. Shatta e Bouli não eram seus pais. As outras crianças não eram seus irmãos e irmãs. Eram apenas uma grande família que compartilhava da mesma dor.



Assim que Edith se aproximou da casa, o som do canto interrompeu seus pensamentos.

– O que está acontecendo? – perguntou a Germaine, que passava por ali carregando potes e candelabros.

– É o Shabbat – respondeu a tutora. – O Sol está quase se pondo e estamos preparando a casa para o Sabbath.

Edith encontrou Sarah escovando seus longos e lindos cabelos no dormitório.

– Sexta-feira à noite é uma maravilha – disse ela. – Tentamos nos arrumar. A cozinheira faz uma comida especial, e um rabino vem fazer a cerimônia. Cantamos várias canções e é tudo tão lindo!

Edith balançou a cabeça, descrente. Em Viena, sua família também celebrava o Sabbath. Ela ia à sinagoga com seu pai e adorava ouvir os cânticos e as orações. Mas sua família parou de praticar a religião judaica para não chamar atenção. Mas as crianças em Moissac podiam ser judias e não precisavam ter medo. Que confusão! Havia um minuto, ela estava com medo e se desesperando; agora, sentia-se aconchegada numa aura de proteção.

– Venha! – gritou Sarah, enquanto amarrava o cabelo com uma fita vermelha. – Vamos colher flores para colocar nas mesas.

O campo atrás da casa estava repleto de flores do campo, nascidas naquele começo de primavera. O perfume das selvagens anêmonas – roxas, vermelhas e azuis – enchia o ar do fim de tarde. Edith respirou fundo. Anêmonas eram as flores favoritas de Mutti: o perfume delas era como ter perto de si um pedacinho de Mutti.

Edith e Sarah trouxeram grandes ramos de flores para o refeitório, onde as garotas poliam os candelabros e punham nas mesas toalhas brancas e louças especiais. Elas terminaram de arrumar as flores em potes e vasos em cada uma das mesas assim que o restante das crianças entrou para se sentar.

– Shabbat Shalom – sussurrou Sarah. – Eu desejo a paz para você neste Shabbat.

– Shabbat Shalom – respondeu Edith. – Paz para todos nós.

10

AJUDE O PRÓXIMO

COMO PROMETERA, Edith visitava Gaston todos os dias, sempre mostrando seu lado mais corajoso. Nunca disse uma palavra sobre as patrulhas e os “acampamentos”. Ela sorria e tentava fazê-lo acreditar que tudo ficaria bem.

– Papa voltará logo, Gaston – falou Edith certo dia, quando estavam sentados nas escadas da casa de Gaston. – E, quando ele voltar, Mutti vai nos levar para casa. Não estamos sendo bem cuidados aqui? Mutti foi muito esperta em encontrar este lugar.

Devagar, um pouquinho por dia, o que Edith falava para Gaston também a convencia. Ela percebeu que, se fingisse que tudo estava bem, aos poucos a fantasia viraria realidade. Além disso, não havia nada de terrível acontecendo. As pessoas não a xingavam nas ruas; na verdade, eram amigáveis. Nenhum judeu tinha sido preso em Moissac, não havia espancamentos nas ruas. Até quando Shatta e Bouli falavam da guerra – judeus sendo presos na Romênia, na Iugoslávia e na Grécia e mais e mais campos de concentração sendo construídos – os eventos pareciam muito distantes. Claro que havia momentos difíceis, especialmente na quietude da noite, quando a tristeza de estar longe dos pais congelava o coração e preenchia os sonhos de Edith. Mas ela se forçava a espantar esses pensamentos e continuar em frente.

Era mais fácil continuar com tantas tarefas a serem cumpridas: deveres do lar, da escola e do coral, que Edith adorava. Mas o treinamento para acampar – o conhecimento que poderia salvar suas vidas – sempre vinha em primeiro lugar. Afinal, era esse o lema da casa em Moissac: o lema dos escoteiros. “Sempre alerta.” Shatta tinha dito isso a Edith no dia em que ela chegou. Os mais novos aprendiam a fazer uma fogueira e a executar diversos tipos de nós, além de seguir rastros e saber as horas pela posição do Sol. Todos os dias as crianças se exercitavam para desenvolver a força física e a resistência.

– Escoteiros e bandeirantes devem ser fortes, estar alertas e ter conhecimento – explicou Bouli certa vez, quando levava Edith e outras crianças para uma caminhada. – Fiquem juntos – ordenou, enquanto subia rapidamente uma colina íngreme. – Força nas pernas! Respirem esse ar fresco! – Edith se esforçava para conseguir acompanhar, enquanto lembranças da fuga de Viena pela floresta invadiam seus pensamentos. Suas pernas tremiam, assim como naquela longa caminhada. Dessa vez, porém, Papa não estava ali para carregá-la.

Mesmo assim, a cada dia que passava, o corpo de Edith ficava mais forte e suas dores diminuía. Ela estava ficando com as pernas resistentes e um rubor saudável corria suas bochechas.

Numa tarde quente de primavera, durante uma pausa na caminhada, Bouli reuniu as crianças

ao seu redor. O Sol ainda estava alto no céu, seus raios aqueciam a cabeça dos jovens. Edith se sentou, colheu uma pequena flor e, distraída, começou a despetalá-la:

*A primeira é para Mutti,
a segunda é para mim,
a terceira é para Papa
e para minha família.*

– Em que você está pensando? – perguntou Sarah. – Você parece estar muito longe daqui...

Edith sentia-se mesmo longe. Ela não recitava esse poema bobinho desde o tempo dos piqueniques da família nos campos de Viena; agora, essa cantiga reacendera sua profunda saudade da família. Nunca sabia quando ia ter uma recaída de saudade, nem o que a provocava. Essa saudade repentina a acometia nos mais diversos momentos: tomando café da manhã, a caminho da escola e até quando tirava o pó do quarto. Edith balançou a cabeça, tentando espantar a dor da lembrança.

– Tudo bem, Sarah. Estou de volta.

Bouli chamou a atenção de todos e começou a falar.

– Crianças, qual é o objetivo de todo escoteiro?

– Desenvolver novas habilidades!

– Fazer o nosso melhor em todas as ocasiões!

– Ser forte!

Bouli concordou.

– Isso tudo é importante. O que mais?

– Ajudar as pessoas! – gritou Eric.

– Exatamente! – exclamou Bouli. – Servir aos outros: esse é o verdadeiro objetivo de todo escoteiro. Ajudar as pessoas ao seu redor. Agora, pensem: onde vemos exemplos disso em nossas vidas?

– Você e Shatta estão ajudando todos nós, mantendo-nos aqui – disse Sarah.

– As pessoas da cidade nos ajudam – respondeu outra criança – mantendo em segredo que somos judeus.

– Muito bem! – exclamou Bouli. – A população em Moissac, por ficar em silêncio, mantendo segredo sobre sermos judeus, nos protege. Mesmo sendo perigoso. Mesmo arriscando suas próprias vidas para nos manter em segurança. Eles são um exemplo perfeito de ajuda ao próximo e de coragem para fazer o que é certo, mesmo em face do perigo.

Fazer o que é certo... Edith parou para pensar. Por isso que a população em Moissac estava ajudando as crianças judias. Não por que estavam sendo pagos, como o fazendeiro que pegou o colar de pérolas de Mutti; ou os guardas da prisão na Bélgica, que Mutti subornou para que liberassem Papa. Estavam fazendo aquilo simplesmente porque era certo.

– Venha cá – chamou Sarah, interrompendo os pensamentos de Edith. – Vou ensiná-la a fazer um nó simples. Usamos esse nó para amarrar a barraca. – Edith respirou fundo, sentou-se ao

lado de Sarah e encarou a pilha de cordas. – Faça de conta que este galho é uma estaca para amarrar barracas – explicou Sarah. – Segure as duas pontas da corda na mão direita. Agora, dê duas voltas ao redor do tronco e cruze para fazer um xis. Passe a ponta da corda pelo buraco no meio do xis e puxe com força. – Edith acompanhou com atenção todos os movimentos de Sarah e repetiu o nó com perfeição.

– Isso mesmo! – exclamou Sarah. – Você tem o dom!

Edith praticou à exaustão. No final da tarde, já conseguia amarrar pedaços de madeira juntos e até trabalhar com cordas de espessuras diferentes. Também aprendeu a enrolar um saco de dormir num rolinho compacto. Para seu espanto, tinha um dom natural para acampar e estava adorando aprender essas novas habilidades. De vez em quando, sua mente escapava para pensamentos de prisões e patrulhas de soldados nazistas. Ainda não tinha plena convicção de que usaria suas novas habilidades para salvar sua vida. E também não queria pensar nisso.

Quando o treinamento de acampamento terminou, Edith estava cansada, mas satisfeita. Ela seguiu Bouli colina abaixo, a caminho de casa. Atirou-se na cama, pensando nos poucos minutos que tinha para se lavar antes do jantar.

Nesse instante, Eve entrou no quarto, silenciosamente puxou a mala que estava debaixo da cama e começou a arrumá-la.

– Saindo de férias? – perguntou Sarah, de brincadeira. – Por isso você não foi caminhar conosco hoje?

Eve olhou para Sarah.

– Estou indo embora.

Sua voz era baixa e soturna. O sorriso desapareceu imediatamente do rosto de Sarah.

– Indo embora? – perguntou Sarah. – Para onde você está indo?

– Meus pais vieram me buscar. Eles decidiram que estarei mais segura com eles. Estamos indo para a Suíça. Temos parentes lá. Vamos cruzar a França e chegar lá pelas montanhas.

Indo embora? Ninguém tinha ido embora antes. Edith nunca pensou que isso fosse possível. Todo seu contentamento com as atividades do acampamento desapareceram. Se Mutti viesse buscá-la! Seria o maior presente de todos: reunir toda a família novamente.

Ninguém disse nada, mas todas as garotas olhavam com inveja para Eve.

Eve fechou a mala.

– Vou sentir saudades de todas vocês – disse, abraçando uma por uma.

Edith a seguiu até o andar de baixo, onde viu Shatta ao lado de um homem e de uma mulher. O homem pegou a pequena mala de Eve e apertou a mão de Shatta.

– Merci, Madame Simon. Obrigado por cuidar de nossa filha.

– Por favor, monsieur – implorou Shatta. – Não leve a criança. Este é o lugar mais seguro para ela.

– Ela estará mais segura conosco – respondeu a mulher. – O que pode dar mais segurança a uma criança do que estar com sua família?

Edith agachou-se na escada à medida que a voz de Shatta demonstrava mais desespero.

– Todos nós sabemos que a França tornou-se tão perigosa quanto o resto da Europa para os judeus. Estamos protegidos aqui graças à bondade da população de Moissac. Isso não acontece

no resto do país.

O pai de Eve balançou a cabeça e os três deixaram a casa. Shatta andou até o escritório, abatida e exausta. Edith ficou nervosa ao ver Shatta, sempre forte e confiante perante as crianças, tão derrotada.

Edith precisava conversar com alguém, mas não tinha certeza se Sarah conseguiria ajudá-la. Os sons vindos da oficina de encadernação no primeiro andar deram uma ideia a Edith: Eric seria a pessoa ideal para essa conversa. Ele era inteligente e realista.

– Olá! – disse Eric ao ver Edith se aproximando.

– Oi, Eric – respondeu Edith, reparando na pilha de papéis, tesouras e linhas grossas na frente dele. – Para que tudo isso?

– Está vendo aquele homem ali? – Eric apontou para um homem idoso do outro lado da sala, cercado de jovens. – Ele é um dos melhores encadernadores da França e veio nos ensinar. Eu estou tendo aula com ele há alguns meses e já estou pegando prática.

– Deixe-me ver – disse Edith. Seria bom distrair-se depois de ter visto a confusão de Eve.

– Primeiro, dobramos uma folha grande como essa. – Eric pegou uma da pilha de papéis de sua bancada de trabalho. – Depois, costuramos cada uma das partes na capa, uma por uma. O livro todo tem que ser costurado com apenas uma linha, então corte um pedaço longo o suficiente. – Ele passava uma agulha grossa por entre as páginas, puxando cada ponto para ficar apertado. – Com sorte, conseguimos couro para as capas, mas esse papelão duro também é muito bom. Este é o primeiro livro que eu fiz.

Eric pegou um livro que estava embaixo da mesa e orgulhosamente apresentou a pequena encadernação retangular. A capa era marrom-escura, e as páginas eram de papel preto. Edith olhou de perto os pontos simétricos, costurados perfeitamente. O livro continha fotografias, a maioria de Moissac e das crianças.

– Fui eu que tirei e revelei as fotografias – acrescentou Eric, orgulhoso.

Edith folheava as páginas.

– Quem são estes? – perguntou, apontando para uma foto de um jovem casal com três crianças.

– Meus pais. Meu irmão e minha irmã. E este sou eu – disse, apontando a criança mais nova. Essa foto foi tirada na Polônia, onde nasci. Mas eu cresci na Alemanha. Nós fugimos em 1939.

– Você sabe onde eles estão agora?

Eric encolheu os ombros.

– Todos espalhados. Minha irmã foi enviada para a Inglaterra, e meu irmão, para a China. Meus pais conseguiram me enviar algumas cartas por intermédio da Cruz Vermelha, mas eles só permitem vinte e cinco palavras, então não fiquei sabendo muita coisa.

Edith encarou a fotografia.

– Eric, se seus pais chegassem aqui e quisessem levar você embora, você iria?

Eric fez uma careta.

– Eu já passei tanto tempo longe da minha família que não consigo mais imaginar todos juntos. Além disso, já tenho idade suficiente para me virar sozinho.

– Mas, se eles viessem – insistiu Edith –, você iria embora de Moissac? Os pais de Eve vieram

hoje. Disseram que Eve estava mais segura com eles. Shatta diz que ela está mais segura aqui. O que você acha?

Eric parou um instante para pensar.

– Eu confio em Shatta – concluiu. – Esta casa já existe há quatro anos e nesse tempo todo estivemos em segurança. Não se pode dizer o mesmo dos judeus lá fora. – Dizendo isso, voltou para o trabalho.

Alguns dias mais tarde, depois do jantar, Edith estava ajudando na arrumação do refeitório. Depois que as outras garotas foram embora, ela se aproximou de Shatta, timidamente.

– Você tem notícias de Eve? – perguntou. Todos na casa já sabiam da partida dela.

Shatta balançou a cabeça.

– Não tenho boas notícias – disse, com a voz hesitante. – Nossas fontes dizem que Eve e seus pais foram presos e enviados a um campo de concentração. Tudo que podemos fazer agora é rezar para que sobrevivam.

11

UM DIA ESPECIAL

8 DE JULHO DE 1943

EDITH pensou em Eve por semanas depois de receber a notícia da prisão da família dela, repassando seguidamente em sua mente a cena de Eve indo embora. Depois daquela noite no refeitório, Shatta se recusou a fornecer qualquer outra informação e Edith percebeu que ela também sofrera com a partida de Eve. As crianças naquela casa eram como filhos e filhas dela. Perder uma era como perder um membro da família. Shatta podia até parecer forte por fora, mas ficava vulnerável quando mexiam com suas crianças. Edith, porém, sentiu ainda mais vontade de ver sua família unida, ao ver Eve unindo-se novamente aos seus pais. Estar junto com a família sempre provocou em Edith um sentimento de segurança; mas, mesmo quando estavam todos juntos, Papa foi levado embora. Ninguém tinha sido preso aqui em Moissac, pelo menos até agora. Edith sentia-se cada vez mais confusa.

Numa manhã, semanas depois, Edith acordou antes do toque de despertar, virou-se na cama e se espreguiçou. O som dos pássaros cantando entrava pela janela aberta, e ela permanecia imóvel, deitada. Espere um pouco... estava tudo quieto demais. Ela se sentou na cama e olhou em volta. O dormitório estava vazio.

De repente, Edith sentiu-se completamente acordada e alerta. “Onde estão todos?”, pensou, entrando em pânico. “Eles foram embora e me deixaram para trás! Os nazistas estão chegando e ninguém me acordou a tempo de eu conseguir ir embora! Eu serei a única a ser presa!”

Ela balançou a cabeça e repreendeu a si mesma.

– Não piore as coisas! Acalme-se, Edith!

O som de sua voz ecoou no quarto vazio. Nesse momento, Sarah e todas as colegas de quarto de Edith apareceram na porta.

– Feliz aniversário, Edith! – As garotas cercaram-na, gritando e aplaudindo. – Você demorou um tempão para acordar!

Edith levou um susto tão grande que ficou sem voz. Era o dia 8 de julho de 1943. Ela estava fazendo onze anos. Como esquecera de seu próprio aniversário?

– Venha, dorminhoca! – chamou Sarah. – Vista-se e vamos tomar café da manhã. Temos uma surpresa para você.

Edith sorriu, agradecida. Sarah tinha se lembrado de seu aniversário! As garotas se lavaram, se vestiram e acabaram suas tarefas matutinas em tempo recorde. Edith correu pelas escadas atrás de Sarah e entrou esbaforida no refeitório. O que viu ali a fez ficar imóvel. Todas as crianças da casa estavam esperando por ela. Henri pegou sua batuta e o coral começou a cantar “Bonne fête à toi”, “Parabéns a você”. Logo, todos se juntaram ao coral, cantando. Shatta e Bouli deram um

abraço carinhoso em Edith, desejando um feliz aniversário. Ela estava maravilhada. Havia um bolo de aniversário e flores na sua mesa e, em sua cadeira, um pequeno embrulho.

– Não é muito – desculpou-se Sarah –, mas, pelo menos, nos lembramos.

Com os olhos brilhando, Edith abriu o pacote e encontrou uma pequena bolsa vermelha, com um zíper. Ela a revirou nas mãos.

– Abra! – gritou Sarah.

Edith abriu o zíper da bolsa de couro. Era um conjunto para manicure completo, com uma pequena tesoura, um alicate e uma lixa de unha. Edith abraçou Sarah com força.

– Muito obrigada! – sussurrou. – É o melhor presente que já ganhei.

E era mesmo. Mas, comparado aos seus presentes e festas de aniversário em Viena, não era nada.

Imagens de festas de aniversário do passado invadiram a mente de Edith. Mutti preparava lindos bolos e Therese ficava amável. Papa a levava para comprar um vestido novo e seus primos e amigos a cobriam de presentes. Na Bélgica e na França, seus aniversários foram comemorados quase em silêncio, apenas com seus pais e irmãos. Agora, nem mesmo sabia onde estavam seus pais. Edith espantou os pensamentos. Era seu aniversário e, pelo menos nesse momento e nesse dia, estava determinada a ficar feliz.



Havia mais uma surpresa de presente de aniversário. Era a mais inesperada possível, mas era o melhor presente que ela poderia receber. Quando Edith chegava da escola, mais tarde, Shatta a chamou.

– Primeiro, feliz aniversário de novo, minha querida – disse Shatta, carinhosamente. – Como foi seu dia? Bom?

– Oh, sim, Shatta – respondeu Edith. – Há muito tempo não tinha um dia tão bom.

– Bem, eu acho que está para ficar ainda melhor – disse Shatta, fazendo suspense. – Tem uma surpresa para você em meu escritório.

Edith pareceu confusa e um pouco desconfiada. Shatta, vendo a atitude de Edith, deu uma risada e gentilmente a guiou para dentro do escritório, que estava com a porta aberta.

Havia uma mulher lá dentro.

– Mutti! – Edith gritou e correu para os braços da mãe.

– Oh, minha querida, como é bom abraçar você! – sussurrou Mutti, enquanto permaneciam envolvidas num caloroso abraço. Finalmente, Mutti afastou-se um pouco e olhou para a filha. – Deixe-me ver você, a aniversariante. Ah, apenas quatro meses e você já parece tão mais velha. Como você cresceu!

O rosto de Edith brilhava ao olhar para os olhos da mãe. “Só posso estar sonhando”, pensou. Apertou os olhos por um momento e, quando os reabriu, viu que sua mãe continuava ali, na sua frente.

Mas logo percebeu que não estava tudo bem.

– Mutti, você está tão magra!

Era verdade. Mutti estava esfarrapada e adoentada. Seus olhos estavam afundados e sua pele, tão linda antes, estava toda enrugada.

Mutti balançou a cabeça.

– Não é fácil conseguir comida. Tudo é racionado e eu não tenho cupons para comida. Mas não se preocupe – completou, reparando no olhar de preocupação da filha. – Eu estou bem e tenho sorte de estar com uma boa família. Graças a Deus você está aqui. Você e Gaston, os dois estão em segurança. Eu acabei de vê-lo e ele está maravilhoso.

Edith sentiu uma pontada de culpa: ela estava bem alimentada e bem cuidada, enquanto Mutti...

Mutti ergueu o rosto de Edith com as mãos.

– Saber que minhas crianças estão em segurança me dá forças e sustento – disse, suspirando. – Agora, minha querida, sente-se aqui e me conte tudo.

Edith contou. Falou sobre a rotina da casa e como Shatta e Bouli eram bondosos. Contou a Mutti sobre Sarah, Eric e as outras crianças. Falou sobre a escola e como ela estava indo bem. Mutti ouvia as histórias, saboreando-as, como se delas conseguisse tirar alguma nutrição.

Então, foi a vez de Mutti. Sua história não era tão bonita. Ela estava escondida com uma família de agricultores ao norte de Moissac; Therese estava com outra família, perto dali. As duas estavam trabalhando como empregadas domésticas, limpando e cozinhando. Mutti via Therese de vez em quando, mas tinha que tomar cuidado para não serem vistas juntas, para não levantar suspeitas. As famílias que as estavam escondendo eram cuidadosas e generosas, mas Mutti sabia que “havia muitas pessoas que ficariam felizes em denunciar duas mulheres judias”. Mesmo assim, estavam fora de perigo, assegurou à filha.

– E Papa? – perguntou Edith.

– Nenhuma palavra – disse Mutti, balançando a cabeça.

Era duro ouvir isso. O silêncio que se seguiu às palavras de Mutti machucou tanto que Edith procurou logo outro assunto para falar.

– Como você chegou até aqui, Mutti? É tão longe para andar sozinha.

– Eu não queria usar o trem. Estava com medo de alguém pedir os documentos de identificação. Então peguei carona em caminhões e vagões de carga; as pessoas do campo sempre estão dispostas a ajudar uma mulher viajando sozinha, sem fazer muitas perguntas. Levei dois dias, mas cada segundo está valendo a pena! – acrescentou, abraçando Edith.

Edith não queria dar fim àquele abraço, temendo imaginar que sua mãe sairia de novo porta afora. Mas o tempo passou rápido e logo chegou a hora de Mutti partir.

– Por favor, não vá, Mutti! – implorou Edith, com a voz falhando. Pendurou-se na mãe desesperadamente. Essa despedida era ainda pior do que a primeira, quatro meses antes. – Quando você vai voltar? Quando nos veremos de novo?

Mutti gentilmente afastou a filha.

– Vou tentar voltar logo, mas não posso prometer. Você está sempre em meu coração – sussurrou, já se virando e saindo do escritório.

Edith sentou-se sozinha, dolorida de tanta tristeza. Finalmente, subiu vagarosamente as escadas até o andar de cima e se jogou na cama. Ela contou para Sarah a visita de Mutti e como

tinha sido difícil a despedida. Mas a reação de Sarah foi um choque.

– Pare de choramingar! – disse ela. – Você tem sorte de receber a visita de sua mãe. A maioria de nós não sabe nem onde nossas mães estão. Nem sabemos se estão vivas! – Dizendo isso, Sarah virou as costas e começou a fazer o dever de casa.

Edith sentiu como se a amiga tivesse lhe dado um tapa. Olhou em volta, desconfortável: algumas garotas a encaravam com a mesma hostilidade que ela tinha visto no dia em que os pais de Eve vieram buscá-la. Umas pareciam invejá-la, e viravam o rosto com lágrimas nos olhos.

– Eu sinto muito por todas – disse Edith, baixinho.

Ela sabia que tinha mais sorte do que a maioria das garotas, mas isso não a fazia sentir-se menos triste ou abandonada.

– Hoje é o meu aniversário, Sophie – sussurrou Edith ao travesseiro. – Parabéns para mim. Eu ganhei minha mãe de presente... mas ela teve que ir embora.

Suas lágrimas silenciosas molhavam o travesseiro.

OS NAZISTAS ESTÃO CHEGANDO

EDITH acordou cedo na manhã seguinte. Tinha dormido pouco. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar e sua cabeça estava tão perturbada quanto seu coração. Seu aniversário tinha sido um caldeirão de sentimentos: a emoção de ver que a casa toda se lembrou de seu aniversário, a alegria de ver Mutti e o desespero ao vê-la partir. Edith não queria conversar com as outras garotas nessa manhã; sentia-se confusa em relação a isso também. Vestiu-se sem fazer barulho, arrumou a cama e perambulou pelo corredor. A cozinheira já devia estar acordada e ocupada na cozinha. Talvez Edith pudesse ajudá-la. Ouvir as histórias engraçadas da cozinheira seria um alívio.

Edith desceu as escadas, saboreando a paz e o silêncio. Logo, logo, a casa estaria cheia de barulhos e pessoas. Quando cruzou o saguão principal, assustou-se com uma forte batida na porta. Não havia mais ninguém por ali, então ela mesma abriu a grande porta de madeira.

Um homem, que Edith reconhecia vagamente da cidade, com o chapéu nas mãos, abaixou-se gentilmente para cumprimentá-la.

– Madame Simon está? – perguntou. Ele estava agitado e olhando por cima do ombro para a rua. – É importante – disse ele ao ser conduzido para dentro por Edith.

– Venha por aqui, monsieur – Edith pediu que o homem a seguisse pelo corredor até o escritório de Shatta e bateu suavemente na porta.

– Entrez! Entre! – falou Shatta, lá de dentro.

Edith deu uma olhadinha pela porta.

– Há uma pessoa que quer ver você, Shatta. Um homem da cidade.

Shatta rapidamente se dirigiu à porta, cumprimentou-o e o conduziu para dentro. Virou-se, então, para Edith e falou:

– Agora vá encontrar seus amigos, minha querida. Obrigada.

E fechou a porta na cara de Edith.

Alguma coisa estava errada e deixou Edith desconfortável. Muitas pessoas iam até a casa todos os dias: o homem que trazia os ovos, a faxineira e o médico que vinha ver os doentes. Talvez esse homem fosse mesmo agitado ou tenha sido o jeito como Shatta fechou a porta. O que quer que fosse, fez com que Edith colocasse o ouvido próximo da porta para tentar escutar alguma coisa. As vozes dentro do escritório eram baixas e tensas. Edith apertou o ouvido contra a porta para tentar entender o que diziam.

– O prefeito acabou de saber que haverá um patrulhamento em Moissac... amanhã, talvez, ou até mesmo hoje à noite – dizia o homem. – Ele avisou que você deve urgentemente recolher as

crianças e partir o mais rápido possível.

Shatta estava dizendo algo, mas Edith já tinha ouvido o suficiente. Andou trôpega pelo corredor, quase sem enxergar. Sua cabeça girava, seu coração explodia. Ela já esperava por esse pesadelo e fantasiava sobre o que aconteceria. Mas isso não era uma fantasia. Era uma emergência real.

Sem saber como, Edith conseguiu subir as escadas e voltar para o quarto. Sarah e as outras garotas já estavam acordadas e se trocando.

– O que aconteceu? – perguntou Sarah, quando Edith entrou cambaleante no dormitório.

Edith puxou Sarah para um canto.

– Shatta está falando com um homem – falou ofegante, tentando se acalmar. – Ele disse que os nazistas estão prestes a patrulhar Moissac e avisou que temos que ir embora. Sarah, o que vai acontecer conosco?

Todos os sentimentos confusos que Edith sentira no dia anterior por Sarah desapareceram. Agora, ela precisava da amiga; precisava de uma companheira que a ajudasse a entender o que estava acontecendo.

Sarah acalmou-a.

– Ficaremos bem, Edith.

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, Germaine chegou correndo, ordenando que todos se dirigissem ao refeitório para uma reunião. Shatta e Bouli estavam esperando.

– Crianças, precisamos sair para um acampamento. Eu acabo de receber notícias de nosso amigo, o prefeito. – A voz de Shatta era controlada e firme. – Os soldados estão vindo para Moissac para procurar judeus. Nossos equipamentos estão prontos. Então, rápido, corram para seus quartos e peguem o que precisarem.

Como atores bem ensaiados, as crianças entraram em ação de maneira ordeira, mas urgente. Edith abriu caminho por entre as crianças e foi até Shatta, que ainda estava dando orientações aos seus funcionários.

– Não arrumem as camas – ordenou. – Não temos tempo. Certifiquem-se de que todos os grupos estejam levando comida suficiente. Bouli, traga os medicamentos. – Shatta continuava a gritar o que devia ser feito, com sua voz sobrepunhando o barulho que crescia.

– Shatta! – chamou Edith, ofegante e amedrontada. – E o meu irmão e as crianças menores? Para onde vão? O que acontecerá com eles?

Shatta colocou o braço sobre os ombros de Edith.

– Gaston e as crianças menores são jovens demais para se esconder na floresta – disse ela. – Eles ficarão escondidos em casas de família em Moissac. Temos muitos amigos na cidade, Edith, amigos que nos garantem a segurança deles.

Naquele momento, a casa estava pronta para o “acampamento”. As crianças estavam preparadas e tinham toda a técnica apreendida. Reuniões regulares com os tutores asseguraram que tudo sairia perfeito. Caixas e sacos de dormir estavam arrumados. A comida, empacotada. Os apetrechos para acampar estavam em ordem. As barracas, inspecionadas semanas antes, estavam dobradas e embrulhadas. A casa estava pronta para a partida.

– Vamos! Vamos pegar nossas coisas! Não tenha medo! – Sarah apertou a mão de Edith. – Já

fiz isso antes. Estaremos seguros. Você vai ver.

Quantas vezes, nos últimos anos, já tinham lhe falado que ela ficaria segura? Papa, Mutti, Shatta e agora Sarah, todos disseram a mesma coisa. Será que ela ficaria em segurança hoje? A lembrança da fuga de Viena e depois de Bruxelas voltou à mente de Edith nitidamente, enquanto pegava algumas roupas e corria para fora do dormitório.



Eric Goldfarb

Descendo as escadas, Edith passou por Eric, que lutava para subir na direção contrária da horda de crianças.

— Esqueceu alguma coisa, Eric? — perguntou Edith.

— Eu não vou — respondeu Eric. — Os garotos mais velhos vão ficar.

Edith não conseguia acreditar no que acabara de ouvir.

– Você o quê? Como assim? Você vai ser preso!

– Nunca! – exclamou Eric. – Há muitos esconderijos nesta casa: o sótão, atrás do barracão de madeira. Os nazistas querem meninos mais velhos, como nós. Não vão ligar para um bando de criancinhas acampando no bosque. Mas, se nós estivermos com vocês, as coisas ficarão mais difíceis para todos.

Edith apertou o braço do amigo.

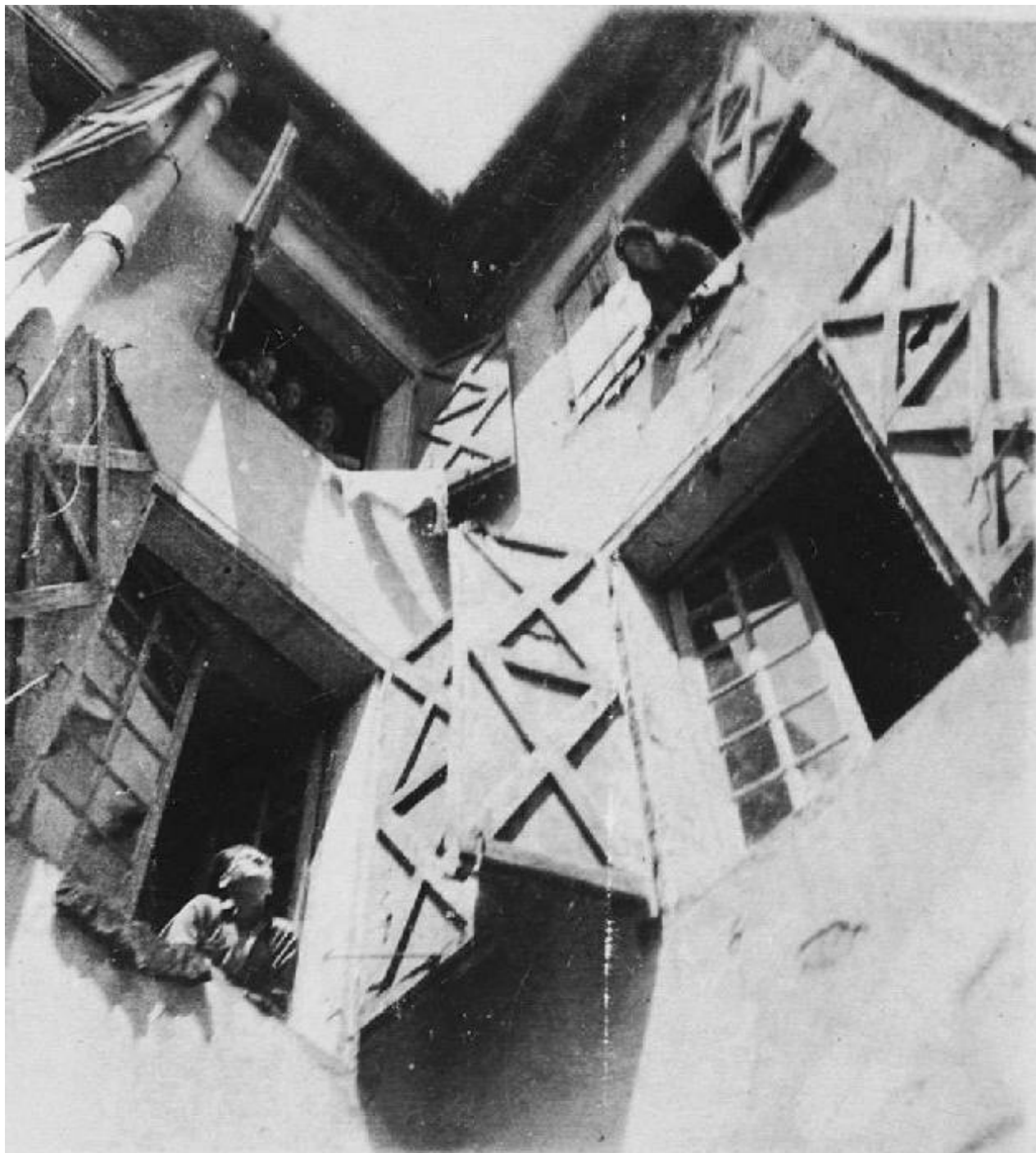
– Cuide-se, Eric.

– Estarei bem aqui quando vocês voltarem – disse ele, sorrindo. – Não se preocupe comigo.

Edith juntou-se ao grupo de crianças reunidas no refeitório. Os tutores chamavam as crianças, distribuindo pacotes individuais com saco de dormir, sacolas, comida, barraca e outros equipamentos. Quando todos já tinham o material em mãos, as portas foram abertas e as crianças espalharam-se pela rua.

O ar matutino era quente e o Sol brilhava, cintilante, enquanto as crianças e os funcionários marchavam rapidamente pelas ruas silenciosas, em direção às montanhas que cercavam Moissac. Lojistas abriam suas lojas, destrancando as portas, recolhendo as cortinas e descobrindo as vitrines coloridas. Observavam discretamente as crianças passando, sem dizer nada. “Será que eles são mesmo nossos amigos?”, pensava Edith. “Quando os nazistas chegarem, eles ainda guardarão nosso segredo?” Esse seria o teste final do comprometimento dos cidadãos com a segurança das crianças. Edith sentiu uma gota de suor descendo pelo pescoço. Sua mochila estava pesada, mas ela não podia diminuir o passo. Mudou a alça de lugar e recuperou o ritmo.

Quando virou uma esquina já na periferia da cidade, reparou numa casinha. Uma das folhas da janela estava aberta e, atrás dela, Edith distinguiu o rosto de uma menina. Quando o grupo passou pela casa, a menina ergueu a mão e acenou. Foi a última coisa que Edith viu antes de sair da cidade, junto com os outros.



Fotografia do quintal da casa em Moissac, tirada por Eric Goldfarb.

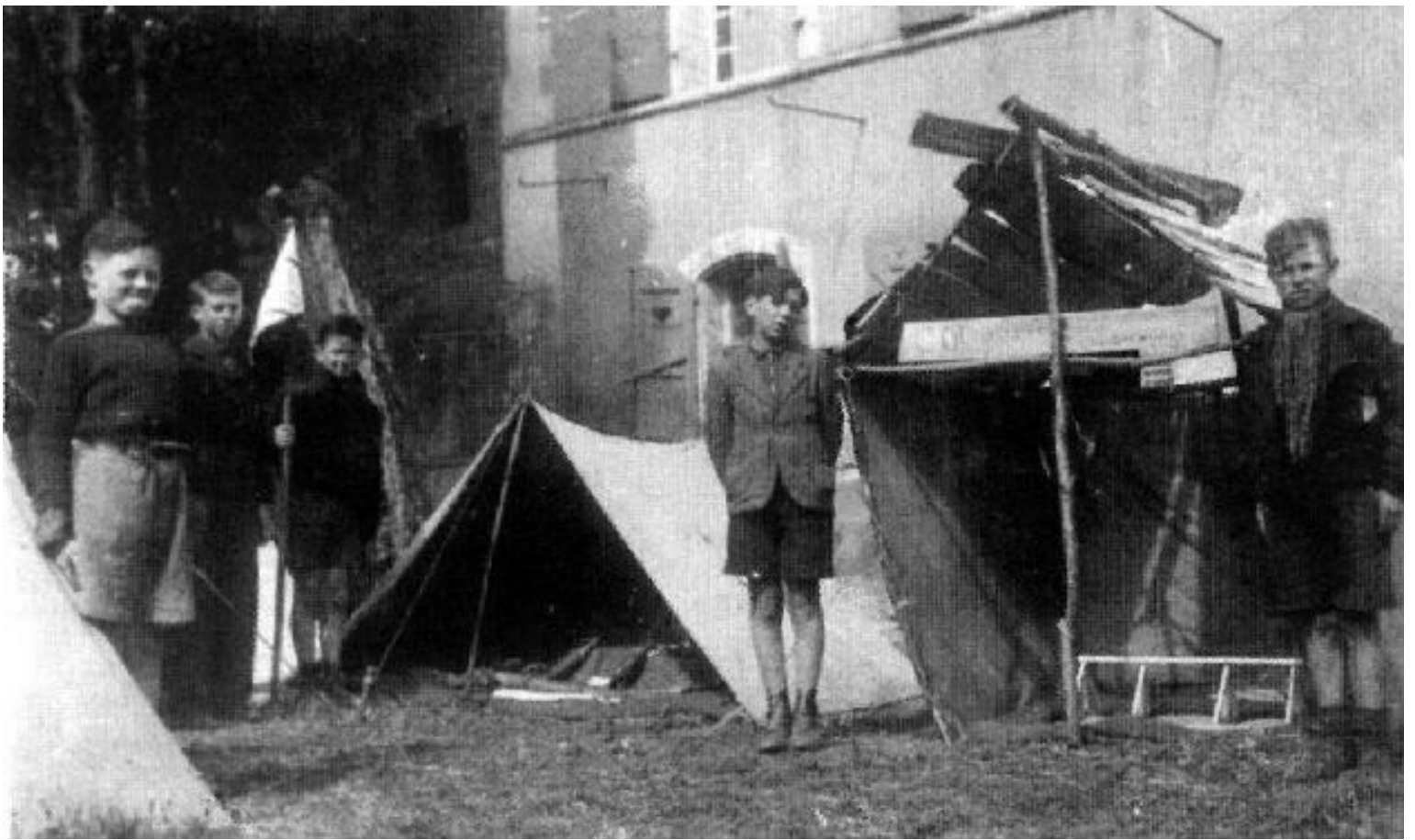
13

CAMP VOLANT

SHATTA chamava o acampamento de *camp volant*: campo voador. Isso significava que as crianças teriam de mudar de lugar todas as noites, adentrando a densa floresta que oferecia abrigo e proteção.

Shatta e os tutores guiaram as crianças para longe do perigo em Moissac. O grupo marchava em pares para seu destino. No começo, passaram por pequenas fazendas que pontilhavam a área rural de Moissac. Mesmo longe, Edith conseguia ver os agricultores arando o campo. Os líderes guiavam as crianças em caminhos distantes das fazendas. Não queriam ser vistos: esses agricultores não podiam se tornar testemunhas da fuga. Mas os agricultores ficaram para trás. Agora, apenas árvores, pássaros e flores do campo observavam as crianças em sua marcha.

As crianças falavam pouco. Precisavam poupar todas as suas forças para conseguir caminhar e carregar suas pesadas mochilas. A de Edith parecia ficar mais pesada a cada minuto. Os exercícios diários em Moissac ajudaram a fortalecer suas pernas jovens, mas essa caminhada era longa e extenuante. O sol esquentava sua cabeça, suas pernas estavam pesadas. Mesmo parando poucas vezes para tomar água e comer alguma coisa, os líderes do grupo tinham pressa e insistiam com as crianças para irem rápido. Quando Edith sentiu que não conseguiria dar mais nenhum passo, Shatta ergueu a mão, sinalizando para o grupo parar.



Expedição de acampamento da casa em Moissac.

Edith deixou cair a mochila e despencou sobre a grama alta, com o suor pingando em sua testa. Sarah deixou-se cair ao seu lado.

– Acho que não conseguiria continuar nem mais um minuto – disse Sarah. Edith concordou. Mas ainda havia muito trabalho para ser feito.

– Temos que montar acampamento antes que o Sol se ponha – disse Bouli. – Teremos muito tempo para descansar depois.

Edith soltou um gemido baixinho, mas logo se colocou em pé. Com rapidez e eficiência, os líderes do grupo distribuíram as tarefas: alguns teriam de procurar gravetos e outros recolheriam grandes galhos para a fogueira. Edith e Sarah juntaram-se ao grupo que armava as barracas: desdobraram cada uma delas e alinharam as cordas e estacas que as prenderiam ao chão.

Edith martelava as estacas e amarrava a grossa corda em volta, usando o nó simples que aprendera em Moissac.

– Dê uma volta, puxe, passe por dentro... Dê uma volta, puxe, passe por dentro... – sussurrava, certificando-se de cada passo.

Em pouco tempo, as barracas estavam erguidas. A fogueira, grande o suficiente para assar comida para todos, mas ainda pequena para não ser percebida a distância, crepitava. O cheiro de madeira queimada misturava-se ao cheiro do cozido que fumegava. Agora, todos podiam relaxar.

Edith deitou-se no chão frio da floresta. Era tão tranquilo estar ali, longe de Moissac, longe do perigo. Os passarinhos cantavam ou piavam, observando seus visitantes inesperados, os grilos cricrilavam e bichinhos corriam por entre a vegetação rasteira. O crepitar do fogo, misturado ao

som suave das vozes, flutuava acima dos pensamentos de Edith.

– Estou com tanta fome que comeria uma árvore inteira – disse Sarah, apoiando-se num tronco.

Edith também estava faminta, mas seus pensamentos estavam ocupados com outros assuntos urgentes.

– Sarah, e se os nazistas nos encontrarem?

– Eles não nos encontrarão – respondeu Sarah. – Ninguém nos encontrará aqui.

– Mas e se encontrarem?

– Pare de se preocupar, Edith. Estamos seguros aqui. Shatta e Bouli já fizeram isso muitas vezes. Sabem o que estão fazendo. Além disso, de que adianta se preocupar? Não há nada que possamos fazer. Então, relaxe e aproveite a aventura. – Sarah virou-se e olhou para a amiga. – Apenas tente, Edith. Tente acreditar que ficará tudo bem.

Edith fechou os olhos. Queria desesperadamente acreditar que não só ela e seus companheiros de aventura ficariam bem, mas que Mutti e Papa, Therese e Gaston também estariam em segurança. Houve uma época em que acreditara inocentemente num futuro, mas agora todas as suas esperanças tinham evaporado. E a guerra se tornava pior a cada dia, ainda mais para os judeus. Na semana anterior, Bouli disse às crianças que os nazistas tinham ordenado que todos os judeus poloneses fossem enviados aos campos de concentração. Nas cidades europeias, os nazistas colocaram os judeus em áreas cercadas por muros e arames farpados. Nesses guetos, os judeus eram obrigados a se amontoar em pequenos apartamentos, havia poucos empregos, pouca comida, muita doença e sujeira. E agora os judeus estavam sendo enviados para campos de concentração, onde seria muito pior. Mesmo depois de ter contado tudo isso, Bouli garantiu às crianças que estavam em segurança.

Edith não sabia em que acreditar. Se essas coisas estavam acontecendo com os judeus em todos os lugares, em quanto tempo aconteceriam aqui, com ela e com seus amigos? Edith não podia baixar a guarda, não conseguia se sentir tão confiante quanto Sarah. Toda vez que começava a relaxar, alguma coisa acontecia para fazê-la acordar novamente para essa realidade amedrontadora.

A noite foi ficando escura e estrelas brilhantes encheram o céu. Edith tremeu e procurou um cobertor para cobrir os ombros, agora que o fogo se apagava. Algumas crianças começaram a cantar baixinho, suas vozes se misturando numa harmoniosa melodia.

– Veja! – chamou Sarah, apontando para o céu. – Uma estrela cadente! Faça um pedido, Edith!

Edith levantou a cabeça a tempo de ver a estrela riscando o céu de luz. Fixou os olhos nela e desejou com todas as suas forças.

OS ESCOTEIROS DE MOISSAC

O ACAMPAMENTO durou cinco dias. A cada manhã, as crianças acordavam cedo, se lavavam, tomavam o café da manhã e desmontavam o acampamento. Shatta mandava uma patrulha todas as manhãs: cinco ou seis, acompanhados de um tutor. O trabalho do grupo era encontrar um lugar para montar o acampamento naquela noite e certificar-se de que ninguém havia seguido o grupo. Quando o perigo passava, todas as crianças partiam, carregando suas mochilas e equipamentos, marchando em pares.

O ar fresco da floresta trazia energia. A palidez de Edith, por ficar meses reclusa, deu lugar a um rosado saudável. Seu corpo jovem tornou-se forte. A mochila, que nos primeiros dias parecia pesar uma tonelada, não era mais um fardo, e a marcha diária tornou-se quase leve. Realmente havia um sentimento de liberdade em estar na floresta, e Edith sentiu que participava de uma aventura.

– Somos jovens escoteiros e bandeirantes – disse Shatta. – Esta é a nossa oportunidade de fortalecer nosso caráter e aprender novas habilidades. O escoteiro é amigo de todos: é leal, forte e capacitado. Use o tempo da caminhada para reparar no caminho. Aprenda sobre a floresta e seus riachos. Ajudem uns aos outros e estarão ajudando a si mesmos.

Durante esses cinco dias, Edith usou todas as habilidades que tinha e aprendeu muitas outras coisas. Tornou-se perita em executar nós complicados e em distinguir quais cogumelos e frutas silvestres eram comestíveis. Conseguia transformar um pedaço de madeira em lascas para a fogueira e aprendeu os nomes de várias flores e árvores.

Numa tarde, Sarah tentou convencer Edith a pescar.

– Primeiro, você tem que amarrar essa corda num graveto. Cuidado com o anzol – explicou Sarah. – Agora, coloque a isca no anzol – disse, segurando uma minhoca lamacenta.

– Não! Não consigo fazer isso!

– Claro que consegue! Pegue!

Edith fez uma careta e pegou a minhoca. Prendendo a respiração, enroscou a criatura que se remexia no anzol e jogou a linha na água. Edith conseguia enxergar as silhuetas prateadas sob a superfície da água transparente, investindo contra a minhoca.

De repente, sentiu a linha esticar o graveto. O coração de Edith disparou ao puxar sua varinha, que, de tão dobrada que estava, corria o risco de quebrar.

– Não puxe tanto, senão o peixe vai escapar! – gritou Sarah.

Edith parou de puxar um pouco antes de fazer força novamente. O peixe puxava de lá e Edith puxava de cá, deixando-o se afastar um pouco e puxando-o novamente para perto da margem.

Um grupo de amigos e tutores torcia por ela. Depois de alguns minutos, Edith segurou o peixe, triunfante, para todos verem. Naquela noite, haveria peixe grelhado para o jantar e seu pescado seria servido.

No quinto dia, Shatta ficou sabendo que os nazistas tinham ido embora da cidade. O grupo desmontou acampamento pela última vez e se pôs a caminho de Moissac. Edith ficou triste pelo fim do acampamento. Tinha sido uma aventura inesquecível. Sarah estava certa: tinham ficado em segurança e se divertido. Na floresta, Edith até se esqueceu de que os soldados estavam próximos dali, procurando por judeus. Não se lembrou do perigo.

Assim que as crianças chegaram em casa, Edith saiu à procura de Gaston. Ela o encontrou no quarto, desfazendo sua pequena mala.

– Oh, Gaston, estava tão preocupada com você! – Edith apertou o irmão. – Shatta me disse que você estava se escondendo com uma família. Eles foram bonzinhos com você?

Gaston balançou a cabeça, confirmando.

– Tive que fingir ser filho deles, caso os soldados chegassem. Eles nunca apareceram, mas mesmo assim tive que fingir. Tinha que os chamar de Maman e Papa. Foi difícil, mas eu fechava os olhos e fingia que Mutti estava ali, então eu conseguia.

– Você é muito corajoso, Gaston. Mutti ficaria orgulhosa de você... Papa também.

No caminho de volta para casa, Edith encontrou Eric trabalhando na marcenaria.

– Eu disse que ficaria bem! – disse ele.

– O que aconteceu? – Edith quis saber. – Os soldados vieram?

– Sim – respondeu Eric. – Não muito depois que vocês saíram. Havia uns dez ou doze soldados patrulhando. Eles bateram na porta. A cozinheira atendeu e disse que todos tinham ido embora. Claro que ela não disse nada sobre sermos todos judeus. Ela apenas disse que era um internato para crianças e que todos tinham saído por uns dias. Mas os soldados entraram mesmo assim. Nós já estávamos escondidos: três no sótão, atrás de uma porta falsa, e o resto atrás do barracão de madeira. Também havia outro esconderijo, um pequeno compartimento atrás do barracão, embaixo de uma escada secreta, que acomodaria mais uns três ou quatro garotos. Poderia ser completamente camuflado com algumas toras de madeira, pregadas na frente.

– Por quanto tempo você se escondeu? – Edith imaginava os garotos amontoados no pequeno espaço.

– Duas, talvez três horas. Os soldados voltaram várias vezes. – Ele deu um sorriso maroto. – Acho que não acreditaram na cozinheira e queriam nos pegar de surpresa. Mas conseguimos nos esconder direitinho.

Eric parecia descrever uma simples brincadeira. Poderia ter dito “nós brincamos de esconde-esconde”, em vez de “ah, sim, nós nos escondemos dos nazistas”. Talvez para Eric e os outros fosse uma aventura evitar ser capturado e enganar os nazistas. Mas, para Edith, medo e insegurança nunca desapareciam. O perigo sempre estava a poucos metros, esperando que ela baixasse a guarda. Por isso, tinha que observar e ficar sempre alerta. Era o único modo de sobreviver.

ESTAMOS FECHANDO A CASA

Agosto de 1943

DENTRO DE ALGUNS DIAS, para seu próprio espanto, Edith se acostumou à rotina da casa. De férias da escola, os dias passavam tranquilamente, com uma energia preguiçosa de verão. Houve até um casamento entre dois tutores. No jantar do casamento, Eric e outros fotógrafos presentearam os recém-casados com um álbum das fotos tiradas durante a cerimônia. Não foi um banquete – havia racionamento e restrição de alimentos –, mas o sentimento geral era de otimismo, até mesmo de esperança.

– Talvez a guerra esteja acabando – sussurravam as crianças. – Talvez nossos pais cheguem para nos buscar.

Edith rezava todas as noites para que Mutti viesse. Quando visitava Gaston, fingia que não era apenas uma esperança, mas uma realidade. Em seu coração, porém, ela não acreditava. Tantas vezes a tinham convencido de que estaria a salvo... Dessa vez, não seria convencida tão facilmente. Por isso, quando Shatta e Bouli convocaram uma reunião de emergência em agosto de 1943 para anunciar o fechamento da casa, Edith não ficou surpresa, apenas muito triste.

– As condições estão piorando na França – começou dizendo Shatta. – Não é mais seguro para todos nós ficarmos aqui.

Ouviram-se reações por todo o salão. Algumas crianças ficaram atordoadas e em silêncio, outras gritaram:

– Não!

– Eu quero ficar... não nos mandem embora!

– Estamos indo acampar de novo? – perguntou um garoto. Shatta balançou a cabeça, com tristeza.

– Não. Receio que, dessa vez, cinco ou seis dias na floresta não farão diferença. Temos que fechar a casa.

– Agora que os Estados Unidos se juntaram na batalha contra Hitler, estou confiante de que a guerra não vá durar muito – disse Bouli. – Há sinais de que os nazistas estão sendo derrotados. Todos sabemos que eles se renderam aos russos em Stalingrado e no norte da África. A maré está a nosso favor.

– Sim – completou Shatta. – As coisas estão mudando. Mesmo assim não conseguiremos salvar esta casa. As autoridades da França estão fornecendo listas de judeus nesta área, para arranjar nossa partida para os campos de concentração. Isso aumenta o perigo para o prefeito de Moissac e para todos os amigos que mantêm nosso segredo. Também será melhor para eles se partirmos.

– Mas para onde iremos, Shatta? – Era Sarah quem sempre tomava a iniciativa e fazia as

perguntas mais difíceis. – Quem pode esconder uma casa cheia de crianças judias?

– Não temos todas as respostas ainda – respondeu Shatta, meio hesitante. – Mas, nas próximas semanas, saberemos quando e para onde vocês irão. – Shatta respirou profundamente antes de continuar. – Não há um único lugar para todos. Vocês irão para casas e internatos, em pares ou trios, para ficar com as pessoas que vão escondê-los. Eu prometo que não deixarei esta casa antes de ver cada um de vocês em lugar seguro.

“De novo a promessa de segurança”, pensou Edith. “Será que pode haver lugares seguros para todos nós?”

– Não podemos mais viver abertamente como judeus – continuou Shatta. – Vocês receberão novas identidades: novas nacionalidades e novos nomes, que não são judeus. Precisarão decorar esses nomes e reagir como se tivessem nascido com eles. Tudo isso precisará ser praticado. Tenho certeza de que vocês aprenderão mais essa habilidade, assim como aprenderam a acampar. Lembrem-se sempre de que vocês são escoteiros e nosso lema é “sempre alerta”.

Ao acabar de falar, Shatta dispensou o grupo com um cansado aceno de mão. Edith nem conseguia imaginar como Shatta estava frustrada por não ter conseguido manter o grupo unido.

Naquela tarde, Sarah e Edith foram visitar Eric na oficina de fotografia. Ele estava trabalhando com outras crianças, separando alguns papéis e documentos.

– Veja! – disse ele, pegando uma das folhas de papel. – A igreja nos deu certificados de batismo em branco. Temos que preencher um papel desses para cada criança da casa.

Esse documento afirmava que Edith e os outros participaram de uma cerimônia religiosa que os iniciava na fé católica.

– Shatta disse que receberemos novos nomes – disse Sarah. – Quem será que eu vou ser?

– Que pergunta boba! – disse Edith. – Você é Sarah. Este é apenas um disfarce. É só fingir. Isso não muda quem você é.

– Para esse plano funcionar, apenas fingir não é suficiente – disse Eric. – Não é como pular para fora do seu disfarce e gritar: “Surpresa! Enganei você!”. Você tem que acreditar em sua nova identidade e acreditar que é outra pessoa. Veja – Eric apontou um nome abaixo de sua fotografia em um dos documentos de identificação –, agora eu sou Etienne Giroux.

Edith não gostou da ideia. O que Mutti tinha dito ao deixá-la aqui em Moissac? “Lembre-se de quem você é.” E agora? Como ela podia ser outra pessoa?

– Para onde será que seremos enviados? – continuou Sarah. – Será que ficaremos juntos?

Edith ainda não havia pensando nisso. Shatta disse que eles seriam mandados embora em pequenos grupos, mas Edith pensava que ficaria com pelo menos alguns amigos. Pensar que poderia ficar sozinha era ainda mais assustador.

– Bem, eu não vou para lugar nenhum – disse Eric.

– Como assim? – perguntou Edith. – Todos têm que ir para uma casa segura.

– Eu não – rebateu Eric. – Estou indo me juntar à Resistência no leste da França. Com esses documentos, conseguirei atravessar o país para lutar contra os nazistas. O que você acha disso?

Edith encarava Eric, sem acreditar. Ela sabia da Resistência. Sabia que, por toda a Europa, grupos de homens e mulheres arriscavam suas vidas para impedir o avanço de Hitler e de seus homens: roubavam armas, explodiam trilhos de trens, destruíam munição e passavam

informações confidenciais aos aliados. A maioria dos resistentes era cristã, mas também havia homens e mulheres judeus. Agora, Eric ia se juntar a eles.

– Judeus estão revidando onde conseguem – continuou Eric. – Há uns dois meses, houve um levante no Gueto de Varsóvia. Os judeus ali se recusaram a ficar mais tempo aprisionados. Eu também quero lutar.

Edith sabia do Gueto de Varsóvia. Bouli tinha falado sobre o levante. Mas milhares de homens, mulheres e crianças judias tinham sido mortos na batalha. Eric parecia ter se esquecido dessa parte. Contudo, nada o impedia de fazer algo quando estava determinado. Edith podia apenas desejar boa sorte.

– Quando você parte, Eric? – perguntou, em voz baixa.

– Logo – respondeu ele. – Quando acabar de preparar esses documentos. Não fique tão triste. Ninguém nunca conseguiu me pegar. E ninguém nunca conseguirá. Enquanto isso, ainda sou o fotógrafo oficial, então deixe-me tirar sua foto para os novos documentos.

Edith e Sarah alinharam-se para posar para as fotos. Na sua vez, Edith olhou sombriamente para a câmera. Não sorriu, mas fez uma promessa silenciosa: “Não importa o que dizem os papéis, não me esquecerei de quem eu sou, Mutti”.

LEMBRE-SE DE QUEM VOCÊ É

NOS DIAS SEGUINTEs, Shatta e Bouli se encontraram com as crianças para lhes entregar suas novas identidades e ensaiar seus novos nomes. Edith encarou sua foto no novo documento: seu rosto sério, sem sorrir, a encarava de volta. Mas era o nome embaixo da foto que lhe chamou a atenção. Ela não era mais Edith Schwalb. O nome sob a foto era Edith Servant. Edith Servant. Ela sussurrou diversas vezes, saboreando aquele gosto estranho na boca. Edith Servant. Edith Servant. Bem, pelo menos ela continuava sendo Edith e isso era um alívio. Ainda assim, mesmo depois de onze anos com uma identidade, esse novo nome era muito estranho para ser engolido de uma vez.

Edith olhou para Sarah. Seu rosto estava pálido e ela balbuciava palavras como se estivesse tentando memorizá-las.

– Então? Qual é o seu nome?

Fechando os olhos, Sarah suspirou:

– Simone. Simone Carpentier.

Edith balançou a cabeça. Não havia nada a dizer. Encarou a cruz em seu certificado de batismo. Aquela cruz parecia não combinar com seu nome no papel. Edith Servant era católica. Isso significava que Edith Schwalb deveria esquecer o judaísmo?

– Vamos ensaiar seus novos nomes – dizia Shatta ao grupo de crianças. – De agora em diante, parem de usar seus nomes antigos e dirijam-se uns aos outros apenas pelo nome novo. – Shatta pegou o documento de Sarah. – Se eu disser Sarah, você não deve responder – disse ela, olhando nos olhos de Sarah. – Nenhum tipo de resposta: não vire a cabeça, não se mexa. – Shatta devolveu os papéis para Sarah e andou entre as crianças. – Repitam seus nomes muitas vezes, até soarem completamente familiares. Sua segurança depende disso. Não pode haver erros pois não haverá segunda chance. Em seus documentos também constam novos lugares de nascimento – continuou Shatta, andando pela sala. – Aprendam o nome da cidade onde vocês nasceram. Aprendam a escrever esse nome corretamente. Testem uns aos outros até conseguirem se lembrar sem esforço.

CARTE D'IDENTITÉ

Nom : Jérôme
Prénoms : Irène, Marie
Profession : étudiante
Nationalité : Française
Née le : 19-IX-26
à : Ars-sur-Moselle (Moselle)
Domicile : Asson

SIGNALEMENT : Taille 1m63 Cheveux châtain clair
Bouche petite Yeux bleus
Visage ovale Teint clair

Signes particuliers :



Documento de identificação de uma garota chamada Irène Marie Jérôme. Seu nome verdadeiro era Inge Joseph. Edith tinha uma identidade falsa parecida com esta.

De acordo com seus documentos, Edith tinha nascido numa cidade chamada Enghien-les-Bains. Edith levantou a mão, apavorada.

— Shatta! Onde é isso? Eu nunca ouvi falar em En... En... — Edith desistiu de tentar pronunciar. Shatta olhou para o papel.

— Enghien-les-Bains — repetiu. — É uma cidade situada vinte quilômetros ao sul de Paris.

Edith apertou os olhos para não chorar. Como ela poderia convencer qualquer pessoa que vinha de uma cidade sobre a qual não sabia nada? E se alguém perguntasse como era a cidade? Ou em que rua ela vivia, a escola onde estudava? O que ela diria? Estaria condenada! Enghien-les-Bains. “Bains” significava banho. Talvez fizessem banheiras nessa cidade. Não! Isso seria ridículo. Mas o que pode ser mais ridículo do que inventar uma vida inteira?

A reunião acabara. Edith respirou fundo.

— Venha... Simone. Vamos treinar.

DEIXANDO MOISSAC

EDITH estava parada no meio de uma rua desconhecida, cercada por pessoas estranhas. Homens bravos a fulminavam com o olhar, os punhos cerrados. Soldados apontavam seus rifles, crianças que ela não conhecia balançavam a cabeça, tristes, encarando-a. Todos gritavam a mesma pergunta:

– Qual é o seu nome?

“Meu nome? Meu nome...”, pensou olhando desesperadamente ao redor, procurando por ajuda. Por fim, desesperançada, sussurrou:

– Edith. Meu nome é Edith.

– Edith de quê? – berravam. – Qual é o seu nome?

– É Edith... Edith... – Oh! Qual era o nome nos documentos? Por que ela não ensaiou mais? Agora era tarde demais. Seria presa por não ter conseguido se lembrar de seu nome. – É só Edith! – gritou.

– Você não sabe quem você é? – berraram eles.

“Eu sei quem eu sou”, pensou, com raiva. “Mutti, eu não me esqueci. Mas eu não sei meu novo nome!” As pessoas aglomeravam-se, juntando-se ao seu redor, colocando as mãos sobre ela.

Edith acordou assustada e sentou-se na cama, sufocada. Em segundos, as sombras do dormitório tornaram-se familiares e ela ouviu o ressonar de suas colegas dormindo. O luar entrando pela janela produzia uma luz quente e reconfortante. Edith deitou-se novamente, esperando seu coração voltar ao ritmo normal.

“Isso nunca vai funcionar”, pensou. “Não posso me tornar outra pessoa. Não vou conseguir fingir o tempo todo e nunca cometer um erro.” Esperava-se muito dela e de seus colegas, todos ainda tão jovens. Aos onze anos, ela deveria estar se preocupando com festas e brincadeiras, não em esconder sua identidade para sobreviver. Edith fechou os olhos, mas não conseguia dormir. Abraçando o travesseiro, viu quando os primeiros raios de sol iluminaram o dormitório pela manhã.



Assim que terminou as tarefas, Edith foi visitar Gaston.

– Você já sabe fazer isso, Gaston – Edith relembrou o irmão, sentada ao seu lado. – Você se lembra quando fomos acampar e você ficou com uma família? Você fingiu que era o filho deles

e os chamou de Maman e Papa. Você foi um bom ator.

Gaston estava mais quieto e retraído do que nunca.

– Podemos ir embora juntos?

– Shatta e Bouli é que vão decidir para onde iremos. Você sabe disso, Gaston. Se dependesse de mim, nos esconderíamos juntos até que Mutti viesse nos buscar. Mas...

Gaston desviou o olhar. Ficaram sentados lado a lado, em silêncio, até a hora de Edith ir embora. Ela abraçou o irmão com força e prometeu visitá-lo no dia seguinte. Receou, no entanto, não poder cumprir sua promessa. Muitos garotos e garotas já haviam partido para seus esconderijos. Saíram discretamente, acompanhados de seus tutores, à noite, para não serem vistos por ninguém. Os que ficaram não perguntaram para onde eles tinham ido; era melhor não saber. As camas desarrumadas pela manhã eram as únicas evidências de que haviam estado ali e partido. Até mesmo Eric desapareceu numa noite, com outros garotos. Edith nunca teve a chance de dizer adeus. A cada noite, ela olhava ao redor do dormitório, imaginando quem poderia ser o próximo a partir. E imaginava também quando chegaria a sua vez.

Ela não teve de esperar muito. Numa noite, sentiu que alguém cutucava seu ombro com delicadeza.

– Edith, acorde.

Ela se virou e deu de cara com o regente do coral.

– É hora de ir – sussurrou ele. – Vista-se devagar e sem fazer barulho.

Perto dela, Sarah também estava saindo da cama. Edith nem ousou ter a esperança de continuar junto da melhor amiga. Vestiu-se rapidamente e pegou a pequena mala que já estava arrumada embaixo da cama. Junto com Sarah, saiu na ponta dos pés.

Henri e duas outras garotas já esperavam por elas. Todos desceram silenciosamente as escadas e saíram pela grande porta de madeira. Dessa vez, Edith não olhou para trás. Não queria ver a casa envolta em sombras. Queria lembrar-se daquele lugar durante o dia, quando o Sol fazia brilhar o número 18 e as crianças se penduravam nas janelas, rindo e conversando. Por alguns instantes, Edith pensou se Shatta poderia estar olhando. Edith não se despediu dela nem de Bouli, nem de todas as outras crianças.

– Nada de despedidas sentimentais – disse Shatta da última vez em que se viram. – Vocês estão todos no meu coração e nos encontraremos de novo, quando a guerra acabar.

Talvez fosse melhor assim. Como ela conseguiria se despedir de Shatta e Bouli? Como poderia agradecê-los por tudo que fizeram por ela? Eram sua família. De agora em diante, acrescentaria Shatta e Bouli nas suas orações antes de dormir, ao lado de Papa, Mutti, Therese e Gaston.

18

UMA NOVA CASA

QUANDO chegaram à estação, Henri falou com as garotas antes de subirem no trem.

– Preciso passar algumas informações sobre o lugar para onde estão indo. – Henri sussurrava, embora a plataforma estivesse quase deserta. – Vocês estão indo para o oeste, a cem quilômetros daqui, para uma pequena cidade no distrito de Gironde chamada Ste-Foy-la-Grande. Ali, frequentarão uma escola, dentro do internato, onde vão morar. A diretora está esperando por nós. Ela é a única que sabe quem realmente somos e sabe que somos judeus. Ela também é a única que pode saber.

Henri fez uma pausa, para que a informação fosse absorvida. Uma por uma, as garotas confirmaram com um aceno de cabeça: todas compreenderam. Essa nova cidade era diferente de Moissac em todos os aspectos: nenhum dos cidadãos manteria o segredo bem guardado e o prefeito não avisaria do perigo.

Henri foi interrompido pela chegada do trem. Ele e as garotas embarcaram no vagão da terceira classe, onde se sentaram de frente uns aos outros em bancos de madeira. Edith olhou os passageiros ao redor. Um homem idoso e sua mulher dormiam no meio do vagão. No momento em que o trem deixou a estação, todos balançaram a cabeça, mexendo-se no ritmo das rodas. Uma jovem, alguns assentos à frente, enfiou o nariz num livro e nem olhou para cima. Edith começou a imaginar se alguma dessas pessoas conseguiria perceber seu disfarce.

O condutor andava pelo corredor do vagão.

– Billets! Passagens! – ordenava.

O casal de idosos acordou, a moça baixou o livro. Henri deu as passagens ao condutor, que olhou por alguns instantes para o grupo e continuou andando. O casal voltou a dormir e a moça continuou sua leitura.

Henri gesticulou e as meninas se agruparam ao seu redor.

– Preciso acabar o que estava falando na estação – disse, olhando ao redor para ver se havia alguém prestando atenção na conversa. Mas ninguém se importou. – As garotas do internato foram avisadas de que estaria chegando um grupo de órfãs. Seus pais foram mortos, vocês não têm para onde ir, então a escola aceitou recebê-las.

Era a última peça que faltava no quebra-cabeça da nova identidade de Edith. Agora seu disfarce estava completo: um novo nome, um novo local de nascimento e seus pais estavam mortos.

– Eu sei que vocês estão treinando há semanas, mas preciso reiterar. De agora em diante, vocês precisam chamar umas às outras pelo novo nome, mesmo quando estiverem sozinhas.

Vocês têm que esquecer quem vocês são.

“Nunca!”, pensou Edith.

– Agora, descansem – disse Henri. – Temos que trocar de trem mais à frente e não chegaremos em Ste-Foy-la-Grande antes do anoitecer. Eu trouxe pão e queijo.

Pelo resto da viagem, ninguém falou mais nada. Para sua surpresa, Edith não se sentia com medo: estava entorpecida. Sarah, sentada em silêncio ao lado de Edith, parecia igualmente atordoada. Edith olhou para as duas outras garotas. Elas eram mais velhas: uma, Edith não conhecia muito bem, e a outra era Ida, a primeira a falar sobre Moissac. Era um alívio saber que todas estariam juntas nesse internato. Era reconfortante. Suzanne, a mais velha, tinha mantido seu primeiro nome, assim como Edith. Ida tinha virado Irene. Suzanne, Irene, Edith e Simone. Edith sussurrava os nomes repetidamente e fez uma rima com eles.

Suzanne, Irene, Edith e Simone

Quatro judias que mudaram de nome...

A musiquinha boba tocou na cabeça de Edith até o trem chegar a Ste-Foy-la-Grande.



De longe, a escola não impressionava: o prédio quadrado de tijolinhos, com dois andares, ficava numa rua calma. Tinha um pequeno jardim na frente, cercado por um portão de ferro. O quintal era repleto de lindas árvores, com suas folhas delicadas brilhando na tênue luz do entardecer. A escola ficava ao lado de um cemitério; Edith não gostou de ter túmulos como vizinhos. As garotas seguiram Henri subindo a escada até o escritório da diretora.

– Estamos recebendo vocês e nos arriscando muito – disse a diretora, Madame Picot, ao cumprimentar as crianças. Ela era uma pessoa muito formal, sem as palavras afetuosas de Shatta ou a bondade de Bouli. – Vocês nunca, e eu repito, nunca devem revelar seus nomes e sua religião – continuou ela. – Suas vidas correm perigo se fizerem isso e as nossas também. Vocês são órfãs católicas que vieram viver conosco.

Henri chegou mais perto.

– Somos muito agradecidos por tudo que você está fazendo – disse ele. – As crianças entendem os riscos que estão correndo e serão cuidadosas. Aqui estão os certificados de batismo, os documentos de identificação e os cartões de racionamento – acrescentou, colocando os papéis na mão da diretora.

– Não há muita comida – avisou a diretora. – Mas tentaremos conseguir o que for preciso. – Madame Picot olhou novamente as crianças. – Não há muitos dispostos a recolher crianças judias nesta época. Espero que vocês sejam gratas pelo que estão recebendo.

Henri virou-se e olhou para Edith e para as outras garotas.

– Preciso ir agora. Alguém da casa de Moissac tentará visitá-las uma vez por mês, se conseguir. Aqui. – Henri tirou quatro pacotinhos do bolso. – Chocolate... Um presente de despedida da cozinheira. Cuidem umas das outras. – Dito isso, foi embora.

Edith olhou para o chocolate, um tesouro nesses tempos de racionamento. Mas, se tivesse de optar entre Moissac e a guloseima, ela não pensaria um segundo.

— Então, vamos — disse Madame Picot, depois que Henri saiu. — Sigam-me. Vocês vão desfazer as malas e conhecer suas companheiras de quarto.

As garotas seguiram a diretora escada acima até chegarem a um grande quarto. Ela apontou para Ida e Suzanne, que entraram. Então continuou até chegar ao quarto onde ficariam Edith e Sarah.

O quarto era tão sombrio! Tão diferente de Moissac, onde tudo era claro e fresco! Aqui, as paredes estavam manchadas, algumas prateleiras estavam quebradas e a madeira do chão fazia barulho e estava descascada. Um cheiro de coisas velhas pairava no ar. Havia pelo menos vinte camas no quarto e, no final do corredor, uma fileira de bacias. As janelas, num dos lados, numa grande parede, eram altas e sujas. Edith percebeu, aliviada, que as duas camas vazias estavam uma ao lado da outra. As duas colocaram as malas sobre a cama e começaram a desfazê-las. Edith olhou pela janela e tremeu: dava vista para o cemitério.

“Se você não tomar cuidado, os fantasmas virão flutuando e o pegarão enquanto dorme.”

Edith virou-se e viu algumas garotas que cercavam as novatas.

— Qual é o seu nome?

Era a garota mais alta que falava com ela. Todas elas pareciam mais velhas e não muito amigáveis. Henri tinha dito que a maioria das garotas eram filhas de agricultores que passavam a semana no internato para frequentar a escola e voltavam para casa no fim de semana.

— Qual é o seu nome? — perguntou de novo, mais alto.

— Edith — respondeu, fazendo uma pausa. — Edith Servant. — O nome soava estranho em seus ouvidos.

— Olá! Sou Simone Carpentier.

Edith tentava imaginar de onde Sarah tirava tanta coragem.

As garotas encararam Sarah e Edith por alguns minutos, depois deram de ombros e foram embora, desinteressadas.

— Órfãs... — murmurou a mais alta.

Edith não tinha muito que arrumar e, em poucos minutos, o conteúdo de sua mala repousava sobre as prateleiras ao lado da cama. Cansada, atirou-se na cama. Aquele quarto parecia tão abandonado quanto Edith estava se sentindo. Mesmo com Sarah ali, sentia-se completamente sozinha. Não tinha seus pais nem seus irmãos para confortá-la. Não tinha as pessoas da casa em Moissac para protegê-la. Ela nem mesmo pensava mais em Sophie, ou sussurrava conversas imaginárias com ela para sentir-se consolada. Edith percebeu que só tinha a si mesma... e suas lembranças.

Olhou pela janela tentando evitar a vista do cemitério. Tentou não reparar, também, no buraco de seu cobertor, imundo. Estava exausta: desgastada da viagem e cansada de ser Edith Servant. Era apenas o primeiro dia. Como conseguiria passar pelos dias e semanas seguintes?

As primeiras estrelas começavam a aparecer, cintilando o céu turvo. Uma lua prateada aparecia no horizonte. Edith olhava o céu escuro: era noite de sexta-feira. Se estivesse em Moissac, as preparações para o Sabbath estariam a todo vapor: toalhas brancas e candelabros,

canja de galinha e o coral cantando suas canções.

Edith olhou em volta no quarto. As garotas que não tinham voltado para casa no fim de semana estavam lendo ou conversando. De repente, ela teve uma ideia: acenou para Sarah, que ficou confusa, mas mesmo assim seguiu Edith pelas escadas até o saguão. Edith deixou Sarah esperando no corredor e voltou do outro quarto com Ida e Suzanne. As garotas desceram as escadas nas pontas dos pés até o grande quintal. Correram até os fundos da casa, numa área isolada. Quando chegaram até os muros do quintal, Edith parou e olhou para as meninas.

– Shabbat Shalom! – disse apressadamente. Seus olhos brilhavam como duas estrelas no meio de seu rosto. – Eu desejo paz para vocês neste Shabbat.

Sarah prendeu a respiração, Ida e Suzanne olharam em volta. Será que tinha alguém vigiando? Poderiam ser vistas? Será que alguém ouviu o que Edith tinha dito?

– Shabbat Shalom! – repetiu Edith. – Se falarmos baixo, ninguém nos escutará aqui.

Sarah hesitou. Mas finalmente sussurrou:

– Shabbat Shalom!

– Shabbat Shalom! – disse Ida, seguida por Suzanne.

Edith pegou a mão das amigas e começaram a dançar em círculo. Cantavam baixinho e saltitavam discretamente, cientes de que os dormitórios estavam próximos e havia a possibilidade de serem vistas. A dança começou devagar, mas logo giravam e pulavam com uma alegria que não sentiam havia tempos. Balançavam-se pra lá e pra cá, alegrando-se na dança judia de celebração. Edith sabia que, na manhã do dia seguinte, teria de fingir ser outra pessoa. Nesse momento, porém, sob as estrelas, na paz dessa noite de Sabbath, ela dançou, reivindicando sua fé e sua liberdade.

19
STE-FOY-LA-GRANDE,
1943

A VIDA ERA DIFÍCIL para Edith na nova casa. Não que as garotas judias fossem maltratadas; ninguém era deliberadamente cruel. Elas eram simplesmente ignoradas, quase como se não existissem. Ninguém era bondoso ou demonstrava preocupação. Ninguém tomava conta delas. Na ausência de tutores, e sem os cuidados de Shatta e Bouli, Edith sentiu que era impossível cuidar de si mesma.

Todos os dias, usava seu único vestido para ir à escola. Tinha conseguido levar pouquíssimas coisas de Moissac: um vestido, uma saia, um macacão, algumas roupas de baixo e meias. Edith e Sarah tentaram lavar suas roupas na pia, mas quase não havia sabonete. Com o passar dos dias, as roupas de Edith ficaram imundas e cheias de buracos.

Pior do que isso, Edith também não conseguia se lavar direito. A casa era imunda e não havia lugar para tomar banho. Com o tempo, como ninguém ligava, Edith parou de se lavar. A única coisa que esperava ansiosamente eram as visitas de Germaine.

Henri havia prometido que alguém de Moissac visitaria as garotas e providenciaria novos cartões de racionamento todos os meses. Na primeira visita de Germaine, Edith quase pulou em seus braços. Germaine trouxe um pedacinho de chocolate para cada uma e um suprimento de carinho.

– A primeira coisa que eu vou fazer – disse ela – é levar vocês quatro para tomarem um bom banho.

As meninas seguiram Germaine pela cidade, passaram pelos pequenos restaurantes, pela livraria e pela igreja. Ninguém prestou muita atenção, a não ser pelo fato de parecerem pequenas mendigas.



Edith (sentada, à direita) foi enviada para a escola em Ste-Foy-la-Grande junto com Ida (atrás, à esquerda), Suzanne (a segunda, atrás, da direita para a esquerda) e Sarah (sentada, à esquerda).

Na casa de banho, Germaine distribuiu entre as garotas pequenos pedaços de sabonete. A água morna era como o paraíso molhando o jovem corpo de Edith. Ela jogou a cabeça para trás, abriu a boca e deixou a água correr, lavando um mês de sujeira e encardido, tristeza e solidão. Se ela pudesse voltar com Germaine! Voltar para seu aconchego em Moissac. Ali, sentia-se protegida e bem cuidada.

Edith queria fazer mil perguntas a Germaine: ela tinha visto Gaston? Para onde Eric tinha ido? Ele estava seguro? O que tinha acontecido com Shatta e Bouli? Ainda assim, sentia que saber a resposta a essas perguntas seria colocar em risco a segurança das pessoas que ela amava. Por isso, Edith não disse nada, preferindo aproveitar o deleite de estar com Germaine, deixando a tristeza para quando tivessem de se despedir.

As visitas de Germaine ajudavam, mas um banho por mês não era suficiente para manter a sujeira e os bichos afastados por muito tempo. Edith e Sarah coçavam a cabeça, pensando que a falta de banho irritava o couro cabeludo. Depois de um tempo, não puderam mais negar as evidências: estavam com piolhos.

As garotas acostumadas à fazenda prestavam pouca atenção à limpeza. Mantinham seus cabelos curtos e passavam querosene nos fios para matar os bichos. Edith e Sarah também experimentaram o tratamento com querosene. Edith ficou curada, mas Sarah não teve a mesma sorte.

– A coceira está me deixando louca – reclamava todos os dias pela manhã, enquanto se sentava com Edith perto do fogão, na sala de aula no térreo. O dormitório estava gelado naquele novembro e quase não havia aquecimento na casa.

– Você tem que parar de coçar, Sarah – aconselhou Edith. – Veja o que você está fazendo na sua cabeça!

O couro cabeludo de Sarah estava em carne viva e havia grandes feridas avermelhadas substituindo seus lindos cabelos.

– Não consigo! – disse Sarah, sentando-se em cima das mãos. – Parece que eles estão comendo meu crânio! – Ela coçou mais um pouco, conseguiu tirar um pequeno piolho com as unhas e examinou-o cuidadosamente. – Como uma coisa tão pequena pode ser tão nojenta? – perguntou, arremessando o piolho para dentro do fogão.

Por um momento, o bichinho ficou parado ali, depois deu um salto e ficou pulando para cima e para baixo. Finalmente, explodiu bem diante de Sarah e Edith. As amigas se olharam, espantadas, e caíram na risada.

– É isso aí! – gritou Sarah. – Vamos queimá-los! Adeus, piolhos!

As duas começaram a caçar piolhos na cabeça de Sarah, arremessando-os para dentro do fogão. Um depois do outro, os bichinhos pulavam e explodiam. Era uma cena maluca e divertida.

– Tome isso, seu bicho horroroso! – gritava Edith. – Isso vai ensinar você a nunca mais chegar perto de mim!

Sempre tão cautelosa e delicada, Edith sentia-se selvagem e forte. Era bom sentir-se assim. Ela e Sarah explodiram os piolhos até ouvir a professora e as alunas se aproximando. Então, pularam nas suas carteiras, abaixaram as cabeças e tentaram não chamar a atenção. O momento de diversão tinha acabado.

Por mais divertido que tivesse sido, não resolveu o problema de Sarah com os piolhos. Ela continuava a se coçar e a unhar o couro cabeludo. Até tentava se controlar, ignorando a terrível coceira. Usava luvas, até quando dormia, para impedir que coçasse a cabeça com as unhas. Mas os piolhos continuavam a se reproduzir, a coceira piorava, e as feridas ficavam cada vez mais inflamadas e doloridas. Para não infeccionar ainda mais as feridas, só havia uma solução.

– Não! – berrou Sarah. – Eu não vou cortar meu cabelo! Qualquer coisa menos isso!

Sarah agarrou os cabelos e puxou-os para trás, num coquinho atrás da cabeça, tentando segurar todo o cabelo dentro das mãos. Edith estava parada na frente dela, segurando a tesoura da professora. Não disse nada: apenas ficou ali, olhando para a amiga, resoluta. Finalmente,

Sarah desistiu e sentou-se na frente de Edith.

Sem dizer nada, Edith começou a cortar. Sarah estremecia cada vez que a tesoura picotava seus cabelos. Não chorou nem reclamou. O cabelo continuava caindo, quase como lágrimas, amontoando-se ao redor de seus pés.

Nos dias seguintes, Sarah manteve-se quieta e recolhida, como se seu humor tivesse ido embora com seus cabelos. Seus olhos eram tristes e vazios e seu olhar, perdido.

– Sarah, por favor, não fique tão triste – implorou Edith, tentando passar à amiga um pouco da confiança que sempre recebera dela. – Seu cabelo vai crescer de novo, você vai ver.

Sarah não respondia. Além disso, Edith sabia que Sarah não estava triste apenas por ter perdido seus lindos cabelos, mas por ter perdido tudo na vida: sua família, sua liberdade e sua identidade.

Edith tentava animar Sarah parecendo animada. Mas sentia-se tão triste quanto a amiga. Esconder-se assim era muito mais difícil do que se esconder em Moissac ou na floresta durante o *camp volant*. Aqui, Edith tinha de esconder quem ela era. Sabia que não tinha como tirar Sarah de seu torpor e não tinha mais energia para continuar tentando. Piolhos e sujeira pareciam problemas menores comparados a esconder a identidade e morrer de fome.

Edith estava sempre com fome. O racionamento tinha ficado tão severo que sua comida para um dia inteiro às vezes se resumia a um prato de mingau de aveia no café da manhã e uma sopa com um pedaço de batata no almoço. O jantar era uma massa feita com sobras, uma coisa tão nojenta que só o cheiro fazia o estômago de Edith revirar. Ela conseguia contar suas costelas e sentir seus ossos aparentes. Era ainda pior quando as meninas da fazenda faziam piada sobre a comida ruim e o racionamento na cidade em contraste com as hortaliças frescas, a carne e os queijos que as esperavam em casa nos fins de semana. Edith e Sarah apenas ouviam e sonhavam com a comida.

– Quando voltar para casa, vou fazer uma grande panelada de cozido, com um monte de purê de batata, sorvete, torta...

Edith e Sarah estavam andando pelo quintal num domingo de manhã. Ali, longe dos ouvidos da casa, podiam conversar sem medo de falar algo que as denunciasse como judias.

Sarah apenas sorriu sem muita convicção.

– Eu só quero ir para casa.

– Eu sei, mas não consigo evitar falar de comida. – Edith estava tentando ignorar o mau humor de Sarah. – Talvez até coma um croissant, ou dez, e um saco de doces!

As garotas conheciam aquele quintal muito bem. Era ali, no canto mais escondido, que elas dançavam todas as sextas-feiras à noite e desejavam a paz do Sabbath umas para as outras. Nesse momento, porém, prestavam atenção na cozinha. A cozinheira estava jogando alguma coisa dentro de um grande cesto de lixo. Ela raspou a panela e voltou para a cozinha.

– Venha! – chamou Edith. – Vamos ver o que ela jogou ali.

Ela puxou Sarah até o cesto de lixo. Olhando em volta, certificando-se de que ninguém as via, olharam lá dentro. O cheiro era terrível: uma mistura de vegetais estragados e carne podre. Entre os restos em decomposição, Edith enxergou algo.

– Ei! Acho que tem comida aqui!

– Vamos embora! – pediu Sarah, com medo. – Vamos nos meter em apuros!

– Só um segundo.

Edith tapou o nariz e mergulhou dentro do lixo, saindo com um maço de cenouras estragadas.

As duas correram até os quatinhos de despejo no fundo do quintal. Lá dentro, em segurança, Edith examinou seu achado, separando cuidadosamente a sujeira e os pedaços de cenoura que estavam moles demais.

– Não é comida da fazenda, mas é melhor do que nada – sorria Edith.

Ela entregou metade de seu tesouro para Sarah, que sorriu agradecida. As duas sentaram-se para comer. “A cozinheira não devia ter jogado fora alimentos que ainda podem ser consumidos”, pensou Edith. Se a diretora soubesse, ficaria furiosa. Mas o descuido da cozinheira foi a salvação de Sarah e Edith. Cenouras podres nunca foram tão saborosas. Não era um banquete, mas encheu o estômago vazio de Edith. Quando estavam acabando de comer, ouviram os sinos da igreja. Tinham perdido a noção do tempo.

Correram para dentro da casa e encontraram a diretora, que saía do escritório.

– Por onde vocês andavam? – quis saber.

– Estávamos no quintal, madame – respondeu Edith, ofegante.

Madame Picot olhou as garotas de cima a baixo, suspeitando de algo.

– Bem, juntem-se às outras. É hora de ir para a igreja.

Edith e Sarah saíram atrás da diretora, andando em direção à igreja.

ORAÇÕES PARA DEUS

QUANDO as garotas foram informadas de que teriam de frequentar a missa semanalmente, Edith ficou apavorada. Uma coisa era dizer às pessoas que você era católica, outra bem diferente era saber agir como católica. Todos esperavam que ela soubesse seguir os rituais da igreja e entender as missas em latim. Claro que alguém poderia notar sua completa ignorância e sua identidade real seria revelada.

Mas ela não tinha escolha. Observava as garotas ao seu redor e copiava cada movimento: ajoelhava-se quando elas se ajoelhavam, juntando as palmas das mãos em oração na frente do peito, abaixando a cabeça e fazendo o sinal da cruz no mesmo ritmo. Aprendeu as palavras em francês e murmurava um latim incompreensível quando necessário. Em pouco tempo, o teatrinho ficou fácil.

A grandiosidade da igreja em Ste-Foy-la-Grande sempre maravilhou Edith. Era uma construção enorme, de pedra cinza, com dois grandes campanários e uma cruz imponente sobre a porta principal. A madeira escura dos bancos brilhava; o Sol, filtrado pelos vitrais coloridos lá em cima, iluminava com raios multicoloridos os corredores. A estátua da Virgem Maria parecia sorrir para Edith, oferecendo o carinho e a proteção que ela tanto queria. Lá fora poderia estar havendo uma guerra, mas ali, dentro daquele lugar de adoração, havia apenas paz e serenidade.

Edith andou com passos firmes até os bancos e fez uma reverência com a cabeça. Escorregou pelo banco até ficar perto de Sarah, ajoelhando-se no pequeno pedaço de madeira à sua frente. Fez o sinal da cruz, como vira os outros fazendo. Com o dedo indicador e o médio, tocou a testa, o meio do peito, o ombro esquerdo e depois o ombro direito. Depois, juntou as mãos em oração e fechou os olhos.

“Deus, o senhor não se importa por eu estar fingindo ser católica, não é?”, perguntou Edith silenciosamente. Ela sabia que Deus era Deus, não importava onde estivesse ou como rezava. O Deus dentro da igreja era o mesmo Deus que ela conhecia. Rezou baixinho:

– Mantenha Mutti e Papa em segurança. Tome conta de Gaston e Therese e de todas as outras crianças de Moissac. Tome conta de Shatta, Bouli, Germaine e Henri. Sarah está tão triste. Por favor, proteja-a e ajude-a a sorrir de novo. Meu Deus... Eu estou tentando ser corajosa, mas estou com muito medo. Por favor, ajude-me também.

Edith abriu os olhos e fitou a estátua da Virgem Maria, com seu olhar terno e seus braços estendidos. Ela teve um desejo imenso e repentino de se atirar naqueles braços maternos. O padre estava cantando junto com a congregação, o que lembrou Edith das cerimônias na sinagoga, havia tantos anos, em Viena. Ela não entendia as palavras do rabino em hebraico, assim

como não entendia as palavras do padre em latim, mas agora aprendera a apreciar apenas o canto.

A missa foi rápida. A congregação se levantou e Edith seguiu seus movimentos. Fez o sinal da cruz junto com todos os outros. De repente, ao seu lado, Sarah ficou paralisada e Edith assustou-se. As duas cruzaram o olhar, percebendo o exato momento em que Edith tinha feito o sinal da cruz com a mão esquerda, e não com a direita.

Edith sentiu suas bochechas ficarem vermelhas. Seu coração quase explodiu dentro do peito e ela sentiu que sua testa começava a suar. Fazer o sinal da cruz era uma coisa tão simples e básica para qualquer católico que o fazer incorretamente era como gritar para o mundo todo que você era um impostor. Edith ouviu a voz de Shatta dentro de sua cabeça: “Não pode haver erros. Sua segurança depende disso”.

Edith não tinha colocado apenas sua própria vida em risco, mas a de Sarah e a de suas colegas também. Desesperadamente, olhou o rosto das pessoas ao redor. Será que alguém tinha percebido? Homens e mulheres cumprimentavam-se, dando-se as mãos, desejando a paz e o fim da guerra.

Ninguém prestou atenção nela.

Sarah pegou a mão da amiga e as duas saíram da igreja.

— Essa foi por pouco... — sussurrou Edith.

Sarah concordou e acrescentou:

— Pensei que Jeanette, que estava do meu lado, tivesse visto. Mas depois percebi que não.

Como todas as outras garotas, Jeanette dava risadinhas e conversava com suas amigas, ignorando Edith e Sarah, como de costume. Dessa vez, Edith ficou aliviada por ser invisível para as outras garotas. Ser invisível significava que seus erros não seriam tão observados. Mesmo assim, tinha de ter um cuidado especial.

Edith ficou preocupada pelo resto do dia. “Talvez eu devesse parar de ir à escola”, pensou. “Talvez seja melhor eu ficar reclusa e evitar os lugares onde até um pequeno erro possa me denunciar.”

Por pensar assim, Edith acompanhou, com relutância, Madame Picot e as outras garotas para as compras de rotina na cidade. Ali, madame compraria os suprimentos para a escola e as garotas ajudariam carregando os pacotes. Edith sempre imaginava para onde iam esses suprimentos. Ela e suas amigas de Moissac nunca usaram o sabonete e as roupas que madame comprava.

Edith andava devagar pelos corredores quase desertos da loja, inspecionando as prateleiras vazias e preenchendo os espaços com todas as coisas que compraria. Sem se dar conta, já estava perdida em suas lembranças, quando brincava de “lojinha” com Therese.

— Eu vou levar um frasco de perfume e dois sabonetes. Oh, não, não esse perfume... aquele bem caro!

Therese, a dona da loja, rapidamente juntava o pedido de sua jovem cliente.

— Claro, mademoiselle sempre escolhe o melhor!

— Então, já vou levar dois frascos. Por favor, embrulhe tudo!

Quando as lembranças desses dias felizes se dissiparam, Edith esticou a mão e tocou uma fita

colorida exposta em cima de uma mesa. Ela queria tanto ter uma fita para amarrar o cabelo, como Mutti amarrara seus cabelos tantas vezes. Estava tão perdida em seu devaneio de felicidade que nem percebeu que alguém parava ao seu lado.

– Olá, garotinha.

Assustada, Edith olhou para cima e deu de cara com um soldado nazista.

– Eu disse olá!

– Bonjour. Bom dia – murmurou Edith, as palavras presas na garganta.

O soldado olhou para ela com um sorriso tolo, os braços cruzados à vontade sobre o peito. Ela ouvia o ranger de suas botas pretas quando ele mexia os pés.

– Qual é o seu nome? – perguntou o soldado, aproximando-se. Edith sentiu cheiro de cigarro.

– Sou Edith – conseguiu pronunciar. – Edith Servant.

– Edith... – repetiu o soldado, pensando, olhando-a de cima a baixo. – É um nome alemão, não é?

A cabeça de Edith girava. O que ele queria dizer com isso? Será que ele tinha percebido que seu sotaque não era francês? Tinha adivinhado que ela era judia? Ele iria arrastá-la para fora e atirar nela? Todas essas perguntas assolaram Edith enquanto encarava o soldado nazista. Então, de repente, lembrou-se de algo que podia dizer.

– Edith é um nome francês – respondeu, olhando bem nos olhos dele. – Nunca ouviu falar de Edith Piaf?

Edith Piaf era a cantora mais famosa da França. Fotos dela estavam nas revistas e nos jornais e todos conheciam sua música.

O soldado parou por um momento e deu uma risada.

– Claro que sim! Muito esperta, pequenina, assim como Edith Piaf.

Deu-lhe um tapinha de leve na cabeça e se afastou.

Edith apertou os olhos, tentando controlar a tremedeira. Claro que o soldado tinha percebido que ela era judia; ele apenas decidiu ignorá-la. Talvez seu pensamento rápido o tivesse entretido, o que certamente salvou sua vida.

– Você está bem?

Edith abriu os olhos e viu que Sarah a encarava.

– Você viu o que aconteceu?

Sarah confirmou.

Era a segunda vez que ela quase tinha sido descoberta, pensou Edith no caminho de volta, acompanhando Sarah e as outras. Foram dois momentos aterrorizantes. Era mais do que conseguia aguentar em apenas dois dias. Era mais do que a maioria das pessoas conseguiria aguentar em uma vida inteira.

A TRISTEZA DE SARAH

Abril de 1944

POR MUITOS DIAS, Edith não conseguiu tirar a imagem do soldado da cabeça. Ainda conseguia ouvir o ranger das botas, o cheiro de cigarro velho. Seus sonhos estavam repletos de soldados fazendo perguntas enquanto ela fazia o sinal da cruz com a mão esquerda seguidamente.

Edith acordou confusa e desorientada. “Onde estou?”, perguntava-se, tentando decifrar contornos na escuridão. “Quem sou eu?”, perguntava-se, ao sentar-se para assistir à aula. “Eu disse para o entregador de leite que meus pais morreram? Onde eu nasci?” Ao mesmo tempo, as últimas palavras de Mutti assombravam seus ouvidos: *Lembre-se de quem você é*. “Quem sou eu”, pensava Edith, “se todos os dias eu minto para as pessoas ao meu redor?”



Semanas se passaram antes que a dor daquele dia se tornasse apenas um incômodo. Edith escondeu-a bem, para que os outros não a vissem. Era a única maneira de continuar vivendo. Era o primeiro dia quente de primavera: havia sete meses, ela e Sarah tinham recomeçado a frequentar a escola. Como foi possível aguentar tanto tempo? Teriam de passar outro inverno naquele esconderijo?

As garotas estavam sentadas nos degraus da escola, escutando as bombas explodindo ao longe, como um trovão anunciando a chuva. As explosões tinham se tornado frequentes.

– Talvez as bombas sejam um bom sinal – observou Sarah, hesitante. – Talvez isso signifique que a guerra terminará logo.

Edith concordou. Ela sabia que os aviões dos Aliados estavam encurralando o exército de Hitler.

Algumas noites antes, Edith e Sarah estavam fuçando nos fundos da cozinha atrás de comida, quando Edith conseguiu ouvir a voz do presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, pelo rádio.

Até a vitória que temos assegurada chegar, os Estados Unidos manterão seus esforços em resgatar as vítimas da brutalidade nazista. Este governo usará todos os recursos necessários para auxiliar na libertação de todas as vítimas.

A mensagem do presidente estava em inglês, idioma que Edith estava aprendendo na escola. Ela não entendeu todas as palavras que escutou, mas algumas eram muito claras. O presidente, em seu tom de autoridade, tinha dito “a vitória que temos assegurada”. Isso só podia significar que ele estava confiante que os Estados Unidos e os Aliados derrotariam Hitler e seu exército.

— Só podemos esperar que sim — disse Edith, finalmente.

Sobre suas cabeças, as folhas das árvores sussurravam e dançavam na brisa morna. Edith virou-se para o Sol: entre as folhas escuras, podia ver centenas de borboletas, com suas asas dobradas, agarrando-se às folhas e balançando ao sabor do vento. Enquanto observava, as borboletas começaram a flutuar, abrindo e fechando as asas cor de laranja, com listras pretas e brancas. Então, todas levantaram voo e partiram de carona com o vento, como um buquê voador.

Edith estava tão envolvida com os movimentos das borboletas que nem reparou quando Sarah deu um pulo e saiu correndo na direção de um jovem parado perto do portão. Ela observou apenas quando Sarah já se atirava nos braços dele.

— Jacques! — gritava. — O que você está fazendo aqui? Como chegou aqui? Edith, este é meu irmão, Jacques.

Sarah estava tão surpresa que gaguejava.

Jacques era alto e magro e estava com as roupas largadas e rasgadas. Apreensivo, tirou o chapéu e olhou em volta.

— Estou viajando há semanas, Sarah — murmurou —, procurando por você. Depois de muito tempo encontrei Germaine, sua tutora em Moissac. Levei um tempo até conseguir convencê-la de que era seu irmão e saber onde você estava. — Jacques deu um sorriso triste. — Acho que ela gostou de mim.

Sarah estava praticamente saltitando.

— O importante é que você está aqui! — Baixou a voz e olhou em volta. — Mas você não pode ficar, Jacques. As outras pensam que somos órfãs e não temos mais ninguém. Oh, por favor, me diga como você está, como está Maman e...

— Não tenho muito tempo, Sarah — interrompeu Jacques. — E não tenho outro jeito de lhe dar a notícia: Maman morreu. Teve tosse comprida. Tentei achar um médico, algum remédio, mas ninguém pôde nos ajudar.

Jacques e a mãe de Sarah estavam escondidos num barracão: os agricultores deixaram que ficassem se não causassem confusão. Ele descreveu como a mãe foi ficando cada vez mais fraca até que todas as forças a deixaram. Ele a enterrou no campo, próximo de onde estavam, e saiu em busca de Sarah. A cada palavra dita por Jacques, Edith conseguia ver Sarah entristecendo e retraindo-se.

— E Papa? — sussurrou Sarah.

— Ainda sem notícias — disse Jacques, balançando a cabeça.

— E você, Jacques? O que pretende fazer?

— Vou me juntar à Resistência. Agora que Maman se foi, estou livre para ir embora.

Sarah balançou a cabeça.

— Livre?

– Relativamente livre.

Ele ficou mais alguns minutos. Depois, abraçou Sarah, disse adeus para Edith e saiu pelo portão pelo qual havia entrado.

As duas garotas se sentaram nos degraus da entrada, sem dizer nada. Uma borboleta passou batendo as asas bem perto do rosto de Edith e flutuou para cima, até o céu azul. Alguns minutos atrás, o céu estava repleto de delicadas borboletas. Agora, não havia mais nenhuma.

“Isso é tão cruel”, pensou Edith. Ela tinha visto as borboletas nascerem para o mundo quando Jacques chegou anunciando a morte da mãe de Sarah. A vida começava e a vida terminava. Edith abraçou a amiga, e ficaram assim até a hora de entrar na sala de aula.

BOMBARDEIO

SARAH ficou praticamente sem falar nada até o fim do dia e Edith nem tentou puxar conversa. O que poderia ser dito? Além disso, Edith só conseguia pensar em sua própria mãe.

Será que estava sendo egoísta, pensava Edith, preocupada consigo e com sua família enquanto Sarah estava vivendo um pesadelo? Não conseguia evitar os pensamentos que inundavam sua mente. Será que Mutti estava em segurança? Será que ela estava deitada em algum lugar, doente, lutando para continuar viva? Será que Therese seria a próxima a aparecer nos degraus da escola com péssimas notícias? Edith não podia nem imaginar. Mas quem poderia ter imaginado tudo o que acontecera nos últimos meses e anos? Era impensável.

Depois das aulas daquele dia, Edith sentou-se na cama de Sarah e segurou a mão dela. Edith mal conseguia ouvir o som dos motores dos aviões e das explosões, ao longe. Mas, de repente, o ruído dos aviões ficou mais alto.

– Que estranho – disse Edith. – Parece que os aviões estão voando para cá. Talvez estejam circulando antes de voltar e bombardear seus alvos.

Mas o zumbido tornou-se um ronco, e o ronco tornou-se um urro, dando a impressão de que os aviões sobrevoavam a escola.

Edith apertou a mão de Sarah.

– Sarah, acho melhor nós...

A explosão espatifou a janela sobre a cama. Edith e Sarah mergulharam no chão, agarrando-se e protegendo a cabeça. O chão tremia, jogando uma contra a outra, fazendo com que se chocassem com o estrado da cama. Um apito agudo feriu seus ouvidos.

– Vem vindo mais um! – berrou Edith.

A outra bomba explodiu no quintal vizinho. A reverberação balançou a cabeça de Edith e as luzes do quarto piscaram. Caíram quadros das paredes, assim como pedaços do teto. O quarto ficou cheio de fumaça e poeira. Pedaços de vidro quebrado vibravam no chão a cada investida dos aviões. Edith conseguia ouvir as outras meninas gritando e chorando, aterrorizadas.

Logo, não conseguia mais respirar. Seu coração batia tão forte que parecia mais alto do que o som dos aviões. Com certeza a próxima bomba atingiria o prédio onde estavam. “É assim que tudo acabará?”, pensou Edith. “Não!”, pensou, resoluta, como se gritasse. “Não pode ser! Não vou morrer assim! Não vou!”

Segundos depois, o mesmo assobio, e Edith fechou os olhos. Dessa vez, porém, o barulho da bomba foi ao longe. A explosão balançou o quarto mais uma vez, sem tanta violência. Ela ouviu que o barulho dos motores dos aviões se distanciava, ficando cada vez mais baixo e abafado, até

que tudo ficou quieto.

Muito tempo se passou enquanto Edith e Sarah se escondiam embaixo da cama, ainda abraçadas e tremendo, chocadas e em silêncio. Estava tudo em silêncio. Se o barulho das bombas tinha sido assustador, o silêncio total também era. Vagarosamente, Edith levantou a cabeça.

– Você está bem, Sarah?

Sarah estava deitada com o rosto no chão, um dos braços cobrindo a cabeça. Devagar, olhou para a amiga.

– Estou bem – sussurrou.

Com cuidado, as duas saíram do esconderijo engatinhando, tentando tirar o pó e os pedaços de vidro de suas roupas. O quarto estava em frangalhos: colchões, travesseiros e roupas tinham sido arremessados em todas as direções. Prateleiras quebradas cobriam uma pilha de pedaços de vidro e restos do teto. Edith e Sarah andavam na ponta dos pés entre os escombros.

Um minuto depois, Madame Picot entrou correndo no quarto.

– Tudo bem por aqui? Alguém ficou ferido? – Ela estava coberta de pó dos pés à cabeça.

Vendo que não havia nada além de alguns arranhões e pequenos cortes, ela respirou fundo.

– Bem, isso foi uma aventura e tanto! Apenas algumas prateleiras e janelas quebradas. Nada que não possa ser consertado. – A voz de Madame Picot transmitia tranquilidade, mas Edith pôde ver que suas mãos estavam trêmulas. – Então, precisamos limpar tudo isso. Vamos começar colocando as camas no lugar e varrendo esses cacos de vidro. Quero esse quarto em ordem imediatamente.

OUTRA MUDANÇA

MAIO DE 1944

AOS POUCOS, respirando fundo, as garotas começaram a se mexer, seguindo as palavras da diretora. Algumas empurravam as camas de volta e chacoalhavam os cobertores e os travesseiros para que os pedaços de vidro caíssem. Outras recolhiam as roupas e pegavam cuidadosamente os pedaços de vidro maiores do chão. Edith pegou uma vassoura e começou a varrer. O cheiro de fumaça e o pó fizeram seus olhos lacrimejar. Aproximou-se da janela para respirar um pouco de ar fresco e viu que, lá fora, um grupo de pessoas com baldes e uma mangueira tentava apagar um foco de incêndio numa das casas vizinhas. Saía fumaça do chão embaixo de sua janela, provocando uma neblina que deixava o cemitério ainda mais assustador.

Era um consolo poder arrumar o quarto: limpar a sujeira era como passar a limpo o dia todo, varrendo para o esquecimento o que tinha acontecido. Arrumando o quarto, podia-se ter a impressão de que não havia acontecido nada. Só não dava para jogar a guerra no lixo.

Nos dias e semanas seguintes, o bombardeio continuou em Ste-Foy-la-Grande, enchendo Edith de medo e esperança. Os aviões traziam a mensagem de que a guerra podia terminar logo, Hitler seria derrotado e a vida voltaria ao normal. Ao mesmo tempo, havia o medo de ser morta pelas bombas antes que isso acontecesse.

“Não seria irônico”, pensou Edith, sarcasticamente, “ter chegado até aqui e morrer na explosão de uma bomba jogada por aqueles que vieram me socorrer?” Ela queria gritar aos aviões: “Somos judias, estamos escondidas aqui! Não nos machuquem!”. Depois de cada ataque, Edith respirava aliviada, mais uma vez. Esperava que a guerra terminasse logo. Esperava que vivesse até isso acontecer.

O alvo do bombardeio eram os trilhos e pontes perto dali. Sem a ferrovia, soldados, suprimentos e munição poderiam não chegar a tempo, e o exército de Hitler ficaria isolado, sem comida e armas.

As pontes ao redor de Ste-Foy-la-Grande eram bombardeadas regularmente e o perigo para os que viviam ali aumentava a cada dia. Por isso, não houve surpresa com o anúncio do fechamento da escola e a necessidade de mais uma mudança para as garotas.

Foi Germaine quem trouxe as notícias.

— Vocês têm que se mudar imediatamente — anunciou apressadamente ao reunir Edith, Sarah, Ida e Suzanne. A maioria das outras garotas da escola já tinha ido para suas fazendas ou casas e a escola estava praticamente deserta. — Conseguimos uma casa para você, Edith, por isso você virá comigo agora. Virei pegar vocês amanhã.

— Sarah não virá junto comigo? — disparou Edith. — Não vamos ficar juntas?

Germaine balançou a cabeça.

– Cada família só pode ficar com uma garota. Temos sorte de encontrar alguém que possa fazer isso. Temos que nos despedir agora – disse Germaine, já se levantando para encerrar o encontro. – Arrume suas coisas rapidamente, Edith, e me encontre na porta da frente. Não temos muito tempo e eu tenho muito que fazer.

Sozinhas, Sarah e Edith apertaram-se as mãos.

– Será que vamos nos ver de novo? – Sarah finalmente perguntou, numa voz tão baixinha que Edith teve que se abaixar para ouvir.

– Claro! – respondeu Edith, confiante, embora ambas soubessem que não havia garantias. – Você não pode desistir, Sarah. Chegamos até aqui e precisamos ser fortes.

Aquelas palavras eram de Mutti, e Edith queria passar aquela mensagem para a amiga.

– Vou tentar me lembrar – disse Sarah, abraçando-a com força.

O QUARTO DE MARIANNE

A FAZENDA ficava a menos de duas horas a pé da periferia de Ste-Foy-la-Grande. A casa ficava entre duas colinas, perto de um riacho. Havia um barracão de madeira do lado de um grande pasto. Dentro dele, quatro vacas bebericavam num cocho. Quando Edith e Germaine se aproximaram, Monsieur e Madame Merleau abriram a porta e pediram que entrassem.

– Todos nós sabemos quem é você – disse Monsieur Merleau, enquanto se sentavam à mesa para jantar peixe grelhado, batatas e pão fresco.

Era o tipo de banquete com o qual Edith e Sarah sonhavam. Edith pegou um pedaço de pão crocante, passou um pouco de geleia e enfiou-o na boca.

– Pobre criança – lamentou-se Madame Merleau. – Está mais magra do que minhas galinhas famintas. Mas eu vou engordar você!

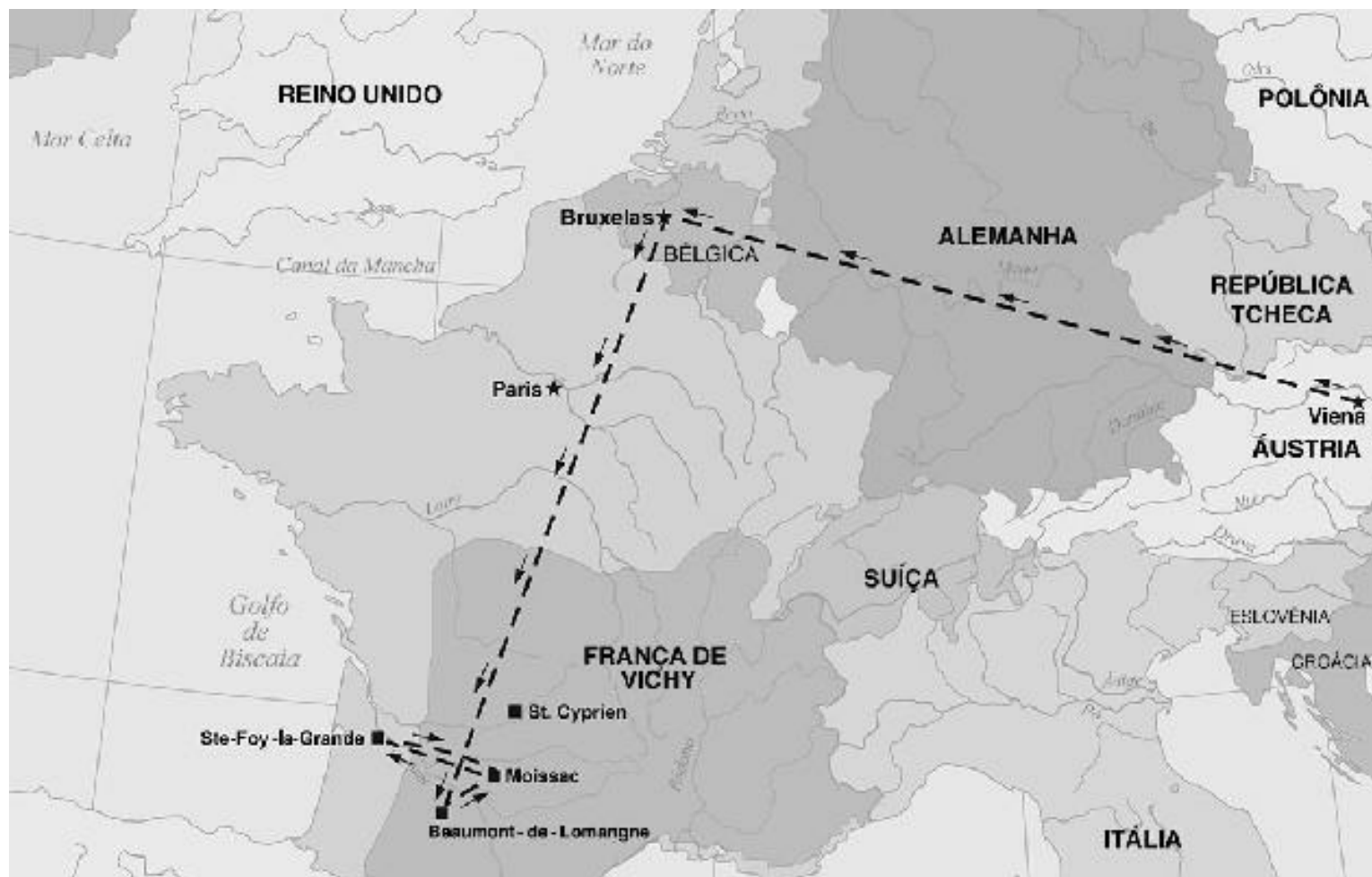
Madame Merleau tinha o rosto mais bondoso que Edith tinha visto naqueles tempos. Suas mãos eram calejadas do trabalho árduo da fazenda, mas seu olhar era amoroso.

– Foi um crime o que aconteceu com os judeus – acrescentou, servindo um copo de leite para Edith. – Especialmente com as crianças.

– Mas não falaremos mais sobre você ser judia – interrompeu Monsieur Merleau, com sua voz grave –, pois isso aumenta o risco que todos estamos correndo. Estamos felizes que você esteja aqui. E seu segredo estará seguro conosco.

– Estamos fazendo apenas o que qualquer pessoa decente deveria fazer – acrescentou a esposa.

– Você tem que me chamar de tio Albert e minha mulher será tia Marie – instruiu Monsieur Merleau. – Você vai conhecer sua nova prima, nossa filha, Marianne, e o noivo dela, logo, logo. Dissemos aos vizinhos que receberíamos uma sobrinha, então...



A jornada de Edith partindo da Áustria, chegando à Bélgica e através da França.

– Acho que por hoje chega, Albert – interrompeu Madame Merleau. – Olhe para a criança. Seu rosto está quase caindo dentro do prato. Ela precisa descansar.

– Sim, por favor, Madame... hã... tia Marie.

Todo o medo que Edith sentiu por tanto tempo havia desaparecido, deixando-a exausta. No aconchego do lar dos Merleaus e na calorosa recepção que recebera, mal conseguia manter os olhos abertos.

– Venha, pequena. Um bom banho e depois um sono bem tranquilo. – Tia Marie olhou séria para o marido. – Vamos explicar tudo amanhã. Albert, por favor, acompanhe mademoiselle até a estrada. Preciso ficar sozinha com Edith.

Uma grande panela cheia de água esquentava no fogão. Tia Marie pegou as roupas imundas de Edith e as jogou no fogo. Depois, esfregou-a dos pés à cabeça, lavando a sujeira encardida. Edith secou-se em frente ao calor do fogo e agradecidamente aceitou a camisola limpa, para depois seguir tia Marie até um quarto aconchegante nos fundos da casa. Uma senhora idosa, num vestido longo e florido, com um bebê nos braços, parecia sorrir para Edith da fotografia. No quarto havia uma cômoda e uma pequena cama, lado a lado.

Tia Marie pegou a mala de Edith.

– Vou me livrar dessas roupas. Você vai usar alguns vestidos que não servem mais em Marianne. Servirão direitinho em você. Não é nada sofisticado, apenas roupas simples e limpas – disse, acariciando a testa de Edith. – Espero que você seja feliz aqui, meu bem. Boa noite, durma

bem!

Edith deitou-se e, apesar do sono, ficou muito tempo acordada, observando as sombras crescerem na escuridão do quarto. Antes de Moissac, dividia o quarto com Therese. Depois, Sarah dormia ao seu lado. De repente, Edith sentiu-se muito sozinha. Queria muito ouvir a respiração de alguém dormindo ao seu lado. Pela primeira vez em meses, desejou ter Sophie, a boneca, com ela. Seus braços sentiam a falta do abraço na boneca macia e o conforto de poder apoiar a cabeça em seu cabelo e roupa.

Mas havia algo muito pior do que esse sentimento repentino de solidão: havia um pequeno buraco na janela em frente à cama de Edith, através do qual entrava o luar. Na solidão e na escuridão desse lugar estranho, sua mente começou a imaginar o pior: “Um soldado virá andando pelo campo, vai atirar por esse burquinho e me matar”, pensou Edith, desesperada. Virava-se na cama, para a esquerda, para a direita, e mesmo assim ainda estava na linha do tiro imaginário. Não importa como ou onde dormisse: estava condenada.

– Respire! – ordenou-se, falando com voz alta no quarto escuro. O som de sua voz quase ecoou no vazio. – Respire fundo!

Ela se forçou a relaxar, repousando os ombros e o resto do corpo, até voltar a respirar normalmente. Pensou em Mutti, como sempre pensava quando tinha medo. Em seu coração, ainda acreditava que Mutti estava a salvo.

– Estou esperando por você, Mutti – sussurrou na escuridão.

Era esse o pensamento que a fazia persistir: a esperança de que encontraria sua mãe logo. Isso lhe dava forças para continuar, além de fazer com que conseguisse fechar os olhos e dormir.

25

JUNHO DE 1944

EDITH se adaptou rapidamente à rotina da fazenda: acordava ao alvorecer todos os dias para ordenhar as vacas e soltá-las para pastar. Limpava o estábulo e voltava para casa para ajudar no preparo do café da manhã. Edith executava suas tarefas com energia e entusiasmo. O sol quente das manhãs de primavera corou suas bochechas, e seus braços e pernas adquiriram força.

Fiel à sua palavra, tia Marie, pouco a pouco, engordou Edith. Conforme seu estômago conseguia tolerar mais comida, lhe eram oferecidas porções mais generosas de carne, batatas e pão com manteiga. Havia racionamento em todos os outros lugares, menos na fazenda. Acabaram-se os dias de fuçar o lixo atrás de sobras de comida.

Marianne Merleau era uma garota forte, com um lindo sorriso e uma trança larga, que balançava nas costas. O cabelo dela lembrava o lindo cabelo de Sarah antes dos piolhos. O noivo de Marianne, Martin, trazia doces para Edith todas as vezes que fazia visitas, o que acontecia todos os dias. Ele seguia Marianne como um cachorrinho, radiante de felicidade a cada sorriso que ela dava em sua direção. A óbvia afeição entre os dois fazia Edith corar e dar risadinhas.

Num dia ensolarado, quando Edith já estava na fazenda havia algumas semanas, Marianne e Martin decidiram fazer um piquenique no campo além do riacho que corria próximo a casa. Esticaram um cobertor entre as flores: anêmonas vermelhas, roxas e amarelas, as flores preferidas de Mutti, margaridas e lírios brancos. Abelhas passeavam preguiçosamente: seu zunido misturava-se ao cricrilar dos grilos e ao cantar dos passarinhos.

Martin pegou seu clarinete e começou a tocar. Edith deitou-se no cobertor e deixou o sol e a música tomarem conta de seu corpo. Quase dormindo, flutuou de volta no tempo, lembranças e imagens confundindo-se em sua mente. Num momento, andava com Papa em Viena, agarrando-se ao seu braço, num dia quente como aquele. A imagem desapareceu e Edith estava nos degraus da casa em Moissac. Mutti estava indo embora e Edith chamava desesperadamente por ela. Outro momento passou: agora, Edith dançava alegremente no quintal da casa em Ste-Foy-la-Grande, as estrelas cintilavam no céu no momento em que ela desejava a paz do Sabbath a Sarah. A última imagem na mente de Edith antes de adormecer foi a do quarto na fazenda.

Sonhou que estava sozinha e as abelhas zuniam, voando em círculos no ar acima dela. O zunido ficou mais alto, e as abelhas voavam ao redor de sua cabeça, zunindo cada vez mais. Edith abriu os olhos e sentou-se, assustada. Aquele zunido era familiar: aviões! E estavam perto!

Olhou em volta, desesperada. Estavam em campo aberto, não havia onde se esconder.

— Bombardeiros! — gritou. — Temos que nos esconder!

Marianne abraçou Edith, tentando controlar sua tremedeira.

– Edith, está tudo bem. Você está segura. São aviões dos Aliados. Não vão nos ferir.

Marianne estava errada. Os Aliados bombardearam Ste-Foy-la-Grande. Tinham que correr! Marianne, porém, segurou Edith com firmeza. O zunido já estava tão alto que reverberava em todo o corpo de Edith. Ela escondeu o rosto no ombro de Marianne.

– Abra os olhos, Edith! Veja! – Marianne gritou.

Vagarosamente, Edith abriu um pouco os olhos. Havia pelo menos dez aviões em formação voando baixo. Daí ela viu o que Marianne queria mostrar.

Martin estava pulando e acenando para os aviões. Edith viu quando o avião balançou as asas, acenando de volta. Edith levantou os braços e riu. Agora ela sabia que estava a salvo.

Observou até o último avião desaparecer no horizonte.

– Que dia é hoje? – perguntou a Marianne. – Quero me lembrar deste dia.

Marianne pensou por um momento.

– Hoje é dia 6 de junho.

Edith caiu de novo sobre o cobertor.

– Hoje é o aniversário de Mutti – lembrou, assombrada.

Martin pegou o clarinete e tocou a melodia de “Parabéns a você”. “Isso é um sinal”, pensou Edith. “Os Aliados estão aqui! Os Aliados estão aqui!”, cantava em sua mente. “A guerra terminará logo. Mutti vai me encontrar.”

26

O REENCONTRO

EDITH não sabia naquele momento, mas o dia 6 de junho de 1944 marcou um evento muito mais importante do que o aniversário de Mutti. Naquele dia, mais de cem mil soldados aliados, na terra e no mar, atacaram a costa da Normandia, no noroeste da França. A invasão pegou o Alto-Comando alemão de surpresa, e as forças nazistas por toda a Europa começaram a recuar. A Segunda Guerra Mundial não acabou oficialmente até maio de 1945, mas, em setembro de 1944, a guerra acabou na França.

Edith continuou na fazenda no verão de 1944. Durante aquele tempo com a família Merleau, ela foi feliz e bem tratada. Mais importante do que tudo: ela estava em segurança. Em setembro, Germaine chegou para levá-la de volta a Moissac.

– Shatta e Bouli voltaram para casa – disse Germaine. – Estamos tentando levar todas as crianças de volta também.

Edith despediu-se, com lágrimas, de tia Marie, tio Albert, Marianne e Martin. Eles haviam se tornado sua família no momento em que mais precisou de cuidados.



A casa em Moissac não tinha mudado nada, mas tudo parecia diferente. Edith tinha agora doze anos e já tinha vivido experiências boas e ruins, que valiam por uma vida, desde a última vez em que tinha estado ali.

– Olá, minha querida. – Shatta e Bouli vieram cumprimentar e abraçar Edith. – Entre – continuou Shatta –, vá se arrumar e conversaremos depois.

Um grupo desconhecido de tutores estava conferindo os nomes das crianças que chegavam.

– Qual é o seu nome? – perguntou um deles, virando as páginas com dezenas de nomes.

– Edith Serv... Não, espere! – Edith parou e pensou. – Schwalb. Sou Edith Schwalb. Esse é o meu nome – declarou.

Naquele momento, Edith reassumia seu nome e identidade havia tanto tempo ocultos.

– Schwalb... – repetiu o tutor. – Temos outro Schwalb aqui. Aqui está ele!

Gaston estava parado ao lado de Edith, sorrindo timidamente.

– Gaston! – gritou Edith.

Abraçada ao irmão, Edith rodopiou e gritou seu nome várias vezes. Depois, parou e olhou para ele: estava muito mais alto, mas dolorosamente magro, e seus olhos eram mais tristes do que ela se lembrava. Ela nem conseguia imaginar como tinha sido a vida dele. Talvez, nesses

meses que passariam juntos, pudessem compartilhar suas histórias. Talvez pudessem tentar entender o que a guerra tinha significado para cada um. Mas tudo isso podia esperar: agora, tudo o que importava era que ele havia sobrevivido.

Nas semanas seguintes, todas as crianças que tinham vivido em Moissac foram voltando, todos vivos e a salvo. Os reencontros eram sempre felizes, mas, em seus olhares, guardavam a dor que tinham vivido.

Edith nem ousou ter a esperança de ver Sarah de novo. Mas, numa manhã, Sarah apareceu na porta do dormitório.

Edith abraçou a amiga com força.

– Seu cabelo cresceu de novo! – disse, finalmente.

Sarah confirmou, tocando, envergonhada, seus cabelos. Ainda estava tão quieta! Levaria muito tempo para conseguir se libertar de sua prisão de dor, começar a falar e a contar sua história. O fim da guerra libertou todos eles. Mas ainda havia alguns, como Sarah, que estavam dentro de suas próprias prisões de tristeza e desespero. Tudo o que Edith podia fazer era apoiar a amiga no que fosse preciso: um ombro amigo para chorar e um ouvido compassivo para escutar.

Um dia, no final de setembro, Edith estava sentada nos degraus da frente da casa. Os sinais da chegada do outono já estavam bem visíveis: as folhas já estavam amareladas e uma brisa amena anunciava um tempo mais frio. Mas ainda havia flores nos campos e os passarinhos voavam e cantavam.

As pessoas andavam pelas ruas de Moissac, cuidando de seus negócios quase como se a guerra não tivesse acontecido: mães andavam de mãos dadas com suas crianças, comerciantes arrumavam suas lojas e mecânicos consertavam carros no meio da rua.

Ao longe, Edith viu duas mulheres carregando malas, andando a passos largos em direção a casa. Na calçada, dirigiram-se para a entrada.

Edith olhou para a mulher mais alta. Reconheceu aquele andar, reconheceu aquele rosto!

Saiu correndo e atirou-se nos braços de Mutti.



Placa em Moissac dedicada a Shatta e Bouli Simon, por seu trabalho em proteger as crianças judias durante a guerra.

EPÍLOGO

RECOMEÇO – MOISSAC,

1945

– **VEJA!** Não mudou nada!

Mais uma vez, Edith e Gaston encontravam-se em frente ao prédio cinzento de três andares em Moissac. O número 18 ainda brilhava no sol da manhã. As janelas, com as barras de madeira em forma de cruz, estavam abertas para deixar o sol entrar, como sempre. Do outro lado da rua, uma brisa fria vinha do rio. Edith respirou fundo, pensando no ano que passara desde o fim da guerra.

Seu reencontro com Therese e Mutti tinha sido o momento mais feliz de sua vida. Junto com Gaston, voltaram a viver num pequeno apartamento em Beaumont-de-Lomagne. Edith voltou a frequentar a escola, ainda mais atrasada nos estudos. Mesmo assim, estava feliz, a não ser por uma coisa: Papa.

Por semanas, Edith e sua família imploraram por notícias dele para as hordas de judeus que voltavam dos campos de concentração. Ela reparava naquelas pessoas, perambulando como espectros, e sentia-se culpada. Como ela pôde reclamar de suas condições em Ste-Foy-la-Grande quando esses prisioneiros tinham sofrido tanto? Ela virava o rosto para não ver seus corpos esqueléticos e rezava para que, entre os que retornavam, alguém trouxesse alguma notícia de seu pai. Um dia, um dos primos de Edith visitou a família no apartamento. Ele tinha ficado preso junto com Papa e trouxe a notícia que todos temiam.

Depois de terem sido presos, ele e Papa foram levados para o campo de concentração de Auschwitz. Os soldados que liberaram o campo no final da guerra distribuíram comida generosamente. Depois de anos de subnutrição, Papa foi um dos muitos prisioneiros que não aguentaram a farta refeição. Morreu no dia seguinte.

Edith ficou abalada com a notícia. Tinha sempre se agarrado à esperança de que seu pai voltaria para viver com ela e com toda a sua família. Agora, ele tinha partido para sempre, e tudo o que restava era a lembrança de um homem forte e carinhoso.

Quando ouviu a notícia, Mutti pareceu envelhecer diante dos olhos de Edith. Essa mulher linda e forte, que lutara tanto para proteger a família durante a guerra, estava derrotada e desolada.

Com o tempo, Edith percebeu que cuidar de três crianças era demais para Mutti. Ela não tinha mais forças. Foi aí que Edith teve a ideia perfeita.

– Mutti, por favor, deixe-me voltar para Moissac.

Era tão simples, pensou Edith. Ela viveria na casa de Moissac. Afinal, aquela era a sua casa, não Beaumont-de-Lomagne ou qualquer outro lugar na França. Ali, naquela casa, ela não seria um fardo. Estava com catorze anos agora: poderia ajudar a cuidar das outras crianças, assim como os jovens tutores que cuidaram dela durante a guerra. Ela já tinha pensado em tudo: levaria Gaston, e Therese ficaria cuidando de Mutti.

Mutti se recusou. Agora, que sua família estava finalmente unida, como poderiam separar-se novamente? Mas Edith foi persistente e prometeu visitar Mutti sempre que pudesse, assim como Mutti prometera visitá-la em Moissac. Ela implorou e suplicou até que Mutti percebeu que seria o melhor para todos. Fazia sentido que Gaston e Edith voltassem para Moissac.

Agora, Edith e Gaston, lado a lado, olhavam para a casa que chamariam de lar.

– Vamos! – chamou Edith, apertando a mão do irmão. – Vamos encontrar Shatta.

Edith e Gaston entraram na casa, passaram pelo saguão e pararam em frente à porta do escritório. Edith bateu suavemente na porta.

– Entrez! Entre! – respondeu alguém lá dentro.

Edith espiou. Ali estava Shatta, sentada atrás de sua grande mesa de madeira. Quando ela viu Edith, deu um pulo e ficou em pé.

– Edith! – gritou. – Que maravilha! Gaston! Como você cresceu!

Gaston gemeu no abraço apertado de Shatta, mas estava obviamente feliz em vê-la e feliz por estar ali.

– Por quanto tempo vocês vão ficar? – perguntou Shatta. – Vocês sabem que são sempre bem-vindos!

Edith respirou fundo. “É a terceira vez que venho para esta casa”, pensou. Na primeira vez, não queria ficar, aterrorizada por separar-se de Mutti. Na segunda vez, quando a guerra estava terminando e Germaine tinha ido buscá-la e a trouxera de volta, o futuro ainda era incerto. Dessa vez, Edith sentia-se determinada. Tinha escolhido Moissac. Ali era o seu lar.

– Ficarei até quando for necessário. Ficarei o tempo que precisarem de mim.



Edith permaneceu em Moissac até 1949. Depois, pediu para ser transferida para Paris, onde se tornou tutora numa nova casa que cuidava de órfãos judeus. Foi ali, em 1953, que Edith se casou com Jacques Gelbard, que também trabalhava na casa. Dois anos depois, Edith e Jacques deixaram a França rumo ao Canadá. Um ano depois de chegar, Edith levou Mutti para viver com ela e cuidou da mãe até sua morte, anos depois. Hoje, Edith vive em Toronto, cercada por quatro filhos e nove netos. Gaston tornou-se um famoso chef em Toronto, tendo até disputado uma eleição para prefeito. A família Gelbard atua no movimento dos escoteiros há três gerações: um tributo à organização que salvou a vida de Edith.



Edith em 1949.



Muitos anos depois da guerra: Gaston na cozinha de seu restaurante.



Edith (abaixo, à esquerda) e as garotas da casa de Moissac, depois da guerra. Elas estão usando uniformes de bandeirantes num acampamento.



Edith (sentada na extrema direita) como tutora, com crianças da casa de Paris, em 1950.



Edith (em cima, à direita) com crianças da casa de Paris, em 1950.



O casamento de Edith com Jacques. Na foto também estão Therese (extrema esquerda), Gaston (sentado aos pés de Therese), Mutti (extrema direita) e outros parentes.



Jacques Gelbard e Edith em Paris, 1950.



Em maio de 2004, Edith visitou Moissac e Ste-Foy-la-Grande. Edith em frente à casa de Moissac.



Edith em frente ao portão da escola em Ste-Foy-la-Grande.



Edith em Ste-Foy-la-Grande. A escola onde ela viveu está à direita. O cemitério fica à esquerda, atrás da cerca viva.

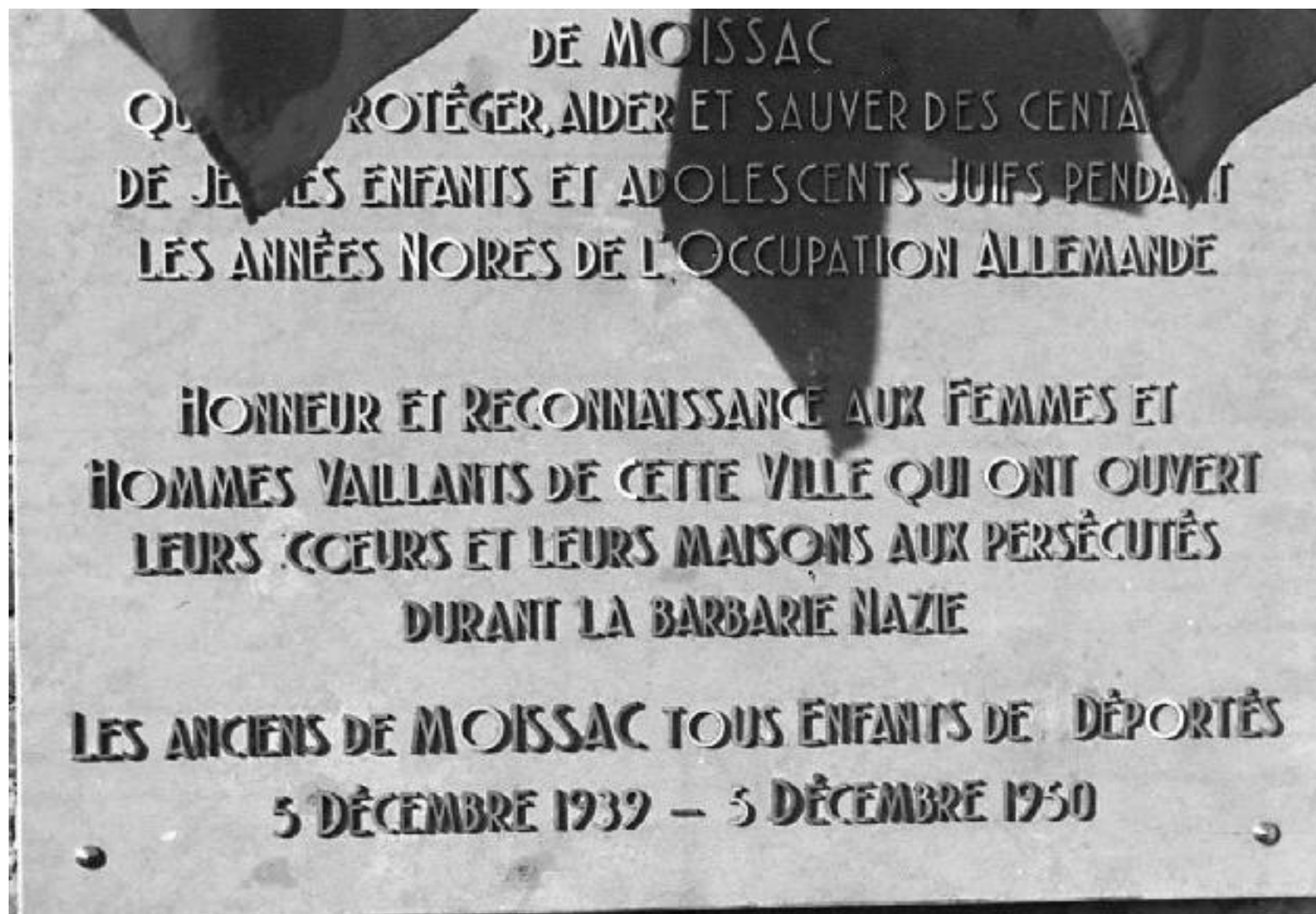
NOTA DA AUTORA

ESCONDENDO EDITH é uma história real. Edith Schwalb nasceu em Viena, na Áustria, em 1932. Junto com a família, deixou a Áustria quando a Segunda Guerra Mundial se aproximava e acabou seguindo para o sul da França. Depois de seu pai ter sido preso pelos nazistas, sua mãe e sua irmã foram se esconder na área rural, e Edith, junto com o irmão, Gaston, foi viver na casa em Moissac.

A casa foi fundada pelos Escoteiros Judeus da França (Éclaireurs Israélites de France) e era dirigida por um jovem casal: Shatta e Bouli Simon. Henri Milstein era o regente do coral, Germaine Goldflus era uma das tutoras, Sarah Kupfer tornou-se a melhor amiga de Edith. Por quatro anos, Shatta e Bouli acolheram crianças judias cujos pais tinham sido presos ou tinham de ficar escondidos dos nazistas. Das mais de quinhentas crianças que viveram na casa durante a guerra, apenas uma não sobreviveu: os pais a levaram embora, desconsiderando o aviso de Shatta e Bouli. A família foi pega e deportada para um campo de concentração.

Toda a cidade de Moissac sabia da casa e de seu propósito, e as crianças podiam frequentar a escola local. Os cidadãos nunca traíram a confiança dos judeus que viviam entre eles. Se havia a ameaça de um patrulhamento nazista, o prefeito avisava Shatta e Bouli. As crianças iam acampar nas colinas ao redor da cidade e só voltavam quando não houvesse mais perigo.

Ao escrever *Escondendo Edith*, tentei ser o mais fiel possível à vida de Edith, uma criança que viveu escondida. Em alguns casos, ela não conseguia se lembrar do nome das pessoas que encontrara durante a guerra, então inventei nomes para diversas pessoas. Eric Goldfarb e Edith nunca se encontraram em Moissac, embora estivessem hospedados ali na mesma época. Eric tinha dezesseis anos e ficou na casa por seis meses antes de se juntar à Resistência. Eric e Edith se conheceram, muitos anos depois da guerra, em Toronto.



Placa afixada em Moissac, em 1950, pelas crianças da casa que sobreviveram à guerra. Diz, em parte: “Para os cidadãos de Moissac, que protegeram, ajudaram e salvaram centenas de crianças judias, nos anos obscuros da ocupação alemã”.

Em maio de 2004, muitas das crianças de Moissac, incluindo Edith e filhos e netos de Shatta e Bouli, voltaram para a casa para uma cerimônia de homenagem. Duas placas foram inauguradas: uma, em memória de Shatta e Bouli Simon; a outra, em memória do prefeito e dos cidadãos de Moissac, que, arriscando suas vidas, salvaram centenas de crianças judias.



Maio de 2004. Reunião dos sobreviventes e cidadãos de Moissac em frente a casa. Edith está bem no meio da multidão, com uma jaqueta branca. Estão ali também jovens escoteiros da comunidade, de costas, em primeiro plano.

AGRADECIMENTOS

ANTES DE QUALQUER PESSOA, meus agradecimentos e minha gratidão a Edith Gelbard, por compartilhar sua história comigo. A primeira vez que ouvi Edith falando de sua experiência em Moissac, ela estava conversando com um grupo de alunos e resumiu sua história em cinco minutos. Naqueles poucos minutos, ouvi uma história extraordinária e quis saber mais. Edith foi paciente em suportar meus milhares de perguntas com graciosidade e humildade, sempre mantendo seu sorriso carinhoso e sua calorosa hospitalidade.

Por intermédio de Edith, fui apresentada a Eric Goldfarb e tive o prazer de entrevistá-lo para preencher as lacunas desta história. Infelizmente, Eric faleceu apenas algumas semanas depois de nosso encontro. Era um homem encantador, caloroso e esperto, e sou grata pela oportunidade que tive de conversar com ele. Também devo muito a sua esposa, Fée, que generosamente compartilhou comigo as fotos e as histórias de Eric.

Meus agradecimentos, como sempre, a Margie Wolfe, da Second Story Press, pelo seu encorajamento contínuo e sua receptividade à minha escrita. A série Holocaust Remembrance, da qual este livro faz parte, é criação de Margie. Ela é uma advogada incansável a favor da informação sobre o Holocausto para jovens leitores. Eu a admiro e a respeito profundamente.

Agradeço também a Charis Wahl por sua paciência e diligência no processo de edição. Agradeço a Carolyn Wood, Melissa Kaita, Phuong Truong e Leah Sandals, as mulheres da Second Story. Elas formam um grupo dedicado e talentoso e é sempre um prazer trabalhar com todas elas. Sou grata pelo apoio do Ontario Arts Council.

Tenho um círculo fabuloso de amigos e familiares. Para aqueles que eu vejo, converso e troco e-mails regularmente, para aqueles que conheci na comunidade de escritores e para todos os que me trazem comida na sexta-feira à noite, meu amor e meu obrigada.

Todos os dias da minha vida, meu marido, Ian Epstein, meus filhos, Gabi e Jake, nutrem minha alma, me dão equilíbrio, perspectiva, humor e amor.

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Título original: *Hiding Edith – A true story*

Copyright © 2006 by Kathy Kacer

Os pontos de vista e as opiniões expressos neste livro, bem como o contexto em que as imagens foram inseridas, não necessariamente refletem a visão, a orientação nem o endosso do The United States Holocaust Memorial Museum. Publicado com a autorização da Second Story Press, Toronto, Ontário, Canadá.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida em nenhum meio, eletrônico, mecânico ou gravado, sem a prévia autorização dos detentores do direito autoral.

Direitos de publicação:

© 2008 Editora Melhoramentos Ltda.

Tradução: Renata Siqueira Tufano Ho

Projeto gráfico e diagramação: Carlos Magno

Foto da autora: Nicki Kagan

Conversão em epub: {kolekto}

1.ª edição digital, maio de 2013

ISBN: 978-85-06-06892-2 (digital)

ISBN: 978-85-06-05576-2 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

